

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 8 DE ABRIL DE 1973 N.º 18064 — ANO 52.º PREÇO 1\$50



O CONGRESSO DA OPOSIÇÃO TERMINA HOJE À TARDE



Mais de centena e meia de teses, abordando praticamente todos os sectores da vida nacional, foram apresentadas no 3.º Congresso da Oposição Democrática que termina hoje em Aveiro. Trata-se do terceiro Congresso que se realiza desde 1957, ano em que Mário Sacramento lançou a ideia de um

Congresso Republicano que agrupasse democratas portugueses de várias tendências para um largo debate dos problemas candentes da vida nacional. Milhares de pessoas de todos os pontos do país continuaram a afluír a Aveiro durante o fim de semana para participarem hoje nos acontecimentos mais importantes do Congresso nomeadamente no Plenário em que serão estabelecidas as conclusões do Congresso e na sessão de encerramento que se iniciará às 19 e 30.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Após quatro dias de intensa e significativa actividade, o Congresso encerra-se com uma sessão que decorrerá a partir das 19 e 30 sob a presidência da eng.ª Virgínia de Moura.

O CONGRESSO DE AVEIRO

Durante o dia e a partir das dez da manhã estavam programadas várias manifestações com as quais se pretendia marcar a data do encerramento do Congresso como o plenário final, presidido pelo prof. Francisco Pereira de Moura, estando indigitado para vice-presidente o dr. Lino Lima, secretariados por um membro de cada comissão coordenadora.

Talvez não seja esta a altura mais apropriada para se fazer um balanço aprofundado do que a Oposição tenha conseguido neste III Congresso de Aveiro, tanto mais que o que importa, por agora, é dar uma síntese dos últimos acontecimentos. Para já, há que relevar a concentração maciça de quase todas as correntes oposicionistas que, apesar das divergências de princípio se alomeram, como nunca, em torno da ideia de uma frente unida, única forma de evitar as cisões que tantos embaraços criaram no passado. Num texto distribuído à Imprensa por cerca de 80 membros da comissão e já depois da publicação das conclusões das diversas secções, nota-se que o imperativo é a necessidade de reconhecer que a Oposição Democrática deve rever a sua estru-

tura política e as consequentes «formas de intervenção». Afirma-se nesse texto que «a Oposição Democrática terá de rever a sua actuação futura em face dos fracassos (em parte justificáveis) das campanhas eleitorais dos últimos 25 anos e da própria evolução da política nacional, concluindo por defender a luta pela real unidade de todos os sectores oposicionistas.»

Este espírito presidiu como se sabe, a todas as sessões realizadas, nas quais tomaram parte cerca de 4.000 congressistas. As teses apresentadas andaram à volta de 160, divididas por oito secções subordinadas aos seguintes temas:

Desenvolvimento económico e social, Estrutura e transformação das relações de trabalho, Segurança social e saúde, Urbanismo e habitação, Educação, cultura e juventude, Desenvolvimento regional e administração local, Organização do Estado e direitos do homem, Situação e perspectivas políticas. A grande maioria das teses expostas entraram fundo nas realidades que determinam a posição oposicionista, frente às circunstâncias actuais da política que determina o presente português.

A maioria dos órgãos de informação distinguiram a importância deste Congresso tentando acompanhar as suas várias fases e interpretar a seu modo,

tudo o que ali ocorreu. Assim um membro da comissão nacional afirmou: «embora a princípio quando começaram as reuniões preparatórias nem sempre houvesse uma unanimidade de pontos de vista, à medida que os trabalhos foram progredindo, essa unanimidade foi ganhando vulto, uma vez que se entendeu ser o Congresso da Oposição Democrática mais uma frente de luta e uma outra forma de encontrar caminhos para resolver problemas que afectam o futuro do País.»

Procurando chegar à utilidade deste Congresso, voltamos ao documento de que falámos há pouco, subscrito por 80 membros da comissão e em que, entre outras coordenadas se estabelece «inscrever como primeiro objectivo a atingir a modificação de uma lei eleitoral com o estabelecimento do voto obrigatório e sugerindo por último, a fundação de um jornal de publicação diária ou semanal esclarecer o povo em tudo quanto se refira ao recenseamento eleitoral, colaborar no sentido da inscrição dos cadernos e estudar os meios de atingir o supremo objectivo: o voto obrigatório extensivo à maioria dos portugueses de ambos os sexos de 21 anos (prevendo a redução para os 18 anos) e que saibam ou não escrever e sem esquecer os emigrantes».

São também adeptos os or-

Continua na pag. 4

O ESTREITO DE ORMUZ

Considerado vital para o Irão

WASHINGTON — O Irão propôs um plano que lhe daria o controlo de toda a navegação para ou do Golfo Pérsico, de onde vêm agora dois terços do petróleo do mundo não comunista.

O Irão pediu a Oman para inspecionar conjuntamente todos os navios que passassem através do estreito de Ormuz — a entrada para o Golfo Pérsico sobre o qual se encontram escarranchadas as duas nações. O Irão considera o estreito como a sua saída vital para o mundo exterior.

Em conversações com o primeiro ministro soviético Alexei Kosygin, em Teerão, em meados de Março, o xá Mohamed Reza Pahlevi expressou o seu descontentamento quanto à presença de unidades navais soviéticas no Golfo.

Os iranianos estão também descontentes quanto ao envolvimento soviético na construção de um novo porto iraquiano em Qasr.

A Arábia Saudita, cujos chefes, segundo se crê, estão cada vez mais apreensivos acerca do incremento militar iraniano e da política expansionista no golfo, pode também vir a contrapor um esquema que daria um domínio sobre o estreito a um Estado não árabe.

Enquanto os pormenores do plano persa continuam imprecisos, pensa-se que ele envolve o estabelecimento de uma estação de controlo da poluição numa ilha no próprio estreito ou perto dele, cuja largura é de cerca de quarenta quilómetros. Todos os navios deveriam demandar a estação para descarregar os seus resíduos, e os petroleiros vazios teriam igualmente de desfazer-se dos seus resíduos de petróleo, existentes nos porões, antes de proseguirem viagem no golfo, cujo fundo é bastante baixo.

Diz-se que o plano foi discutido já com os japoneses, que já expressaram o seu interesse em estabelecer um contrato para pôr a estação a funcionar.

Oman está interessado no



projecto, segundo as mesmas fontes, porque obteria alguns lucros com as taxas a pagar pelos navios para descarregamento dos resíduos de naftas.

Sabe-se que o xá está preocupado com o crescente perigo de poluição no Golfo, dado o vasto número de petroleiros na sua rota para carregar o petróleo no Irão e nos Estados árabes do Golfo.

Cerca de 17 milhões de barris de petróleo — aproximadamente um terço do actual consumo total do mundo não comunista — deixam o Golfo diariamente através do estreito. O Japão depende das fontes do Golfo em cerca de 90 por cento das suas necessidades de petróleo, e a Europa Ocidental recebe mais de metade do seu abastecimento daquela zona.

Fontes bem informadas locais dizem que o plano iraniano visa a prevenir o embarque de armamentos por parte de países hostis para os dissidentes que operam nos Estados do Golfo Pérsico, e o controlo da poluição.

Algumas destas fontes consideram a preocupação do Irão quanto à poluição como claramente secundária relativamente às suas preocupações quanto à segurança. Realçam que, no passado, os governos árabes também forneceram armas via Golfo aos rebeldes iranianos.

Apenas conversações exploratórias sobre o plano iraniano

Continua na pag. 32

LEIA HOJE

Um artigo sobre o primeiro «Peace-maker» atómico implantado em Portugal, na página 7; a habitual crónica de Chianca de Garcia, «Carta do Brasil» (pag. 11); as sínteses dos «7 dias» e o comentário internacional que as acompanha, sob o título «Boicote à carne».

LEIA AMANHÃ

No suplemento «Exclusivo» mais um artigo da série «As 3 faces da África atlântica», assim como outros temas de flagrante actualidade. Alguns deles: «O Brasil e a normalização da vida política»; «As eleições francesas e os sindicatos»; «Xangai — a maior cidade do Mundo», e outros; «Pelo Mundo».

“TOURADA”: 10.º LUGAR NO EUROFESTIVAL

A canção «Tu Te Reconheces», interpretada por Anne-Marie David foi a vencedora do XVIII Festival da Canção da Eurovisão que ontem à noite se realizou no Luxemburgo. Já no ano passado uma canção luxemburguesa, «Après Toi», interpretada por Vicky Leandros, arrebatou o primeiro lugar no certame. Assim, o Luxemburgo passa a igualar a França no número de vitórias (quatro) em eurofestivals.

A «Tourada», interpretada por Fernando Tordo, canção que, como todos se recordam, venceu o X Grande Prémio TV da Canção Portuguesa e que, por isso, foi a representante nacional a este festival, classificou-se em 10.º lugar, ex-aequo com a Irlanda e à frente da Bélgica, da Suíça, da Jugoslávia, da Itália, da Holanda e da França. Nos lugares de honra classificaram-se a Espanha e a Inglaterra, respectivamente a quatro e a seis pontos da canção vencedora.



EDIÇÃO DE 32 PÁGINAS

REGIONAL

NOVA DOCA EM LEIXÕES

O porto de Leixões vai dispor de mais uma doca, a n.º 4, para cuja empreitada de construção a Administração dos Portos do Douro e Leixões

abriu o respectivo concurso público, o qual se efectuará na sede daquele organismo, no Palácio da Bolsa, em 27 de Junho, às 15 horas. A caução provisória é de 5 000 000\$00.

O processo do concurso está patente, todos os dias úteis, durante as horas normais do expediente, na Divisão de Secretariado daquela Administração e, também, na Secretaria-Geral do Ministério das Comunicações, em Lisboa.

FACULDADE DE ENGENHARIA

O dr. Horácio da Maia Ferreira e Costa, professor auxiliar, além do quadro, da Faculdade de Engenharia foi nomeado,

por três anos, professor extraordinário do subgrupo C (Metalurgia) do 4.º grupo (Minas e Metalurgia) do mesmo estabelecimento de ensino.

VOLUNTÁRIOS PORTUENSES

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Portuenses celebra no domingo mais um aniversário da sua fundação.

COMEMORAÇÕES DA PÁSCOA

Na terça-feira, na igreja de Nossa Senhora da Conceição haverá o encontro pascal da P.S.P. do Porto, pessoal e seus

familiares. As cerimónias começam com conferências preparatórias, às 9 horas, num salão anexo àquele templo.

MIRA DE AIRE VAI COMEMORAR 40.º ANIVERSÁRIO

Mira de Aire vai comemorar o 40.º aniversário da sua elevação a vila no dia 10 deste mês. Do programa das festas constam várias comemorações na vila e à noite queima de fogo de artifício preso.

No dia 22, será apresentado um espectáculo pelas diferentes secções do Círculo de Cultura Mirense; dia 29, proce-

der-se-á a uma largada de touros em recinto fechado. Para Maio estão previstas gincanas de automóveis e de motorizadas, além de outras provas desportivas; em Junho, serão promovidas noites populares com sessões de fado e sardinhas assadas, nova largada de gado bravo e o concurso do vestido de chita e, em Julho, serão inauguradas as grutas do Moinho Velho, interessantes pelo seu pitoresco.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE COIMBRA

COIMBRA — Na sessão da Câmara Municipal, o presidente, Eng.º Araújo Vieira pôs à aprovação uma pòs à aprovação uma proposta pòs à aprovação uma proposta para a efectivação do projecto definitivo para a construção do edifício para a Biblioteca Municipal, no troço do prolongamento da Rua Nicolau Chanterenne, em terrenos do Município, trabalho que será entregue a um Gabinete de Estudos Urbanos, de Coimbra, e cujo custo do projecto ultrapassará os mil contos. A Câmara aceitou com verdadeiro entusiasmo a proposta e deliberou sobre tão im-

portante empreendimento, estando previsto que custe cerca de vinte mil contos. Finalmente após alguns anos de intervenções camarárias, particularmente os que tiveram a seu cargo o pelouro que enquadra a Biblioteca e de diversas campanhas na Imprensa, surgiu um motivo a considerar a esperança de uma realidade, embora ainda distante.

A propósito de diversas perguntas na Imprensa sobre o nome a dar ao prolongamento da Rua Nicolau Chanterenne, o presidente propôs que esse troço, que vai do Largo Machado de Assis até Celas, fosse designado Alameda Calouste Gulbenkian, o que mereceu apoio de toda a vereação, tendo sido posta em relevo a obra daquele grande benemérito.

Cada um dos vereadores teve palavras de muito merecimento para a memória de Gulbenkian concluindo-se que, sobre esta manifestação do gratião, outra terá de surgir em Coimbra em mais vincada plano de reconhecimento pelo que ao mundo tem oferecido a sua grande obra, que a Fundação Gulbenkian, da presidência do sr. dr. Azeredo Perdigão.

Casamentos de Santo António

FARO — Com o patrocínio da Câmara Municipal, a Comissão das Festas de Santo António e a Associação da Sagrada Família promovem este ano, pela primeira vez, os Casamentos de Santo António, na capela em que é venerando o taumaturgo.

Os interessados devem entrar em contacto com os respectivos párocos da cidade e com a Comissão das Festas, na Rua de Berlim, 41 ou na Rua Caldas Xavier, 1, nesta cidade.

Os noivos serão auxiliados em parte das despesas e receberão prendas oferecidas pelo comércio citadino e outras.

UM EXEMPLO DE CORAGEM



Cego de nascença, Harold Krents é hoje aluno de Direito da Universidade de Oxford. A sua coragem, força de vontade para triunfar e a alegria de viver são-nos transmitidas através do seu livro, intitulado "Desafio ao Vento". Leia o resumo dessa obra-depoimento, no número de Abril de Seleções do Reader's Digest.



ALVARO TORRÃO

O «CEC» — Centro de Ensino por Correspondência — pioneiro dos cursos por correspondência em Portugal, fundado e dirigido desde o seu início, com dignidade e proficiência, pelo sr. Alvaro Torrão, comemora em 10 de Abril o seu 26.º ano de actividades ao serviço da cultura.

Do Minho ao Algarve, de Angola e Moçambique, da Guiné, Timor, Macau, até muitos países da Europa e das Américas, milhares de alunos inscritos completaram os seus cursos de Rádio, Electrónica, Televisão, Secretariado, Corte e Costura, Desenho e Pintura, tendo obtido os seus diplomas com elevadas classificações e melhorando, por isso, substancialmente, as suas condições económicas e sociais.

Os emigrantes portugueses espalhados pelo mundo têm constituído um importante núcleo de alunos que mais benefícios colheram, dada a sua grande vontade de vencer na vida.

Nesta data festiva para o «CEC», felicitamos o seu director sr. Alvaro Torrão.

ASSUNTO EXPORTAÇÃO

uma oportunidade para a sua empresa

contratos de desenvolvimento para a exportação

Indústria de Mobiliário



As empresas, ou grupos de empresas, de saudável estrutura financeira, e conscientes de que a possibilidade de um seu crescimento equilibrado se encontra cada vez mais dependente da exportação dos respectivos produtos, têm agora à sua disposição uma forma de apoio susceptível de lhes proporcionar as condições indispensáveis a uma expansão significativa. Referimo-nos aos "contratos de desenvolvimento para a exportação", relevante instrumento jurídico-financeiro especialmente concebido para proporcionar às empresas, com base nos seus próprios programas de reorganização ou fomento, o acesso a esquemas particularmente favoráveis de benefícios de diversa natureza, especialmente financeiros e fiscais. Pela importância que o mobiliário assume hoje em dia no equipamento e decoração das casas e dos locais de trabalho, pelas oportunidades decorrentes do Acordo Preferencial estabelecido entre Portugal e a Comunidade Económica Europeia, e ainda por uma série de outros factores, a indústria de mobiliário antevê presentemente muito favoráveis perspectivas. Pois bem: estamos empenhados em apoiá-lo, nomeadamente através dos mencionados "contratos de desenvolvimento". Contacte-nos, por conseguinte, propondo-nos por escrito o que pretende fazer no campo da Exportação. Instituídos para o servir, ficamos aguardando que nos apresente o seu programa de actuação.

Mas... até 31 de Maio próximo—não esqueça!

Toda a correspondência (na qual se aporá exteriormente a indicação «Contratos de Desenvolvimento») deverá ser encaminhada para qualquer uma das seguintes direcções:

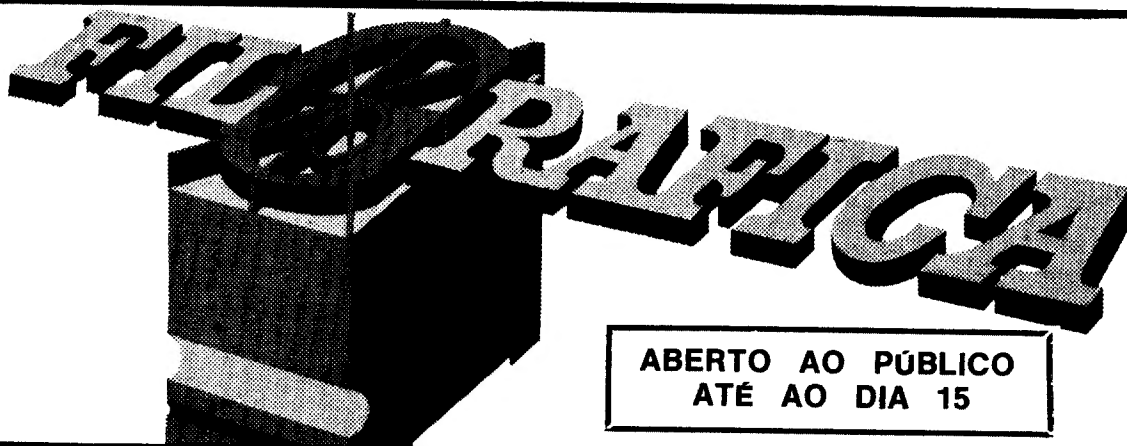


FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101-2.º e 3.º—Telef. 767410/767520/767573.—LISBOA 1.º

Delegação no Norte

Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.—Telef. 380214—PORTO



ABERTO AO PÚBLICO
ATÉ AO DIA 15

7 a 15
ABRIL

HORÁRIO
dias úteis: das 16/23h
sáb e dom: das 15/23h

SALÃO INTERNACIONAL
DO LIVRO, DO PAPEL
E DAS ARTES GRÁFICAS

na Feira Internacional de Lisboa

PRIMEIRO VOO

MARIA JUDITE DE CARVALHO

... Eu gostava de fazer agora a minha primeira viagem de avião, mas, a primeira que fiz já foi há um bom par de anos e nessa altura não pensei em nada de grandioso, de tão preocupada que estava em cumprir as instruções, apagando o cigarro, apertando e desapertando o cinto, sorrindo aos brancos sorrisos transeuntes, até saboreando a refeição — volante, tinha de ser —, aprendendo bem aquilo do oxigénio, enfim, tentando ser a viajante perfeita, coisa que se me afigurava muito útil a todos em geral e a mim — sejamos francos — em especial.

Há semanas, lá em cima, pensei em tudo isso e esforcei-me por esquecer essa e outras experiências de voo — como se fosse possível esquecer uma experiência, seja ela qual for — e imaginar-me pela primeira vez na vida voando sobre núvens brancas, voando como os anjinhos tradicionais, porque, ali, aquela altitude, já não era morada de aves. Senti-me pois — ou quis sentir-me? — extremamente importante, perto de Deus, mas ao mesmo tempo muitíssimo ameaçada, mais ameaçada do que importante, valha a verdade, até porque as asas não eram minhas, e com as máquinas nunca se sabe. A certa altura era um verdadeiro colchão de núvens redondas, macias, de um branco intenso de neve ao sol. Apetecia pensar em coisas suaves, não me deter em nenhuma, valia lá a pena, a vida lá em baixo estava longe como tudo e eu era subitamente capaz sei lá de quê. Mas logo de seguida estava tão pouco à vontade ali, tão sem pés no chão, tão sem chão onde os colocar...

Quando uma hora depois aterrámos, ouvi, numa escada rolante do aeroporto, um homem (decerto emigrante) perguntar a uma mulher morena e gorducha:

— Então, diz lá a verdade, o que é que te pareceu?

E ela, muito risonha:

— Ora! Nada de extraordinário. Tanta coisa para isto! Olha, o elevador de Santa Justa fez-se muito mais impressão do que este Tap.

Os que não se espantam, os que têm vergonha de se espantar, sempre me causaram uma espécie de arrepiro.

DESTRUIÇÃO TACO-A-TACO

Por CALVET MAGALHÃES

O programa da TV, «Taco-a-Taco», está a promover no País, mais do que é usual, extraordinária emulação entre os estudantes e sobretudo naqueles que, se encontrando próximo do ingresso nos cursos superiores, deveriam revelar um maior espírito de vida colectiva e harmoniosa. O facto verifica-se exactamente no ano em que o Ministério da Educação Nacional ensaia um tipo de ensino (novo 3.º ano) que pretende destruir o princípio de competição.

O primeiro erro foi considerar que seria fácil adaptar aos estudantes esquemas velhos e gastos, utilizados em concursos comercializados. Daí o diálogo e «fintas» dos locutores não terem audiência ou resultarem estereis entre os jovens. É necessário aclarar que somente em raros estabelecimentos de ensino se reúnem todos os alunos para assistirem a sessões culturais. Quando muito uma vez por ano vêem uma sessão de teatro, comparecem a uma sessão solene e como habitualmente não se encontram em massa no mesmo local, é evidente que o prazer de se agruparem sobreleva outros interesses e os alvoroça.

A vivacidade, o «entusiasmo» alcançado através do concurso competitivo nada tem de comum com o interesse e alegria que os estudantes manifestam salutarmente nas escolas.

Não se percebe qual o pecado do ensino, para ser destruído «taco-a-taco» em imagens e comentários que semana a semana se aglutinam, permeando uma plateia que necessitava ser esclarecida sobre as formas de educar. Anunciam-se reportagens aos estabelecimentos de ensino e desfilam perante nós teorias de janelas, paredes, semblantes. Apresentam-se ginásios em estilo de feira, com alunos vestidos à «paisana», calçados, meio vestidos e meio equipados, saltando plintos em traje de rua, com professores simulando leccionar uma classe constituída por alunos de vários anos, equipados de forma mais heterogénea, fal-

sa aparência de uma verdade, para em seguida se exibirem sal-las impecavelmente envernizadas com alunas envergando fatos de bailado.

Os erros que se cometem por falta de captação das observações dos alunos são constantes; dá-se a entender que o liceu de Cascais se localiza na sede do concelho, quando se implorou em S. João do Estoril. Alunas declaram que as perguntas são solicitações à memória e a locutora replica que não pode saber o que depois se irá passar (a aluna referia-se ao programa já observado). Alunas que lêem melhor que as locutoras, e alunos que lêem as perguntas (falta de luz?) ao nível da instrução primária. Obras primas de inteligência que se destroem (matemáticas modernas, liceu Camões), situações absolutamente falhas de inteligência e desmoralizantes (alguns casos sucedidos com o liceu de Aveiro).

O sistema do concurso «Taco-a-Taco» baseia-se no tipo de exame superficial académico que entre nós se divorcia completamente da docimologia. Em vários casos insinua-se que os alunos não sabem as matérias quando na verdade assim não acontece. No caso das barreiras, perante mapas-mudos, ou perante documentos fotográficos, os alunos dariam outras respostas. As perguntas são no entanto no estilo de tiro ao alvo, acerta ou não, acerta, à sorte. As próprias designações das perguntas induzem a erros. Quem «fiscaliza» as contas do governo é de facto o Tribunal de Contas, isto é, examina os actos comprovados por documentos, um a um. A Assembleia Nacional não «fiscaliza» (as camionetas com os documentos não vão para a Assembleia Nacional!) mas a ela tem o governo de dar contas. A aluna do Carolina Michaelis (que grande mulher!) fez muito bem em «morrer» com a sua ideia do Tribunal de Contas, repetindo a resposta. Pode-se na verdade interrogar um aluno

de modo a demonstrar o que não sabe ou levá-lo a errar.

O programa «Taco-a-Taco» não envolve a massa do público e dá noção errada de coisas e ideias necessárias à vida actual (a exclusão do ensino técnico é um absurdo). A medida que se aguarda a resposta do aluno, devia projectar-se a resposta certa e elucidativa para o público (foto da Torre de Pisa, ângulo de inclinação, eixo de equilíbrio, localização geográfica em Itália, etc.). As equipas dos liceus deviam (como em Espanha) aglutinar-se para elaborar as respostas podendo consul-

tar livros; entretanto a TV esclarecia o público. Perante a câmara só apareceria uma equipa de cada vez, nada de frente a frente. Não haveria assistência (aliás ficou provado que a transmissão não corresponde ao que ocorre na sala — como vem a lume nas reportagens dos jornais). As soluções apontadas encaminhavam o concurso para situações mais válidas. Já não falo do contra-senso de pôr em leilão uma bolsa de estudo para a qual há sempre um candidato justo, e da lotaria de uma piscina que, fora dum planeamento, pode calhar a quem já tenha uma.

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

AVENIDA DA REPÚBLICA, N.º 102 — LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE TRABALHOS DE «LIMPEZA, REPARAÇÃO E PINTURA DO PRÉDIO SITO NA RUA JOÃO AFONSO TAVEIRO, N.º 1 EM CASCAIS».

Torna-se público que esta Caixa aceita propostas até às 12 horas do dia 23/4/73 para realização das obras mencionadas, encontrando-se o caderno de encargos patente na Avenida de Berna, n.º 13-3.º em Lisboa.

As propostas serão abertas no dia 26 pelas 16 horas.

Lisboa, 4 de Abril de 1973

A DIRECÇÃO

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

AVENIDA DA REPÚBLICA, N.º 102 — LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DOS TRABALHOS DE «LIMPEZA, REPARAÇÃO E PINTURA DO PRÉDIO SITO NA RUA FLORBELA ESPANCA, N.º 10 EM LISBOA».

Torna-se público que esta Caixa aceita propostas até às 12 horas do dia 23/4/73 para realização das obras mencionadas, encontrando-se o caderno de encargos patente na Avenida de Berna, n.º 13-3.º em Lisboa.

As propostas serão abertas no dia 25 do mesmo mês pelas 17 horas.

Lisboa, 4 de Abril de 1973

A DIRECÇÃO

O nosso mundo



«CAPCIOSAMENTE...»

Vive-se numa época de contestatários que procuram capciosamente deturpar a verdade dos factos lançando a perturbação na ordem pública. E esta é elemento fundamental da política e administração do País, incumbindo, portanto, ao Estado defendê-lo de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a boa administração e o bem comum. Os ideocratas do nosso tempo servem-se de vários processos para fazerem a propagação das suas ideias. Desde os «slogans», as brochuras, os cartazes, aos jornais de parede — tudo lhes serve para exercerem a sua pernicioso actividade. E desta forma ocasionam perturbações profundas no meio ambiente, mantendo influência no comportamento e na formação da juventude. É contra essa acção que temos de reagir, conhecer os processos para aplicar os antídotos necessários e indispensáveis. «Correio da Beira», Guarda)

«AMIGOS»

Tenho sido pela vida fora, senão outra coisa, pelo menos um «fabricante» de amigos. Todos terão sido bons para mim? Impossível afirmar categoricamente. Vistas as coisas pelo ângulo recto,

a amizade não pode dispensar a utilidade. Quando dela resulte pernicioso fim, temos de recuar até à separação total. Nem que de estoicismo se trate ou seja necessário demover montanhas de obstáculos... Vem-me isto à lembrança ao olhar para o lindo dia de sol que hoje faz. Bem dizia o poeta: em chegando o Março o sangue instintivo que corre na natureza, e esteve represso no Inverno, depois de amarelecer no Outono, reverdece tudo em redor. Andam por aí pintores de brocha na mão a pôr cores novas pelos balaústres e pelas tapadas. Gerânios lilazes desabrocham e as árvores de porte meio acoradas nos plainos e pomares, avivam-se de toucas policromas e telúricas, como véus de noivas que entrassem num templo ao mesmo tempo. Como é belo tudo isto! («J. C.», in «Correio do Minho», Braga).

— Amigos, amigos... negócios incluídos!

«PLURALISMO»

A Igreja aceita todos os sistemas políticos, desde que estejam de harmonia com os princípios fundamentais da sua doutrina, mas não se confunde com nenhum deles. A Igreja é de todos e para todos. Defen-

de, em questões discutíveis, a existência de um só pluralismo. É necessário reconhecer uma variedade legítima de possíveis opções. Uma mesma fé cristã pode levar a assumir compromissos diferentes. Aos cristãos que parecem, à primeira vista, oporem-se entre si, em virtude de opções diferentes, a Igreja pede um esforço de compreensão recíproca das posições e das motivações uns dos outros (...). A ninguém assiste o direito de impor ao semelhante a sua maneira de livremente expressarem a sua maneira de ver. (Silva Araújo, in «Diário do Minho», Braga)

«AUTONOMIA»

(...) No sector proletário mais atrasado, esse mesmo sector que mais que nenhum outro devia estar interessado em educar-se e instruir-se para adquirir autonomia psíquica e assim auto-libertar-se do impasse da sua noite, continua a verificar-se a mesma acentuada tendência para as leituras exclusivamente desportivas, raro se vendo um operário desse «naípe» comprar e ler uma publicação essencialmente cultural ou qualquer outro periódico de determinado tipo formativo-informativo.

ESQUENTADORES franceses

E.L.M.
água quente barata!
Agora com DISPROGAS (patenteado)

HERDADE COUTADA

Muita caça todas as espécies, boa casa antiga de habitação, muitos cómodos, telefone e estrada alcatroada. Caça a patos, pesca e desportos náuticos em grande barragem. Fica a pouco mais de uma hora de Lisboa de automóvel. Óptima para férias, fins-de-semana e bom rendimento seguro. Pode interessar a empresa turística, grupo amigos ou só para uma pessoa. Preço 12.000 contos, sujeito a oferta, vendo ou troco por terrenos ou casas para demolir nas cidades de Lisboa, Setúbal ou Porto ou nestes 3 distritos. Trata o proprietário. Carta para apartado 1.048, Lisboa-1.

EM ABRIL O SEU DINHEIRO VALE MAIS



**NA
COMPRA
DE UM
FATO
FEITO
a
preço
incrível**

de confecção esmerada
nos mais recentes padrões
com modelos actualizados



**oferecemos
(é mesmo de borla)**



EM TODA
A ORGANIZAÇÃO
dos
armazéns do
CONDE BARÃO

que
vale
499,

**ABSOLUTAMENTE
DE
BORLA**

Encerra-se hoje o Congresso de Aveiro

ganizadores deste III Congresso Democrático, do estabelecimento duma plataforma mínima com base nos seguintes objectivos: luta pelas liberdades fundamentais — direito de reunião de associação e de expressão dos planos político sindical e cultural; luta contra a carestia de vida e contra a política de congelamento de salários; (penetração de capitais estrangeiros, exportação de mão-de-obra no quadro do Mercado Comum.)

Sobre este III Congresso pairaram a sombra de duas ausências: a do prof. Mário Sacramento, grande democrata já falecido, e a do prof. Ruy Luís Gomes, ausente no Brasil, embora representado no Congresso.

Entretanto e se bem que não pudessem estar presentes, aqueles 4.000 congressistas há que juntar a adesão demonstrada através de telegramas, cartas, telefonemas, etc., de mais uns largos milhares de portugueses, mesmo de muitos que se encontram no estrangeiro.

A sessão de encerramento de hoje à tarde será presidida pela eng.ª Virgínia de Moura, sendo vice-presidente, o dr. Luis de Lindley Cintra, secretariados por três membros de cada comissão distrital. Destacamos algumas passagens bem significativas da comunicação da eng.ª Virgínia de Moura, que realçam a objectividade deste III Congresso.

Lembrados nesta comunicação os nomes de Ruy Luís Gomes, António Lobão Vital, Maria Isabel Aboim Inglês e Catarina Eufémia, faz-se uma referência à situação política da mulher portuguesa: — «Hoje, a mulher portuguesa tomou consciência dos seus direitos. Deixou de ser um ser arremetido como as forças da reacção pretendiam. Sabe que «o delito de se ter sabido ser escravo paga-se sendo escravo muito mais tempo», como

bem disse José Martí. Todos os movimentos pró-emancipação da mulher são apoiados pelos movimentos progressivos. As mulheres portuguesas organizadas no seu movimento de mulheres têm todo o apoio dos democratas e do Movimento Democrático.» E mais adiante: «A realização deste Congresso constitui por si só o reconhecimento de uma das nossas constantes reivindicações: Uma Oposição Democrática com direito de reunir livremente.» Definindo a orientação do Movimento Democrático: — Movimento estruturado em organizações de base e integrado em objectivos primários dentro de uma plataforma unitária. Sempre em diálogo. Um diálogo traduzido a vários níveis. A todos com igual importância. Aqui, dada a composição da assembleia, é de salientar a sua importância a nível nacional. Os nossos encontros a nível nacional permitem uma coordenação de trabalho e uma riquíssima troca de experiências inter-distritais. Temos que os intensificar, tanto mais que a Oposição Democrática vai ter a oportunidade da proximidade de um período eleitoral». A realização do Congresso não se pode desligar dessa realidade política. «Encarando a realidade nacional: Os elementos estatísticos e as conclusões a que têm chegado os sociólogos portugueses sobre educação, saúde, habitação, rendimento nacional, indústria, comércio e agricultura, demonstram a crise em que nos debatemos». E a finalizar este capítulo: «Só um verdadeiro regime democrático poderá resolver os graves problemas nacionais...»

A comunicação da eng.ª Virgínia de Moura insere ainda estas palavras no final: — Antes de terminar vai mais uma vez o meu pensamento para os nossos queridos companheiros desta batalha (dirigindo-se, na-

turalmente, aos que se não encontravam presentes).

Entretanto temos conhecimento de que durante o dia de ontem e ainda hoje de manhã, afluíram a Aveiro muitas centenas de democratas, que

devido aos seus afazeres não se puderam deslocar à linda cidade da ria durante a semana, aproveitando para estar presentes na hora do fecho do III Congresso.

ANÁLISE DOS PROBLEMAS De segurança social e de saúde

A secção de Segurança Social e Saúde do Congresso da Oposição Democrática submeteu à discussão um extenso documento, em que se condensava e organiza profunda análise dos problemas assistenciais do nosso país.

Os relatores procedem a sistemática correlação dos dados de facto com os parâmetros do pensamento político que defendem, pois passam da análise da situação à enunciação de propostas que equivalem à defesa duma alteração política global integrada por reformas de estruturas por vários campos abrangidos pelo estudo.

O documento é, porém, de teor acentuadamente crítico, mais que programático. Dos grandes temas da análise, mereceu tratamento prioritário a rede institucional, pública e privada, de saúde e assistência, aparecendo como consequente a efectiva situação sanitária e assistencial da população portuguesa, quadro que se revela na apresentação, em apêndice, de significativos dados estatísticos.

O final do texto resume em termos políticos — de acção política — as conclusões de análise.

xertou-se «uma mentalidade tecnocrática», mas a gestão não melhorou.

SEGURANÇA SOCIAL

Diz-se logo no segundo parágrafo do ponto do relatório relativo à «segurança social»: A medicina das caixas de previdência, tal como é praticada, condenada por doentes e por médicos conscientes, continua a ser um verdadeiro atentado à dignidade humana. Relações de doentes / médico de 1323 e até de 2500 (Beja, Braga e Portalegre), segundo estatísticas de 1968, falam por si. As médias por beneficiário são uma ridícula chocante e quando se envereda pelo caminho da previdência rural o panorama ainda é mais negro.

Entre as propostas de alteração do esquema de segurança, contam-se sob a rubrica de «extensão a toda a população dos benefícios da Segurança Social» os seguintes meios:

— Apoio à maternidade e ao trabalho feminino pela construção de creches e infantários e pela instituição dum subsídio que permita adequada protecção à criança nos primeiros meses de vida.

— Escalonamento do abono de família na proporção inversa do ordenado ou salário, a inclusão de abono progressivo em função do número de filhos e actualização conforme o aumento do custo de vida.

— A cobertura de toda a assistência médica e medicamentosa deverá ser feita através dum Serviço Unitário Nacional de Saúde.

— Pagamento dos subsídios de doença pela totalidade da média diária dos salários e durante todo o tempo de doença.

— Aplicação integral e gratuita na reparação dos riscos, incluindo acidentes de trabalho, doenças profissionais, tuberculose, com direito a todas as especialidades médicas e medicamentosas, a todos os auxiliares de diagnóstico, a todos os internamentos.

— Cessação de todos os períodos de garantia e espera, para início da cobertura dos riscos.

— Redução geral da idade da reforma em cinco anos, devendo ser menor o limite da idade quando a natureza do trabalho o justifique.

— Actualização das pensões

MEDICINA

O primeiro ponto do documento, em introdução, começa por declarar que «a evolução da matéria tem correspondido inteiramente à evolução social, económica e política do regime. O conceito mítico, dominador e altamente conservador da medicina tem correspondido buído das características da medicina liberal (...) começa a ter que coexistir com uma medicina de massas, em que cada vez mais médicos se encontram em regime de assalariados.

E mais adiante:

Em breve percurso histórico, o relatório mostra depois a evolução da situação assistencial, desde o predomínio duma «concepção duma assistência caritativa, própria da sociedade senhorial, a cargo das misericórdias», em que «ao Estado competia apenas uma função supletiva», até que, «há cerca de dez anos amadureceu a crise do esquema tradicional». Destaca-se a observação de que «o regime utiliza a influência e a capacidade de penetração popular de certas instituições de carácter tradicional» (como as misericórdias, «a quem pertencem a quase totalidade dos hospitais, razão essencial da manutenção do seu prestígio a nível local») e a de que, «reconhecendo a importância política da autoridade sanitária a nível local», o

Depois da crise, que se data de há cerca de dez anos, «ao Estado tornou-se impossível continuar a ignorar a amplitude das responsabilidades assumidas pela organização corporativa, revelando-se inevitável a sua intervenção na vida dos hospitais e das misericórdias».

O esquema tradicional «dissolveu-se» então: nos «escombros do tradicionalismo» en-

VARIG HONRA AO MÉRITO



O sr. dr. Amílcar Pinheiro e Nuno Xara-Brasil recebendo das mãos do sr. Erik de Carvalho a TAÇA EUROPA

Pela terceira vez consecutiva, caso inédito, a VARIG em Portugal ganhou em 1972 a TAÇA EUROPA, com que anualmente aquela Companhia distingue a Estação que melhor corresponde aos objectivos determinados pela directoria.

O sr. Erik de Carvalho, presidente da VARIG, fez a entrega

do troféu aos srs. dr. Amílcar da Veiga Pinheiro e Nuno Xara-Brasil, e louvou a equipa portuguesa, na pessoa dos seus chefes, enaltecendo o admirável nível profissional alcançado, sem o qual não teria sido possível obter tão brilhantes resultados.

A FORD VENDE MAIS

Com mais de um milhar de automóveis e mais de duzentos veículos comerciais vendidos em Portugal durante o mês de Março, a Ford e os seus concessionários pulverizaram nove records absolutos de vendas.

A extraordinária procura que os produtos Ford estão a obter, fez com que, no mês findo e no primeiro trimestre de 1973, se verificasse um aumento de mais de 30 por cento de vendas Ford em relação a igual período do ano transacto.

Na base deste sucesso estiveram especialmente os modelos Cortina e Escort que acompanham, assim, o extraordinário êxito de vendas que estão a obter em outros países da Europa.

Para a crescente aceitação da gama de produtos Ford, muito contribui a procura de elevados índices de segurança e qualidade por parte de um público consumidor cada vez mais exigente.

ANÁLISE DOS PROBLEMAS

de invalidez, velhice e sobrevivência, nas condições económicas existentes no momento em que os beneficiários foram afectados pelas eventualidades seguras, e que serão sempre iguais aos salários que auferia o trabalhador se estivesse em regime de efectividade.

— Inclusão do Seguro do Desemprego involuntário nos riscos cobertos pela previdência, transferindo para a cobertura desse risco os fundos do actual Fundo do Desemprego, a extinguir (...).

— Unificação de diplomas e regulamentos sobre uma reforma simples e clara com ampla distribuição. Pela sua leitura qualquer segurado deverá ficar ciente dos seus direitos e obrigações.

— Extinção do F.N.A.T. e do Fundo do Desemprego.

— Simplificação dos serviços administrativos, procurando centralizá-los, tendo em atenção uma nova organização mais eficiente.

A SITUAÇÃO SANITÁRIA

No ponto 3.º respeitante à «saúde», os relatores começam por afirmar: «A assistência médica entre nós processa-se através de uma multiplicidade de serviços e instituições, anormal em relação à nossa dimensão e beneficiando da maneira mais diferente (...) os diferentes grupos humanos a quem respeitam, dificultando também o trabalho do médico diariamente envolvido, nessa multiplicidade.

«A qualificação dos nossos hospitais da chamada rede

hospitais é de ordem puramente geográfica. Impõe-se urgentemente uma classificação técnica de cada serviço de um mesmo hospital (e não do hospital considerado globalmente).

«A rede hospitalar do País é altamente deficiente, concentrando-se nas 3 cidades, Lisboa, Porto e Coimbra os mais evoluídos centros, ficando a Província altamente desprotegida de instalações hospitalares funcionantes».

O documento refere depois a carência de recursos humanos e materiais, tal como estado de organização nas instituições sanitárias dependentes do Estado, e a questão do preço dos medicamentos. Destaque especial merecem as questões relativas à tiragem, selecção e remuneração dos clínicos e enfermeiros, que preferem os empregos abertos em cada vez maior número nas instituições privadas, onde são melhores as condições de trabalho.

Por outro lado, o sector privado, «crescentemente organizado e lucrativo» beneficia, por exemplo, dos contratos da Assistência na Doença aos Servidores do Estado e os regimes optativos das caixas de Previdência.

«As estruturas hospitalares não foram reconvertidas às novas necessidades», afirma-se depois, sendo o texto restante do ponto dedicado à análise promenorizada de uma e outras. «Em sentido moderno não há actualmente hospitais em Portugal» é uma das constatações dos relatores.

As conclusões da secção de Urbanismo e Habitação ao Plenário Final do 3.º Congresso da Oposição Democrática definem claramente que os problemas inerentes ao habitar são hoje de uma acuidade política e económica sem precedentes.

Relativamente às conclusões da 4.ª secção aprovadas declara-se que:

— Planear não é uma razão técnica mas essencialmente uma razão política.

— Planear é projectar no tempo os meios de acção sobre um território, com vista à obtenção possível de determinados propósitos políticos.

— O facto de os problemas urbanos resultarem das dificuldades de planeamento urbanístico e dificuldades técnicas na sua resolução.

— O controlo do poder de decisão é conseguido pela marginalidade política da maioria da população.

— Verifica-se a inexistência prática de estruturas que possibilitem a formação de técnicos urbanistas, apesar de em 1948 o 1.º Congresso Nacional de Arquitectura ter formulado o voto de que fosse criado um Instituto Superior de Urbanismo e Habitação, e de, em 1950, a Assembleia Nacional ter aprovado a Lei n.º 2043 que indica a necessidade de «ministrar a engenharia de arquitectos» os conhecimentos específicos os de um Instituto daquela natureza.

— Só passados 25 anos o Governo encara agora a criação a curto prazo, das estruturas que lhe permitirão resolver a necessidade que sente de preencher os seus quadros técnico-administrativos.

— O Estado não utiliza cabalmente os seus meios financeiros, nem dispõe de técnicos qualificados e bem remunerados para fazer frente às necessidades exigidas pela simples condição humana dos cidadãos.

— E reduzida a execução de empreendimentos urbanísticos pelos organismos estatais, e muitos deles só são fomentados quando suficientemente comprovada a sua eficácia.

— O solo urbano constitui um dos elementos fundamentais da edificação da cidade, para a construção de alojamentos, equipamentos, zonas verdes, infra-estruturas, etc., e a

tado Democrático, as de representação de classes aos organismos sindicais e outros livremente criados pelos interessados» devendo os bens dos actuais sindicatos nacionais serem entregues aos organismos de representação dos trabalhadores.

LIBERDADES ESSENCIAIS

«A liberdade de expressão de pensamento só poderá ser garantida através de uma lei que exclua qualquer forma ou cautela, assegure a livre expressão de todas as correntes de opinião, o direito à informação e a independência face ao poder económico».

Sobre a liberdade religiosa afirma-se que no nosso País, os cristãos e leigos e a própria hierarquia vivem ainda somente o aspecto ritualista do cristianismo. Este facto é consequência, essencialmente, da abdicação da hierarquia da igreja portuguesa face ao poder, no tocante à definição das linhas de conduta resultantes da doutrina social da igreja o que tem levado a hierarquia a utilizar a religião para iludir o povo. O texto continua afirmando que a plena liberdade religiosa exige o «regresso ao regime legal da lei de separação da Igreja e do Estado».

Depois de um capítulo sobre os direitos individuais e a legislação penal onde se afirma que «a democratização da justiça impõe o regresso ao júri popular» confrontam-se os direitos individuais

POLITICAMENTE HABITA O HOMEM URBANISMO E HABITAÇÃO

sua correcta organização e distribuição, que estão dependentes da disponibilidade de terrenos adequados.

— A inexistência de regras que possibilitem e promovam a utilização do solo pela colectividade, permite que, em regime de mercado, o seu control seja feito pelos interesses privados.

— Apesar de existir legislação que possibilite ao Estado mobilizar solos urbanos, a sua actuação está condicionada.

— A questão fundamental de uma política de solos é, pois, a definição das finalidades a atingir com a utilização dos solos urbanos.

PRESSÕES DEMOGRÁFICAS

— O interesse social é ponto basilar de uma política democrática de solos, no qual o objectivo deverá ser a socialização dos solos urbanos que permita uma planificação urbanística adequada a uma sociedade em que prevaleça o interesse das populações.

— Acções táticas parcelares, das quais possa resultar a tomada de medidas de transição devem ser igualmente consideradas e postas em prática a curto prazo.

— As pressões demográficas, incidindo sobretudo nos aglomerados urbanos, onde chegam a atingir aspectos dramáticos, provocam uma agudização do problema do problema da habitação e do urbanismo, do qual o sector privado tunisticamente aproveita.

— Os fluxos migratórios que atingem as cidades fazem avolumar o problema da habitação dos centros urbanos, enquanto que, juntamente com a emigração, obrigam a pensar num «novo homem rural» operando numa agricultura a reorganizar. A sua habitação terá por isso que ser reestruturada após a revisão do futuro carácter da vida rural.

O DIREITO À HABITAÇÃO

— O problema da habitação não pode ser confundido com o problema do alojamento.

Sendo o alojamento o local que possibilita às pessoas abrigo onde comer e dormir, a habitação, além de englobar o alojamento, comporta equipamentos (hospitais, escolas, lojas, transportes, praças, espaços verdes, instalações desportivas, casas de espectáculos, correios, telefones, etc.) e infra-estruturas técnicas (água, electricidade, gás, esgotos, arrendamentos, etc) correspondentes ao nível económico e grau

de desenvolvimento cultural e social.

— O problema da habitação subsiste sempre que ao homem não são fornecidos os meios para que se considere perfeitamente realizado em circunstâncias temporais e históricas, de ambiente social, cultural e de progresso, que permitam e determinem o estabelecimento de vida organizacionalmente.

— A Câmara Corporativa admite que 10 por cento das famílias podem suportar sem constrangimento económico o custo das rendas de casa, e cerca de 65 por cento necessitam de protecção e subsídio para suportar esse encargo para casas «de padrão mínimo».

— Em Maio de 1970, no Colóquio da Indústria da Construção Civil, afirmava-se que «se pretendéssemos resolver as carências do alojamento até ao ano 2000, seria necessário atingir a produção de cerca de 90 000 fogos em 1980».

— Acentua-se que a média atingida em 1970 e 1971 foi de 28 178 fogos, dos quais só 3 183 construídos pelo Estado.

— O alojamento quando isolado da necessidade de habitação, e esta da satisfação da garantia do pleno desenvolvimento colectivo da população (e para isso lhe serem fornecidos todos os meios de promoção política, social, económica, cultural, sanitária, de condições de trabalho, de desenvolvimento físico, etc.), não podemos falar «de direito à habitação».

— A actuação do Estado relativamente ao problema da habitação limita-se à atribuição de alojamento às classes sociais economicamente mais débeis, pretendendo integrá-las nos seus programas de «habitação social».

— A despeito dos «vastos programas» compreendidos em tantas leis e decretos-leis e organismos destinados a solucionar o problema habitacional, famílias de trabalhadores vivem em condições inadmissíveis.

— O património nacional, na sua maioria, não tem água canalizada, nem electricidade, nem esgotos, nem correspondem às mínimas condições higiénicas exigidas nos próprios regulamentos. E, de ano para ano, as carências aumentam e a qualidade do património habitacional degrada-se ainda mais.

O QUE É NECESSÁRIO

Torna-se urgente encetar caminhos políticos novos, através da democracia económica e

social, porquanto a resolução do problema da habitação e do urbanismo passa, necessária e previamente, pela alteração da estrutura social e económica.

Deste modo torna-se premente que se organize o planeamento global, regional e urbano do território; reconheça na prática o direito à habitação; adopte uma política social da habitação; se reconheça a função social do uso do solo; adquira terrenos de forma generalizada, dentro do perímetro dos centros urbanos e suburbanos, e a urbanizá-los; se estabeleça o preço das rendas de casa em função do rendimento do agregado familiar, da sua composição numérica, da área habitável e da qualidade do fogo; congele o preço das rendas de casa e se crie o subsídio de renda de casa de forma generalizada, para que habitar seja um direito de todos.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 52/73

Faz-se saber que no dia 2 de Maio de 1973, pelas 15 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para o «FORNECIMENTO DE 250 000 EXEMPLARES DA CAPA PARA A BROCHURA ILUSTRADA «LISBOA E O TURISTA», com a base de licitação de 70 000\$00 (Processo n.º 22/73/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 1750\$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 4 de Abril de 1973.

O Presidente,

António Jorge da Silva
Sebastião

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DEVERÁ SER ESCOLHIDO ATRAVÉS DE ELEIÇÕES GERAIS E LIVRES

AVEIRO, 7 — Aproxima-se do seu termo o III Congresso da Oposição Democrática que, desde quarta-feira, tem decorrido nesta cidade, e acerca do qual bem já se pode dizer que constitui um acontecimento na vida política nacional. As sessões de trabalho terminam hoje, com as discussões finais sobre «Estrutura e Transformação das Relações de Trabalho», «Desenvolvimento Regional e Administrativo Local», «Situação e Perspectivas Políticas». Para amanhã estão previstos o plenário final, em que se ratificarão as conclusões das diversas secções, a sessão de encerramento e ainda um almoço em grupo e a romagem ao túmulo de Mário Sacramento.

Entretanto, na secção de «Orightamento do Estado e Direitos do Homem» terminou ontem de madrugada os seus trabalhos.

«Nesse estado democrático, o Presidente da República deverá ter o papel de gerente e defensor da Constituição e a Assembleia Nacional Constituinte, saída de eleições gerais e livres, elaborada e designadamente as liberdades fundamentais de todos os cidadãos».

PODER LEGISLATIVO

«No Estado Democrático a instaurar, o executivo tem de estar inteiramente subordinado ao povo, como fonte de toda a soberania, e aos seus representantes livremente eleitos».

«No sector da organização judiciária, conclui a Secção, é particularmente grave a intervenção do executivo, com a magistratura portuguesa recrutada no Ministério Público que é mero corpo de funcionários hierarquizados, sujeito à selecção, controle e disciplina in-

compatíveis com a preparação dos futuros juizes». Conclui-se que há assim uma dependência dos juizes em relação ao Governo, «incompatível com o pleno exercício da missão que lhes compete».

E a terminar este capítulo: «O Governo não deve interferir na orgânica interna da magistratura: acessos, promoções, movimentos, classificação e fiscalização de serviços e disciplina, matérias que devem ser da exclusiva competência do Poder Judicial».

ASSEMBLEIA NACIONAL

Sobre o funcionamento deste órgão de soberania diz-se que, no futuro, desde que se trate de uma Assembleia Nacional democrática, «deterá o exclusivo do poder de legislar, que poderá delegar no Governo, o qual, porém, será sempre, a todo o tempo, responsável perante ela».

LIBERDADES MUNICIPAIS

No que se refere aos municípios, afirma-se que «o Governo democrático lhes assegurará, e às Juntas de Freguesia, os recursos financeiros e meios técnicos necessários para o bem estar e desenvolvimento dos respectivos povos». Preconiza-se a eleição pelo povo dos governadores civis e aponta-se a necessidade de as Juntas de Freguesia desempenharem um papel activo na «futuro e urgente democratização e politização do País».

CORPORATIVISMO

E ponto assente para a referida secção que o corporativismo não serve os interesses dos trabalhadores. Serão atribuições dos organismos económicos e sociais do futuro Es-

Caparica Prédio rústico com a área de 136.575 m2 composto vinha e mato, no sítio da Quintinha, na Charneca

LEILÃO

DIA 10, ÀS 11.30 HORAS

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 3.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, nos autos de execução pendentes na 2.ª Secção, será posta em praça, no nosso escritório, o imóvel acima referido, que confronta do norte, sul, nascente e poente com serventias públicas e particulares. Está inscrito na matriz sob o art.º 647.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23 - 1.º — LISBOA — Tels.: 4 59 34 - 4 62 59

25 ANOS

1948 1973 COMEMORAMOS AS BODAS DE PRATA

Como não podemos saudar todos os dias os nossos clientes, colaboradores, amigos e fornecedores, fazêmo-lo hoje. E porque hoje é um dia especial, queremos agradecer a todos a preferência, a cooperação, a amizade e o zelo com que sempre nos têm distinguido.

Foram todos vocês que nos guindaram até onde chegámos, o será devido a vós que iremos até onde vocês quiserem.

Hoje fazemos vinte e cinco anos. Estamos em plena juventude, sempre em constante busca de actualização. A nossa principal preocupação e objectivo é actualizarmo-nos, renovarmo-nos.

Pensamos permanentemente no vosso conforto, e por isso temos merecido a vossa preferência, como pessoas actualizadas... e jovens que sois.

O jubileu dos nossos vinte e cinco anos comemoramo-lo hoje no restaurante «Cozinha Velha», do Palácio Nacional de Queluz. Como não foi convidar todos, até porque vocês fizeram o possível por serem muitos, recebemos com muita satisfação os que quiseram estar presentes na nossa festa, pois a nossa alegria e a nossa felicidade irá toda para vocês, pois é de vós que a recebemos. A todos, o nosso muito obrigado e a renovação da nossa firme intenção de continuarmos no caminho que há vinte e cinco anos traçamos.



ELL

internacional

R. A. Pereira Cordeiro, 30, Lisboa

DA PRUDÊNCIA AO APODRECIMENTO

A consciência (o seu reconhecimento) de um pesado atraso e determinação (a necessidade) em resolver o impasse assim criado são dois aspectos das palavras claras do ministro Veiga Simão, quando da assunção de funções dos dois novos secretários de Estado da Instrução e Cultura: «Já não podemos adiar decisões; já não suportamos o arrastar de congeminções contraditórias, hesitando por medo, apatia ou falta de convicção». Este desabafo — se apenas isso for — partilhado certamente por outros responsáveis da Educação, bem poderia, sem grande espanto, ser ouvido por outras bocas e com um sinal diferente. De facto, nem só nas hierarquias há gente que estará farta de uma situação de insuportabilidade; nem só aí, se recusa cada vez mais o medo, a apatia, ou, com maior razão a falta de convicções: nas bases, aí sobretudo, se nota, com essa diferença de sinal, a mesma consciencialização, como o já tem reconhecido o prof. Veiga Simão.

As palavras transcritas, o seu significado, ganhará em clareza no seguimento do discurso do ministro da Educação que afirmaria que «se a prudência bem entendida é um Bem do Homem, a prudência do simbolismo é a destruição por apodrecimento; acredito sim que deve existir, mas temperada com arrojo, entusiasmo e novas iniciativas, pelo que nunca em seu nome se devem imobilizar acções inovadoras que pretendam acompanhar as consequências da evolução do Saber e das conquistas de direitos pelo Homem». E depois de sintetizar, como lema dessas acções, o «edificar de uma sociedade sempre mais portuguesa, cada vez mais justa, mais feliz e que seja o orgulho de um povo», o ministro, colocando o dilema Reforma ou morte, afirmou não querer que o seu país morra em prudência. E continuou: «A Impar tarefa da Educação Nacional é preparar a grande massa dos cidadãos para a vida da liberdade responsável e para a participação activa no progresso nacional». Parece, pois, que acção reformista educacional poderá vir a proporcionar o que há muito não se proporciona — «a vida da liberdade responsável».

ANTÓNIO CARNEIRO

Inserindo um poema de António Carneiro (*Colosatrix*) e com uma apresentação da autoria do dr. José Augusto França, acaba de ser publicado e distribuído pela Fundação Gulbenkian, o catálogo da «Exposição Retrospectiva de António Carneiro», patente ao público nas Galerias das Exposições Temporárias daquela Instituição.

O referido catálogo comporta 224 números, divididos por seis secções temáticas, abrangendo as primeiras obras de A. Carneiro, a pintura simbolista e de história, retratos, composições com figuras, paisagens, etc.

LIGA

A delegação de Sintra da Liga dos Combatentes, comemorando o 55.º aniversário da Batalha de La Lys, promoveu para o dia de hoje romagens aos



«MINI-PUZZLE»

Já foram apurados os vencedores do «Mini-Puzzle», espécie de gincana organizada pelos alunos finalistas do Instituto Comercial de Lisboa que com a receita apurada pretendem financiar a sua viagem de fim de curso. Dos vinte e quatro concorrentes à partida, ficaram assim distribuídos os dez primeiros lugares: Octávio Machado, em 1.º lugar; Afonso Manáças, em 2.º; Vítor Santos, em 3.º; 4.º António Jorge Saraiya; 5.º Viriato Ribeiro; 6.º Vasco Manáças; 7.º José Vigário Pires; Armelin Gama, em 8.º; António M. Ramos, em 9.º; José Luís Almeida em 10.º.

A complicada prova, em que não impoorta apenas a pericia dos habituais «acele- ras», começou pelas 9 horas

de domingo, prolongando-se até ao princípio da tarde, ao longo de cinco controlos (Alvito, Estádio Nacional, Monumento dos Descobrimentos, Terreiro do Paço, Parque Eduardo VIII), ao longo de questões de tal cultura geral e de voltas ao volante. Em cada posto os concorrentes foram obrigados a desencantar os objectos mais estranhos e impróprios ou a por à prova o seu à-vontade por manifestações em público que lhe eram exigidas, ou pela obrigação de indumentárias ou atitudes com o seu quê de cómico. Talvez por isso que alguém tenha julgado que andavam malucos à solta. Mas, não era apenas o «Mini-Puzzle» do Comercial e o riso dos concorrentes...

A SEMANA

AS DEPRESSÕES NERVOSAS E SEU TRATAMENTO

Com a presença de 120 médicos psiquiatras realiza-se hoje na Figueira da Foz o «II Colóquio sobre Depressões e seu tratamento». Esta reunião de especialistas da Saúde Mental é patrocinada pelas Clínicas Psiquiátricas das Faculdades de Medicina de Coimbra, Lisboa e Porto e conta com a presidência de honra do Prof. Barahona Fernandes e com a organização de uma Comissão constituída por Profs. Fernandes da Fonseca, Pedro Polónio, Fragoço Mendes, Simões da Fonseca, Adriano Vaz Serra e drs. Pimentel Neves e Vaz Pais.

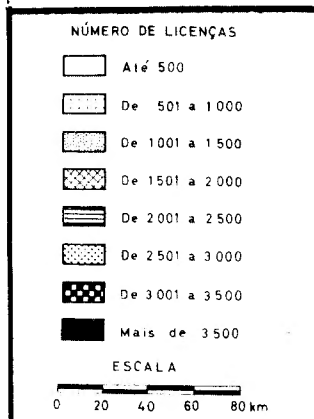
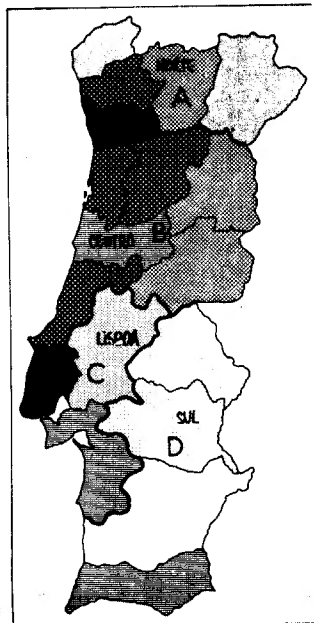
Adriano Vaz Serra e drs. Pimentel Neves e Vaz Pais.

Durante o encontro serão apresentadas 11 comunicações sobre «Situação actual da terapêutica das depressões pela Clorimipramina» (pelo prof. Fragoço Mendes), sobre «Classificação nosológica das depressões: aspectos actuais» (pelo dr. Tabor da Barreto), sobre «revisão do ano e meio de uso de anti-depressivos» (pelo dr. Alvaro Ribeiro) sobre «Consideração acerca do problema da depressão crónica» (pelo dr. Gomes de Araújo), sobre «A terapêutica dos diferentes tipos de depressão» (pelo prof. Pedro Polónio), sobre «Psicogenia dos estados depressivos» (pelo dr. Eduardo Cortesão), sobre «Apresentação de casos clínicos» pelo dr. Marcelo de Barros e drs. Souto Lopes, Paes de Sousa, Neves Cardoso), sobre «Observações psicopatológicas com Anafranil» (pela dra. Maria Teresa Gil), sobre «Influência da clorimipramina sobre a sintomatologia depressiva» (pelo prof. Adriano Vaz Serra), sobre «Clorimipramina em função psicológicas estudo comparativo com as terapêuticas clássicas» (pelos prof. Fernandes da Fonseca e dr. Custódio Rodrigues).

O II Colóquio encerrou com as considerações finais do prof. Barahona Fernandes.

FUGA

O comércio decorre intervalado de olhares rápidos e furtivos pelas esquinas mais próximas. Sem novidade até que é dado o alarme e esquecido o cliente. Impossibilitadas as vendas, o negócio agora depende da rapidez em fazer a trouxa o arrancar com a motoreta. Na foto o perigo não se vê, mas antes que ele chegue mais perto já o cemitério vai ao ombro. Flagrante que diariamente a cidade presença e de que é protagonista uma classe que constantemente cresce.



Desenvolvimento desigual

O ritmo da construção acompanha o nível de actividade económica dos distritos, sobretudo o seu grau de industrialização. Salta aos olhos o contraste entre as regiões de Lisboa e Porto e os distritos alentejanos, com fortes sinais de despovoamento.

Em 1972, foram concedidas 32.781 autorizações de construção de edifícios, o que corresponde a um aumento de 1 por cento, em relação ao ano anterior. 24.909 desses edifícios destinam-se a habitação. Foram ainda concedidas 9.237 autorizações de transformação ou restauração.

Nos distritos de Lisboa e Setúbal registou-se uma forte contracção: 23 por cento na região de Lisboa, 24 por cento na de Setúbal, em relação a 1971. A maior progressão verifica-se em Trás-os-Montes: 32 por cento em Vila Real e 36 por cento em Bragança.

(Dados das «Estatísticas de CConstrução — 1972 «informação antecipada — INE).

AS ARTES GRÁFICAS, O DESIGN E A F. I. F.

Quatro anos depois da primeira exposição, abriu ontem a segunda edição da Filigráfica, nos pavilhões da Feira Internacional de Lisboa. No catálogo deste Salão Internacional do Livro, do Papel e das Artes Gráficas, pode ler-se: «Quatro anos separaram os dois certames — tempo bastante e necessário para que se produzissem e concretizassem na sua projecção pública as transformações consideráveis que permitem ao público especializado, como ao público comum, apreciar a amplitude dos progressos conseguidos nas artes gráficas de Portugal e dos demais países representados». Além de Portugal estão representados na Filigráfica 14 países, diplomaticamente representados em Lisboa, assim como a U. R. S. S. a República Democrática Alemã e a Checoslováquia. Todos estes países contribuíram para dar ao livro um lugar de destaque nos pavilhões da Junqueira; os equipamentos, matérias, mas e os processos das artes gráficas completam esta demonstração.

Segundo os organizadores, a participação das indústrias gráficas portuguesas mereceu especial atenção pelo desenvolvimento que neste campo se tem registado e pelas possibilidades de competição em mercados estrangeiros.

Durante a entrega de prémios, do concurso de design «Papel para embalagem de presentes», cujos trabalhos vencedores estão, a partir de agora, expostos na Filigráfica, o dr. António Amaro de Matos, presidente do Fundo de Fomento de Exportação fez uma comunicação aos presentes, tendo começado por referir os objectivos do organismo que encabeça no que respeita ao design: «Pretende-se o desenvolvimento entre nós de um design com características próprias com vista a uma afirmação prestigiosa dos sectores de exportação nacional conferindo-lhe por essa via as necessárias atribuições de competitividade em mercados externos. Efectivamente e de entre os sectores considerados prioritários pelo Fundo de Fomento de Exportação todos eles ou pelo menos a sua grande maioria demonstram ine-



ludivelmente o progresso que poderia advir duma melhoria dos nossos actuais padrões de design industrial.»

Depois de referir as iniciativas do Fundo nesta matéria e de sublinhar o interesse com que o presente concurso foi recebido-apresentaram trabalhos cerca de 50 concorrentes — o dr. Amaro de Matos afirmou: «Outros concursos de design se seguirão visando a cutelaria, os vidros domésticos e decorativos, a cerâmica também doméstica e decorativa etc, um incentivar cada vez mais crescente dum diálogo profíquo designers/industriais.

Programada já a ida de dez designers a Itália para especialização em calçado. Outros dez designers se ocuparão fundamentalmente da moda. Ainda com a colaboração do Royal College of Art, dedicaremos especial atenção ao mobiliário e poderemos referir que em relação a todos os outros sectores que o F. F. E. considera como prioritários estão estabelecidos contactos com instituições especializadas no sentido de obter a melhor colaboração.

Não poderia finalizar esta resenha sem referir que a utilização pela indústria dos trabalhos premiados em primeiro ou segundo lugar beneficiará da comparticipação pelo F. F. E. de 50 por cento do custo das operações relativas à preparação da fabricação à escala industrial e de 75 por cento do custo da promoção internacional da sua venda durante um ano em mercados externos.

A BALANÇA

É favorável a Portugal, isto é, positiva, a balança comercial com os países seguintes: Dinamarca, Finlândia, Grã-Bretanha, Irlanda e Canadá. É negativa, ou deficitária, com to-

dos os restantes países. Esta informação refere-se aos dados provisórios de 1972, mas repete no essencial a situação dos anos anteriores, um pouco menos grave.

O primeiro Pace Maker Nuclear implantado em Portugal

A UTILIZAÇÃO DA ENERGIA NUCLEAR NÃO CONSTITUIRÁ UM PERIGO PARA O DOENTE E PARA O RESTO DA POPULAÇÃO?

Pela primeira vez em Portugal, procedeu-se no Servio de Cirurgia Cardio-Torácica do Hospital de Santa Marta à implantação de um pacemaker nuclear. A operação foi realizada pelo cirurgião dr. Machado Macedo coadjuvado pelo cardiologista dr. Arménio Ferreira e pela anestesista dra. Cristina Câmara de Castro. O pacemaker nuclear foi implantado numa doente de 33 anos, da ilha da Madeira, Sofre de um bloqueio aurículo-ventricular, seja uma pulsação permanente muito inferior ao normal.

O pacemaker é um estimulador cardíaco. Os impulsos eléctricos gerados pelo pacemaker são transmitidos ao coração, a fim de garantir a sua contracção a um ritmo normal. E implantado no torax, entre o músculo peitoral e as costelas, e ligado ao coração por electrodos. A sua utilização é indispensável no tratamento de deficiências da actividade cardíaca.

Os pacemakers implantados anteriormente em Portugal têm como fonte da alimentação pilhas de mercúrio. O pacemaker implantado no Hospital de Santa Marta é o primeiro, em Portugal, que é alimentado por uma fonte nuclear.

UM ESTÍMULO ELECTRICO SUBSTITUI UM ESTÍMULO FISIOLOGICO

O princípio científico em que se baseia o estimulador cardíaco, o pacemaker, foi descoberto no século dezoito, em Bolonha, na Itália, no laboratório de Galvani. Um dos assistentes de Galvani estava a preparar uma rã para uma experiência, tinha desnudado o nervo ciático com um escalpelo. Por mero acaso, estabeleceu-se um contacto eléctrico entre o escalpelo e o nervo. A pata da rã

deste fenómeno uma conclusão fundamental: um estímulo eléctrico pode substituir um estímulo fisiológico.

Muito mais tarde, em 1872, na Inglaterra, Bowditch verificou que as excitações eléctricas aplicadas ao ventrículo de uma rã têm efeitos variáveis, ora provocam uma extrasístole, ora não provocam nenhuma reacção visível — uma extrasístole é uma sístole que ocorre imediatamente após uma sístole normal, antes, portanto, do momento fisiológico em que deveria normalmente produzir-se. Em 1876, o fisiologista francês Meray descobriu a explicação deste fenómeno: a ausência de excitação eléctrica periódica do coração traduz a variação do seu limiar de excitabilidade. No começo do nosso século, um outro cientista francês, Louis Lapique, determinou com precisão as condições de excitabilidade dos tecidos e introduziu a noção de cronoxia, ou seja o tempo durante o qual uma corrente eléctrica deve percorrer um nervo ou um músculo para provocar a sua excitação.

Por extraordinário que pareça, as aplicações clínicas tinham começado antes da definição das noções fisiológicas. Em 1802, o italiano Aldini excitara, por meio de uma pilha de Volta, os movimentos do coração de animais de sangue frio. E tentara sem resultado,

em 1803, em Losdres, excitar o coração de um morto, um condenado executado por enforcamento. No final do terceiro quartel do século dezanove, Duchenne de Boulogne tentava ressuscitar uma rapariga que falecera de uma difteria complicada por um bloqueio aurículo-ventricular.

Mas só muito recentemente, em 1952, Zoll demonstrou que a aplicação de impulsos eléctricos ao músculo cardíaco torna possível a compensação das deficiências da actividade cardíaca. Quase simultaneamente, a publicação dos trabalhos de Coraboeuf, Zacouto e Saumont confirmaram a possibilidade de regulação das pulsações cardíacas através de impulsos eléctricos.

AUMENTAR A DURAÇÃO DO PACEMAKER

Os primeiros pacemakers, ou estimuladores cardíacos, foram implantados no início dos anos sessenta. Entre 1960 e 1965, o problema dominante era a rotura prematura dos eléctricos que estabelecem a ligação com a duração. A partir de 1965, o problema principal passou a ser a própria fonte de energia. Os pacemakers eram alimentados por pilhas de mercurio, cuja duração se revelou, quase sempre, inferior à sua capacidade teórica. As pilhas de mercurio têm uma duração de dois a três anos, e as causas de exaustão são bastante complexas e difíceis de determinar. Os doentes tratados com os pacemakers com pilhas de mercurio têm uma actividade normal, mas correm o risco da exaustão prematura das pilhas, o que pode provocar a sua morte. E têm de ser submetidos de dois em dois anos, no máximo de três em três anos, a uma intervenção cirúrgica para implantação de um novo pacemaker, operação que exige uma anestesia total e que implica, portanto, um certo risco.

Para assegurar a segurança do doente e para evitar a repetição frequente das intervenções cirúrgicas, procurou-se encontrar uma fonte de energia de maior duração. As investigações levadas a cabo levaram à adopção do plutónio 238. A sua utilização garante dez a quinze anos de vida ao pacemaker nuclear.

A PROVA DE BALA

O plutónio 238, um isótopo do urânio obtido em 1940 pelo norte-americano Seaborg, é utilizado nas bombas atómicas e em diferentes tipos de pilhas atómicas. Houve que assegurar, em primeiro lugar, a protecção do doente, e do resto da população, contra as radiações emitidas pelo plutónio 238. A doente operada no Hospital de Santa Marta está submetida a um nível de radiações extremamente baixo: Não excedem as radiações emitidas por um relógio de pulso com um mostrador luminoso. As radiações que receberá durante um ano equivalem às radiações a que é submetido um doente a quem é feita uma radioscopia. Havia que assegurar, por outro lado, que a cápsula que contém o plutónio 238 se mantivesse estanque em caso de acidente. As cápsulas utilizadas actualmente, como a que contém o pacemaker

implantado no Hospital de Santa Marta, resistem ao embate de um tiro, aguentam pressões da ordem dos dois mil quilos, podem suportar uma temperatura de 1040 graus centígrados durante duas horas e meia.

Antes da primeira implantação no homem, o pacemaker nuclear foi experimentado em cães, não se tendo certificado qualquer modificação biológica significativa. A primeira implantação num ser humano foi efectuada no Hospital Broussais, em Paris, em 27 de Abril de 1970, pelo cardiologista dr. P. Laurens, em colaboração com o cirurgião dr. A. Piwnicka. Posteriormente, foram efectuadas mais de 120 implantações de pacemakers nucleares, em França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Espanha, Itália, Checoslováquia, Noruega, Estados

todos os casos, as constantes biológicas dos doentes não sofreram qualquer modificação significativa.

Os estudos de segurança sobre os geradores cardíacos foram iniciados pela Comissão de Energia Atómica da França e prosseguidos pela Agência Europeia de Energia Atómica, que criou um grupo de estudos em que estão representados a França, Alemanha, Austrália, Dinamarca, Espanha, Suécia e União Soviética. Este grupo elaborou normas de segurança para o fabrico e utilização dos pacemakers. A partir de 1970, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, o Canadá associaram-se aos trabalhadores da Agência Europeia de Energia Atómica.

O pacemaker é um dispositivo electrónico extremamente complexo, uma pequena maravilha da técnica. Tem um diâmetro de 7 centímetros, uma espessura de 2,6 centímetros. Pesa 170 gramas, ocupa um volume de 90 centímetros. A pastilha de urânio pesa cerca de 156 miligramas. A energia libertada pela pilha de plutónio 238 é transformada, por um gerador, em energia eléctrica. Um transformador de tensão assegura o fornecimento de corrente eléctrica a 6 volts. Inclui ainda um complexo dispositivo de alerta. Os impulsos eléctricos só são aplicados a «pedido» do coração isto é quando a frequência das contracções do músculo cardíaco desce abaixo de 62 pulsações por minuto.

O pacemaker implantado no Hospital de Santa Marta contém plutónio 238 fornecido pela fábrica da França, foi montado na fábrica que a empresa norte-americana Medtronic, representada em Portugal pela firma Cassel, possui na Holanda.

O pacemaker nuclear não substituirá inteiramente o pacemaker que tem como fonte de alimentação pilhas de mercurio. O pacemaker nuclear tem uma duração média de dez a quinze anos, é extremamente caro. A escolha entre os pacemakers nucleares e os pacemakers de mercurio depende, entre outros factores, da esperança de vida do doente. A maior parte dos doentes com bloqueio aurículo-ventricular têm idade avançada, uma esperança de vida reduzida. Neste caso, não se justifica a implantação de um pacemaker nuclear.



RENASCENÇA GRÁFICA, S. A. R. L.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Vimos submeter à vossa apreciação e deliberação o Relatório, Balanço e Contas respeitantes ao ano de 1972.

Iniciada em 1971, a fase de arranque do novo equipamento técnico continuou ao longo de 1972, podendo considerar-se normalizado o funcionamento geral da empresa nos últimos meses do ano.

Não obstante a perturbação natural que um período de arranque sempre provoca numa instalação industrial, e especialmente neste caso em que a transformação foi radical e a empresa tem características especiais, podemos encarar com optimismo o futuro na medida em que a reconversão operada começa a produzir os seus frutos e, para além do jornal «Diário do Lisboa», propriedade da «Renascença Gráfica», esta presta já inúmeros serviços de especialidade a diversos clientes, o que se virá a reflectir de uma forma positiva no próximo exercício.

Por outro lado, o equipamento técnico tem-se revelado

adequado e tem correspondido àquilo que dele esperávamos, o que nos apraz registar.

Iniciámos nos primeiros meses de 1972 a impressão a cores, executámos durante o ano diversos serviços gráficos de índole diferente da simples composição e impressão de jornais, e preparamos a produção de revistas e outros artigos gráficos. Tivemos de lutar durante o ano com a elevação dos custos que, no entanto, conseguimos, mercê dos novos processos de produção, manter em níveis razoáveis.

A fonte das nossas maiores preocupações continua, como é evidente, a ser o jornal diário, cujos problemas e limitações independentes da nossa vontade crescem de ano para ano.

Continuámos em 1972 a aguardar em vão que, à imagem dos demais países do mundo, fossem asseguradas à Imprensa Diária, asseverada com problemas próprios do sector e limitações que lhe são criadas, as condições indispensáveis para o exercício, em termos normais, da sua actividade.

Esperamos que no próximo exercício se tenha já enca-

rado sob o seu justo prisma esta situação que, à medida que o tempo vai passando, se torna de cada vez mais difícil solução.

É-nos grato reconhecer a dedicação, zelo e esforço de todo o pessoal ao serviço da empresa, e desejamos exprimir o nosso reconhecimento ao Conselho Fiscal pela sua prestimosa actuação.

Para o saldo final dos lucros propomos a seguinte aplicação:

Para Fundo de reserva legal	34 084\$00
Para Conta nova	306 756\$53
	<u>340 840\$53</u>

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: António Pedro Pinto de Ruella Ramos
Felisberto José Tavares
António Augusto Dias do Souto

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1972

ACTIVO			
GASTOS DE ESTABELECIMENTO			
Gastos com aumento de capital e arranque do novo equipamento			14 608 112\$30
IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
CONSTRUÇÕES			
edifícios	7 523 537\$20		
Amortizações a deduzir	— 475 288\$62	7 048 248\$60	
Grandes reparações de edif.	7 300 550\$40		
Amortizações a deduzir	— 115 425\$30	7 185 125\$10	14 233 373\$70
MAQUINAS E FERRAMENTAS			
Máquinas	27 682 605\$71		
Ferramentas	295 355\$60		
Peças acessórias	825 771\$30	28 803 732\$61	
Amortizações a deduzir	— 6 996 072\$90	21 807 659\$71	
VEÍCULOS			
Veículos automóveis	3 443 762\$50		
Reparações veículos	626 238\$30	4 070 000\$80	
Amortizações a deduzir	— 836 837\$40	3 233 163\$40	
OUTRAS IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
Móveis e utensílios	2 755 416\$99		
Instalações	6 699 040\$20		
Acessórios e tipo	356 954\$30		
Biblioteca e arquivo	89 922\$00		
Artigos de decoração	91 407\$90	9 992 741\$39	
Amortizações a deduzir	— 885 559\$12	9 107 182\$27	
IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS			
Imobilizações incorpóreas		180 580\$00	48 561 959\$08
DEPÓSITOS E CAUÇÕES			
Depósitos diversos			48 650\$00
MATÉRIAS PRIMAS			
Existências			2 025 683\$73
MATÉRIAS DE CONSUMO			
Matérias gráficas			356 423\$70
RESÍDUOS E SUCATAS			
			4 615\$80
REALIZÁVEL			
CLIENTES			
Saldo diverso	20 042 149\$99		
Letras a receber	238 782\$80	20 280 932\$79	
FILIAL			
Filial		769 630\$33	
COLABORADORES			
		27 660\$70	21 078 223\$82
DISPONÍVEL			
Bancos	3 678 250\$88		
Caixa	1 087 696\$15	4 765 947\$03	
		<u>91 449 615\$46</u>	

PASSIVO			
CAPITAL			
Capital social			9 000 000\$00
RESERVAS			
Fundo de reserva legal	246 794\$37		
Fundo de reserva especial	495 000\$00		
Reserva para realização de material e máquinas	1 171 558\$71		
Reserva para cobranças duvidosas	31 480\$00		
Reserva para aquisição de acções	482 790\$55		
Reserva de reavaliação	3 808 267\$10	6 235 891\$53	
PROVISÕES PARA PERDAS E ENCARGOS			
Provisão para incobráveis	155 550\$95		
Provisão para reinvestimentos	700 000\$00	855 550\$95	
EXIGÍVEL			
LETRAS A PAGAR			
Longo prazo	49 321 385\$00		
Médio prazo	9 043 694\$90		
Curto prazo	5 548 906\$20	63 913 986\$10	
Fornecedores	5 540 916\$45		
Devedores e credores	4 698 727\$40		
Estado	857 623\$40		
Pessoal	6 079\$10	11 103 346\$35	
PERDAS E GANHOS			
Saldo credor — Lucro			340 840\$53

91 449 615\$46

O TÉCNICO DE CONTAS

António Rodrigues

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: António Pedro Pinto de Ruella Ramos
Felisberto José Tavares
António Augusto Dias do Souto

...ESTAVA DISTRÁIDO

CRÓNICA DE DOMINGO



«Ao menino e ao borracho...» — responde-me alguém que segue a meu lado no automóvel, quando, ao descer a Calçada do Combro, lhe chamo a atenção para os miúdos que viajem pendurados nos eléctricos. «São como os gatos — caem sempre de pé», insiste, adiantando que, realmente, nenhum mal vem daí ao mundo. Vendo bem, aquilo até serve de ginástica — e eles não têm outra... Sempre me fez confusão aquilo, provinciano que sou exilado na cidade grande («tão cheia de gente a tantos aberta a tantos ausen-

te», como diz o poeta citado nos caixotes do lixo). Os rapazes sobem e descem com os carros em andamento, encarrapitam-se nas janelas, chamam nomes ao condutor, fazem mil tropelias e sempre saem sãos e salvos. Dizem-me que há crianças que se socorrem diariamente deste insólito meio de transporte, para o percurso entre a casa e a escola. E a verdade é que vejo muitas de pasta ao ombro. Os pais sabem? Que sim, que muitos sabem mas não se importam, até poupam dinheiro. Porque, vendo bem as coisas, «ao meni-

no e ao borracho...» Fico de bem com a minha consciência. Chego a casa, preparo uma bebida, sento-me confortavelmente, peço no jornal. A páginas tantas, entre um emaranhado de anúncios, esta notícia: «Chegou já morto ao Hospital de S. José o menino Manuel X, de 11 anos, que dera desastrosa queda, embatendo com a cabeça na beirada do passeio, na Calçada do Combro, quando viajava pendurado num eléctrico». Deus estava, decerto, distraído — e não pôs a mão por baixo.

TORQUATO DA LUZ

RENASCENÇA GRÁFICA, S. A. R. L.

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE EXPLORAÇÃO E AO EXERCÍCIO DO ANO DE 1972

EXISTÊNCIAS (No início do exercício)

Matérias-primas	515 080\$30	
Matérias de consumo	60 152\$90	
Matérias subsidiárias	3 524\$10	
Resíduos e sucatas	4 615\$80	
Produtos acabados	38 979\$20	622 352\$30

COMPRAS

Matérias-primas	10 644 699\$40	
Matérias de consumo	3 636 990\$00	
Outros materiais subsidiários e diversos	51 396\$00	14 333 085\$40

GASTOS DE PESSOAL

Ordenados, salários, subsídios, gratificações e outros gastos	14 059 283\$00	
Encargos sociais e (parafiscais)	2 433 106\$20	16 492 389\$20

IMPOSTOS E TAXAS

Impostos e taxas	3 087 443\$90	
TRABALHOS, FORNECIMENTOS E SERVIÇOS EXTERIORES	7 711 627\$45	
TRANSPORTES DESLOCAÇÕES E GASTOS DE REPORTAGEM	1 643 707\$60	
GASTOS DE CONSIGNAÇÃO	610 728\$70	

GASTOS DE GESTÃO

Gastos diversos	2 174 263\$25	
GASTOS FINANCEIROS	2 324 209\$04	
AMORTIZAÇÕES DO EXERCÍCIO	709 595\$45	
SALDO	299 203\$00	
	50 008 605\$29	

EXISTÊNCIAS (No fim do exercício)

Matérias-primas	2 025 683\$73	
Matérias de consumo	356 423\$70	
Resíduos e sucatas	4 615\$80	2 386 723\$23

VENDAS

Vendas efectuadas	43 790 129\$60
-------------------	----------------

RECEITAS ACESSÓRIAS

Diversas receitas acessórias	3 622 933\$70
RECEITAS C/ CONSIGNAÇÃO	61 894\$00
RECEITAS FINANCEIRAS	56 045\$30
DIFERENÇAS CAMBIAIS	90 879\$40

50 008 605\$29

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE PERDAS E GANHOS REFERENTE AO EXERCÍCIO DE 1972

Multas Fiscais	143\$50
Multas Penais	2 625\$00
Impostos s/ Lucros	50 439\$00
Lucro líquido total	340 840\$53
	394 048\$03

Saldo do exercício anterior	94 845\$03
Resultados da exploração do exercício	299 203\$00

394 048\$03

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Pelo conselho de administração desta empresa foram oportunamente submetidos à nossa apreciação o seu relatório referente ao exercício de 1972 e os mapas de balanço e contas do mesmo ano.

Verificámos que estes documentos satisfazem as disposições legais e estatutárias e traduzem com veracidade a situação da sociedade.

Tendo procedido no decurso do ano findo ao exame regular dos valores contabilizados e dos critérios valorimétricos

utilizados nessa contabilização, encontramos sempre tudo em ordem e de acordo com a lei.

Periódicamente esclarecidos pelo conselho de administração, é-nos possível compreender as novas perspectivas que se abrem ao desenvolvimento da empresa, o que registamos com agrado.

Assim, somos de parecer:

1. Que sejam aprovados o relatório, balanço e contas do exercício de 1972;
2. Que ao saldo da conta «Ganhos e Perdas» se dê o destino proposto;

3. Que se reconheça o zelo, a dedicação e a actividade do pessoal que bem serviu a empresa.

Lisboa, 8 de Março de 1973

O CONSELHO FISCAL

Presidente: Eng.º Eric Maccario

Dr. José Parreira de Sousa Carrusca

Dr. João A. Moraes Leitão

Multiplicam-se em França as «greves da fome» de trabalhadores estrangeiros. Estas greves fazem realçar as insuficiências da nova regulamentação sobre a atribuição das cartas de trabalho e de residência — considerada «ilegal» pelas organizações de defesa dos trabalhadores estrangeiros — e ainda a miséria material e moral em que vivem centenas de milhar de emigrantes.

Georges Mauco, que foi secretário-geral do comissariado da população e da família desde a Libertação até 1970, autor de numerosas obras sobre o problema dos estrangeiros e a psicologia da criança, e fundador do centro psico-pedagógico Claude Bernard de Paris, traça-nos neste artigo um quadro de conjunto da situação, que se está a tornar quase escandalosa.

UMA EXPLORAÇÃO GENERALIZADA

De há uns anos para cá, a França oferece-nos um espectáculo lamentável. Centenas de milhares de trabalhadores estrangeiros são vítimas de um comércio que faz lembrar o tráfico de escravos. Fornecedores, passadores e intermediários de toda a espécie, exploram a miséria e o desespero dos trabalhadores emigrados. Exigem-lhes o próprio sangue por uma miserável tarimba onde dormir e papéis para trabalhar. Milhares de homens e crianças adoecem nos bairros de lata e nas caves onde vivem na maior promiscuidade. Milhares de crianças, nulas ou insuficientemente escolarizadas, serão mais tarde ou mais cedo rejeitadas pela sociedade.

E contudo, até à guerra de 1940, a França praticou uma política que previa no mínimo formas de recrutar e receber a mão-de-obra estrangeira capazes de facilitar a adaptação e assimilação dos emigrados.

Nessa altura, era o patronato que, por intermédio de uma sociedade de imigração, recrutava, formava e alojava os emigrantes, chegando a criar centros especiais de acolhimento (cidade dos Polacos, cidade dos Italianos, etc.) pondo à sua disposição casas individuais com jardim ou quintal, escolas bilingues, casas de comércio, igrejas, assistentes sociais e enfermeiras falando a língua dos emigrados. Estas medidas contribuíram grandemente para que o emigrante se sentisse menos desenraizado. Passada uma geração, a assimilação era completa, graças em especial à promoção social dos jovens.

Toda esta acção do patronato visava, bem entendido, obter uma mão-de-obra dócil, amarrada às «cadeias douradas do bem estar material». Os trabalhadores de «espírito mais independente» eram expulsos das cidades operárias e muitas vezes repatriados. Tal foi o caso, por exemplo, de Girek, actual primeiro secretário do partido operário da Polónia que, depois de ser expulso da França, respondendo à denúncia destes abusos feita pelos sindicatos operários, em especial pela C.G.T., o governo nomeou um subsecretário de Estado da Imigração para tratar dos problemas levantados por mais de três milhões de imigrados. Foi designado para o cargo Philippe Serre, então presidente do partido Jovem República, mas a sua acção viria a ser paralisada pela eclosão da guerra.

Em 1945, depois da Libertação, o general De Gaulle encarregou o comissariado da população e da família da prossecução desta política. Elaborou-se um estatuto do estrangeiro mais liberal, criando-se ao mesmo tempo o Fundo Nacional da Imigração, que veio retirar ao patronato o monopólio de que beneficiava anteriormente.

Os promotores desta reforma esperavam conseguir uma maior justiça, mas foi o con-

trário que veio a verificar-se. O Fundo Nacional da Imigração, por carência de quadros e insuficiente maleabilidade administrativa, não esteve à altura das suas tarefas — nem quanto ao modo de recrutar, nem quanto à maneira de receber os emigrantes. Três quartas partes dos estrangeiros entraram em França sem qualquer espécie de controlo. Não os esperavam nem escolas, nem alojamento, nem quadros sociais que lhes facilitassem a adaptação. A política seguida limitava-se a legalizar a situação dos trabalhadores estrangeiros que os patrões iam utilizando.

Assistiu-se deste modo ao desenvolvimento e proliferação de um comércio à volta dos trabalhadores estrangeiros, atirados em massa para os bairros de lata, autênticos redutos de miséria material e social. Há vinte e cinco anos que a França utiliza assim centenas de milhares de homens que ignoram a nossa língua, vivem em condições desumanas e são explorados a todos os níveis.

Não faltam as promessas do governo em acabar com os bairros de lata e a miséria social e moral consequente. No entanto, ainda nada foi realmente feito, mesmo ao nível das necessidades mais prementes. Esta inércia da administração revela uma profunda incompreensão dos problemas humanos dos emigrantes.

Em Janeiro de 1972 existiam em França 3.628.452 estrangeiros: 1.926.585 homens, 872.215 mulheres e 824.380 crianças.

Estes números oficiais são naturalmente inferiores à realidade. Segundo sondagens realizadas em determinadas regiões, o número de estrangeiros é, em média, 10 a 12 por cento superior ao das estatísticas oficiais, o que deve elevar para cima de 4 milhões o total da população estrangeira em França, ou seja, o equivalente à população de um país como a Noruega ou a Dinamarca. O aumento médio anual oscila entre 5 e 6 por cento. Os aumentos mais acentuados verificam-se entre os portugueses: perto de 90 mil por ano. Seguem-se os argelinos, os marroquinos e os jugoslavos.

A repartição da população estrangeira no quadro da população total da França varia, evidentemente, de um para outro departamento. A média nacional é de cerca de 7 por cento. Relativamente aos outros países da Europa, a França situa-se depois da Suíça (15 por cento), ao lado da Bélgica (7,4 por cento), antes da Alemanha Federal (5 por cento) e da Inglaterra (4 por cento).

Incluindo Essonne (81.353) e Seine-et-Marne (76.433), verifica-se que em Janeiro de 1972 só a região de Paris contava com 1.221.343 estrangeiros, quase um terço da população estrangeira em França e cerca de 13 por cento do total da população da região parisiense.

A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES ESTRANGEIROS EM FRANÇA



Este enorme volume de estrangeiros constitui uma necessidade demográfica e económica para a França. Como no geral se trata de uma população jovem e de grande fecundidade — mais de cem mil nascimentos por ano — é um factor a pressionar grandemente o crescimento demográfico do país.

No plano económico, a contribuição dos emigrantes é absolutamente indispensável. A imigração fornece 20 por cento dos trabalhadores da indústria, 30 por cento da construção civil e outros trabalhos pesados. Sem os estrangeiros, grande número de empresas teria que fechar as suas portas.

A tradução em números desta necessidade vital corre o risco de fazer esquecer os aspectos humanos inerentes à situação dos trabalhadores. Na verdade, estes são vistos unicamente como uma mão-de-obra maleável, barata, própria a ser dispensada quando já não é precisa. Além disso, trata-se de trabalhadores que o país não teve de formar — o que representa um capital considerável, tendo em conta o custo de formação de homens e mulheres até à idade do trabalho.

Nesta perspectiva utilitária e financeira não se consideram os deveres do país que recebe. País que, porque beneficia grandemente da contribuição desses trabalhadores, deveria providenciar para que estes tivessem uma vida decente.

A opinião pública francesa, que ignora o valor insubstituível destes três milhões e meio de estrangeiros, continua

a segregá-los social e materialmente, o que não pode deixar de encorajar sentimentos racistas.

A FALTA DE UM SERVIÇO NACIONAL DE ACOLHIMENTO

Apenas uma parte da mão-de-obra estrangeira é recrutada e acolhida pelo Fundo Nacional de Imigração. A maior parte entra em França pelos seus próprios meios, entregue aos cuidados de uma rede de autênticos traficantes a quem entregam quantias exorbitantes em troca de promessas de emprego e obtenção de papéis.

Nenhum serviço oficial está encarregado de receber nas fronteiras ou em certas estações de caminho de ferro de Paris, esses grupos de homens, mulheres e crianças, fatigados e desamparados, incapazes de se exprimir em francês, impossibilitados de satisfazer as necessidades mais imediatas: alimentação, vestuário, medicamentos, serviços sociais, intérpretes e, naturalmente, habitação e colocação profissional. O que torna dramática a ausência de uma política de conjunto que garanta aos emigrantes um acolhimento humano.

O contraste é chocante entre uma estação de caminho de ferro alemã que recebe emigrantes — como Munique, por exemplo — e a gare de Paris-Austerlitz, ponto de chegada dos portugueses. Enquanto em França o imigrante é deixado à mercê dos traficantes, na Alemanha ele é levado para

vastos edifícios onde estão instalados três dormitórios de 50 camas cada um, 7 salas de estar, uma cozinha e uma enfermaria. Vários intérpretes e assistentes sociais analisam a situação de cada um e indicam-lhe os locais de emprego. Se não o possui já, é-lhe dado na altura um contrato de trabalho e a sua situação administrativa é imediatamente regularizada.

Em França, a falta de um bom serviço de recepção é tanto mais grave quanto é certo que a maior parte dos imigrantes são pobres e muitas vezes analfabetos. A assistência às mulheres, em particular, é absolutamente indispensável. Oriundas de regiões rurais de países pouco evoluídos, onde o seu papel social é, portanto, muito apagado, vêm cair desamparadas numa sociedade mecanizada de que desconhecem tudo: a língua, os costumes, os aparelhos domésticos, a alimentação, as regras de higiene infantil.

As consequências desta situação fazem-se sentir em todos os campos, em especial no trabalho, na habitação, no estado sanitário e na escolarização. Nas circunstâncias actuais, a imigração de mão-de-obra estrangeira constitui, em certos sectores, um travão ao aumento de produtividade. Contribui para eternizar os desequilíbrios de salários desfavoráveis aos trabalhos mais pesados e insalubres. O recurso à mão-de-obra estrangeira, na medida em que é extremamente facilitado e quase sem controlo, torna-se muitas vezes num pretexto para adiar a modernização das empresas e influi grandemente nas remunerações. Um inquérito muito rápido permite concluir que um grande número de empreiteiros e outros pequenos patrões se servem dos trabalhadores estrangeiros para fugir aos encargos sociais e aos impostos.

Em princípio, o patrão é obrigado a arranjar habitação ao trabalhador antes de conseguir obter a carta de trabalho. Mas acontece que muitos patrões iludem o problema dando às autoridades a morada da empresa como sendo a do próprio trabalhador. E é o operário que pelos seus próprios meios tem de encontrar um sítio para dormir. Além disso, existem traficantes clandestinos a quem se compram moradas e cartas de trabalho: as primeiras por 700 e as segundas por 900 francos.

Muitos patrões admitem pessoal sem contrato, pagando salários inferiores ao mínimo legal. Por vezes, a acção sindical (ambivalente em relação à mão-de-obra estrangeira) consegue denunciar estes abusos.

É preciso focar ainda a exploração de que é vítima o trabalhador estrangeiro quando, desesperado, anda à procura de trabalho. Na ausência de serviços oficiais apropriados, também aqui ele acaba por cair nas malhas dos traficantes. Estes, prometem os papéis necessários, e até um contrato de trabalho em forma, mediante o pagamento de quantias exorbitantes, ou o compromisso da entrega de uma parte do salário (ou do subsídio de família). Por vezes, funcionários pouco escrupulosos são peças importantes no negócio.

De um modo geral, as convenções colectivas não são aplicadas. Os salários pagos são muitas vezes inferiores de 25 a 30 por cento ao que se encontra estabelecido. Sem falar dos casos em que a folha

de pagamento não é entregue imediatamente pelo patrão, que pode assim arrecadar sem problemas o equivalente a uma parte do trabalho fornecido.

Calcula-se que um em cada três apartamentos de França — e um em cada dois na região de Paris — foi construído por emigrantes. Mas quantos franceses saberão, ao entrar no seu apartamento ou escritório novo, que é graças aos estrangeiros que podem dele usufruir?

É a eles que o trabalho obriga a deslocarem-se constantemente de um lado para o outro, coisa que os franceses não suportam. E é preciso não esquecer que essa mobilidade constante é fonte de inúmeros problemas para os emigrantes, cuja carta de trabalho só é válida para uma determinada região.

Precisamente porque a mão-de-obra estrangeira é muito abundante, e contrariamente ao que se passa na maior parte dos países europeus, é que os salários pagos na construção civil são muito baixos. Por outro lado, também a duração do trabalho é mais longa que nos outros países (60 horas por semana), uma vez que as horas suplementares ilegais são contabilizadas como prémios de produção. O que permite que patrões sem escrúpulos arrecadem parte do salário devido.

Além disso o trabalho é precário sempre sujeito ao mau tempo, aos despedimentos quando da conclusão da obra ou da aproximação da má estação. Assim, os trabalhadores arranjam trabalho ou não arranjam segundo os interesses exclusivos do patrão.

Também a segurança no trabalho é insuficiente. Há 30 000 acidentes de trabalho por ano, dos quais 900 mortais. E os estrangeiros são os mais atingidos, porque estão deficientemente preparados para o trabalho e isolados por não saberem falar a língua. Seria necessário informá-los primeiro, como se faz na Alemanha, onde dois dias de educação sobre os acidentes de trabalho são obrigatórios desde o primeiro emprego.

QUANDO DORMIR NUMA CAMA CUSTA A PELE DA CARA

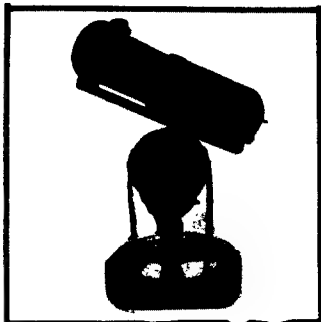
Nós constatámos por diversas vezes o desespero e desmoralização destes trabalhadores, desconhecendo a lei, a língua e os seus direitos, sempre humildes e receosos frente ao funcionário ou ao traficante sem escrúpulos. É o caso, por exemplo, de um português a quem tinham roubado a carteira na obra em que trabalhava e que não queria ir apresentar queixa ao comissariado de polícia receoso de não estar inteiramente em regra e vir assim a perder o emprego.

Uma associação de ajuda aos emigrados colocou um cartaz à porta de uma igreja com os seguintes dizeres: «Amigos estrangeiros, escrevam-nos ou venham ter conosco sempre que tenham qualquer problema, salvo se se tratar de problemas de habitação».

Este cartaz, que pretende ajudar em todos os assuntos excluindo o da habitação revela bem a impotência das melhores boas vontades perante o problema maior dos emigrantes. Não há uma única região industrial na França que não conheça os bairros de lata onde se amontoam miseravelmente os emigrantes e as suas famílias.

A CIÊNCIA E O HOMEM

ANTÓNIO
M. BAPTISTA



SER CIENTISTA É, TAMBÉM, UMA MANEIRA DE ESTAR NO MUNDO

Como todos devem saber, profissionais especializados que são os cientistas, não são nada homens especiais. Terem êxito nas actividades respectivas mostra que são razoavelmente inteligentes, o que também não os torna particularmente típicos. Quanto a esperteza, não quero exagerar, mas um grande número dos cientistas mais notáveis que tenho conhecido não se distinguem, especialmente, por aquilo a que se chama, vulgarmente, esperteza. Têm, no entanto, os cientistas, uma vantagem sobre os que partiram para a corrida da vida com qualidades intelectuais idênticas; é que se dedicam a matéria intelectual onde se pode, objectivamente, apreciar o progresso. Se é certo que não poderemos dizer rigorosamente que um cientista actual é melhor do que Galileu, Newton ou Pasteur, por exemplo, podemos, no entanto, afirmar que se esses génios regressassem à Terra poderiam reconhecer o progresso espectacular das ciências físicas e naturais e quanto cientificamente mais avançado do que eles estará qualquer aluno universitário. Já o mesmo, creio, não se poderá dizer dum artista como Frá-Angélico, Rembrandt, Miguel Ângelo, Camões ou Shakespeare que, se regressassem à Terra, não teriam, com certeza, a mesma reacção perante as manifestações artísticas dos nossos contemporâneos. Note-se que não estou a falar dos valores em jogo para os comparar. Queria apenas acentuar que este conceito de progresso marca as actividades científicas e dá ao cientista uma atitude completamente diferente da dos outros intelectuais perante os problemas com que se defronta. Pois bem, essa atitude é, em si, um valor inestimável para a humanidade. Quando se fala da necessidade duma educação científica generalizada, deve incluir-se nela também os elementos formativos a que aludimos e que decorrem dessa atitude. Merecia este ponto maior desenvolvimento que possa dar lugar a outra ocasião. E continuamos.

O despeito, a inveja e outras coisas que mancham o comércio humano, também se trocam, claro está, entre os cientistas, como humanos que são, mas, entre eles, em geral, é mais fácil a reconciliação pois os seus padrões são mais universalmente reconhecidos, mais objectivos em suma.

Recordo que, quando um grupo de americanos quis fundar,

partindo do nada, um centro de estudos de excelência universalmente reconhecida, em Princeton, pediram a estudiosos de todo o mundo que indicassem um grupo de personalidades que considerassem as mais notáveis em todo o mundo em Física, em Matemática, em História, em Filosofia, etc. Verificou-se, então, isto: quanto ao grupo dos físicos e matemáticos quase os mesmos nomes apareciam em todas as listas de diversas origens, mas quanto à História, à Filosofia, era raro o nome que se repetia.

Os contactos entre cientistas nem sempre se manifestam nas suas reuniões por extraordinária cordialidade mas as discussões são extremamente vivas e não há grandes respeito humanos pela posição e/ou pergaminhos do interlocutor. Isto surpreende, muitas vezes, até desagradavelmente, certos assistentes menos acostumados às regras do jogo. Os portugueses, particularmente, e devido a deficiências graves da sua educação científica, são dos que ficam mais chocados. É natural. Aqui entre nós, quando ousamos entrar numa discussão científica e se vamos além das contumélias e cumprimentos habituais e exigidos, somos logo acusados de intenções menos claras, de inveja, de agressividade, etc. É triste dizê-lo que, algumas vezes, com razão...

Temos de educar a nossa juventude ensinando-lhe que a discussão, a argumentação é uma das técnicas do ofício intelectual. Como técnica, evidentemente, tem que se aprender escrupulosamente. É a arma mais eficaz para não deixar proliferar as reputações duvidosas, de chamar à responsabilidade quem a assumiu quando veio a público comunicar resultados. Temos o dever, mais do que o direito, de exigir que tudo nos seja apresentado tão claramente quanto está na mente do conferencista. Claro que isto é um pouco inhonesto mesmo que se usem as armas da lisura pessoal pela honestidade intelectual, começando por não se falsificar os argumentos do opositor. Mas é o sistema indicado se queremos ter menos balões académicos (e não académicos), inchados, luzidios e inúteis, e mais cientistas de reputação feita entre os seus pares em todo o mundo, devidamente contrastados como se faz com os metais preciosos.

Que outros se dediquem a actividades mais de acordo com

as suas aptidões e interesses (particularmente estes — políticos, financeiros etc.).

Claro que a arrogância não é traço ausente nas relações entre cientistas mas nas suas reuniões, normalmente, as feridas são mais fáceis de cicatrizar, as vitórias mais generosas e as derrotas menos humilhantes.

Não resisto a vos ler aquela a que chamaram uma Oração Moderna e que foi lida na abertura da 98.ª reunião anual da Associação Médica do Canadá e que transcuro, com a devida vénia, de Notícias Glaxo. Creio que os leitores apreciarão a sua graça, o seu espírito, e até, a sua penetração.

Reza assim:

«Senhor, sabes melhor do que eu que os anos vão passando sobre mim e que, um dia, serei velho. Afasta-me o hábito fatal de pensar que tenho de fazer qualquer coisa sobre todos os assuntos e em todas as ocasiões. Evita que eu deseje a todo o momento, endireitar as dificuldades dos outros.

Faz-me meditativo, mas não melancólico: prestável, mas não ditatorial. Com as minhas vastas reservas de sabedoria é uma pena que as não utilize completamente mas, Senhor, eu ainda quero ficar com alguns amigos...

Faz com que a minha mente não recite pormenores infundáveis e dê-me asas para chegar ao verdadeiro objectivo. Sela os meus lábios para não contarem dores ou dificuldades. Estava aumentando e o gosto de as descrever aumenta também à medida que os anos passam. Não vos peço o favor grande de apreciar a descrição das dores dos outros, mas ao menos, faz-me suportá-las com paciência. Não vos peço o favor de me melhorares a memória, mas ao menos dá-me a humildade e paciência quando a minha memória julgar que está em desacordo com as memórias dos outros.

Mantém-me razoavelmente meigo. Não quero ser um santo — alguns são de convívio difícil — mas uma alma azeda é uma das obras mais perfeitas do demónio. Dá-me Senhor, a faculdade de ver coisas boas em lugares inesperados e talentos em pessoas inesperadas e, dá-me também, a graça de lhes dizer isso. Amen.»

ANTOLOGIA

Robert Oppenheimer foi o físico teórico famoso que, manifestando um talento extraordinário, para conjugar os esforços de homens eminentes com talentos tão diversificados como os que se exigiam, conseguiu a façanha científica e tecnológica que foi a construção da primeira bomba nuclear.

Foi também um ensaísta notável, tarefa para a qual dispunha duma vasta e sólida cultura clássica, científica e humanista. É dum seu ensaio intitulado, precisamente, «Ciência e cultura» que escolhemos o seguinte trecho:

«Não é assunto simples responder porque a revolução científica ocorreu quando aconteceu. Começou, como estão de acordo todos os historiadores sérios, na Alta Idade Média e princípio da Renascença e muito lentamente no começo. A nenhuma grande cultura faltou a curiosidade e a reflexão, a contemplação e o pensamento. Saber a causa das coisas é algo que os homens sérios sempre desejaram, uma demanda que as sociedades sérias sempre desejaram. Nenhuma grande cultura foi isenta de génio inventivo. Se pensamos na cultura da Grécia e nos períodos helenísticos e romanos seguintes, é particularmente difícil entender porque não houve então a revolução científica. Os gregos descobriram algo sem o qual o nosso mundo contemporâneo não seria o que é: regras rigorosas, a ideia de prova, a ideia de necessidade lógica, a ideia de que uma coisa implica outra. Sem isso, a ciência é quase impossível porque, a menos que exista uma estrutura quase rígida de implicação e necessidade, se surge qualquer coisa que não é esperada, não se tem forma de verificar onde está o erro, uma forma de corrigir. Mas isto é uma coisa que os gregos já possuíam no início da sua história. Eram curiosos e inventivos: não experimentavam à escala dos tempos modernos mas realizaram muitas experiências. Tinham, como só há pouco tempo aprendemos, um alto grau de sofisticação técnica e tecnológica. Podiam construir instrumentos delicados e complicados que realizaram, apesar de não escreverem muito sobre isso. Possivelmente, os gregos não realizaram a revolução científica devido a qualquer insuficiência em comunicação. Constituíam uma pequena sociedade e, talvez, não houvesse um número suficiente de pessoas interessadas.

Num assunto de história, não podemos atribuir tudo a uma única causa precisamente por que o acontecimento é único: não se podem realizar experiências para ver se estamos certos. Penso que seria preciso alguma coisa que não estava presente na civilização chinesa, que estava totalmente ausente na civilização indiana e ausente, também, na civilização greco-romana. Era necessária a ideia de progresso, não limitada a uma melhor compreensão pois que, relativamente a esta última, os gregos possuíam-na. Era preciso uma ideia de progresso que tinha mais que ver com a condição humana que é bem expressa pela segunda metade da famosa dicotomia cristã-fé e obras: a noção de que a melhoria da condição humana, da sua civilidade tinha significado; de que todos nós temos responsabilidades nisso, dever disso, um dever relativo ao homem. Penso que, quando esta ideia básica da condição do homem que suplementa os outros aspectos mais mundanos da religião, foi fortificada e frutificou entre os séculos XII e XV pela redescoberta dos cientistas, dos filósofos e dos matemáticos do mundo antigo, foi então que começou a revolução científica. No século XVII, havia já um punhado de homens interessados em fazer progredir o conhecimento humano ou «conhecimento útil» como se dizia ao tempo, e assim se formaram as novas sociedades como a Royal Society, de Londres, e a Academia Francesa onde as pessoas podiam conversar e trazer para o progresso da ciência esse elemento indispensável de trabalho em conjunto, de comunicações, de correcção dos erros dos outros, de admiração pelo talento dos outros, criando-se assim as primeiras verdadeiras sociedades científicas».

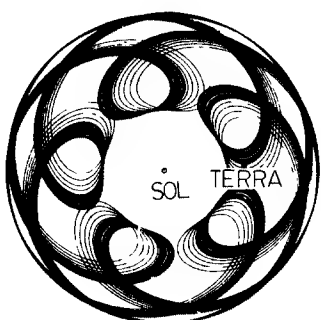
ESCUA-SE, DE NOVO, A "MÚSICA DAS ESFERAS"

Como escreveu o historiador da ciência, Dampier, : «Kepler estava convencido de que Deus tinha criado o mundo de acordo com o princípio dos números perfeitos, de forma que a harmonia matemática básica, a música das esferas, é a causa real a descobrir dos movimentos planetários. Esta foi a força verdadeira e inspiradora da vida laboriosa de Kepler. Ele não procurava, como usualmente se refere, tediosamente encontrar regras empíricas para serem racionalizadas por um futuro Newton. Procurava sim, as causas últimas, as harmonias matemáticas na mente do Criador...»

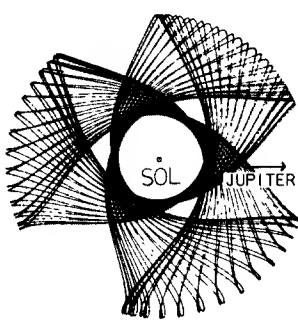
Esta mística dos números, de inspiração pitagórica, marca realmente a trabalhosa vida de Kepler. O que realmente o torna um percurso da idade da ciência é a escrupulosa e infatigável recolha de dados de observação, seguindo o exemplo de seu mestre Tycho Brahe. Os dados de observação foram o seu critério último da verdade.

Igualmente, procurou uma sequência numérica na série dos números que representavam os raios das órbitas dos planetas, que fosse pitagoricamente satisfatória. Supondo seis planetas, além da Lua, haveria cinco intervalos entre eles. Ora a geometria clássica admitia apenas cinco poliedros regulares (poliedros com faces, ângulos e arestas, absolutamente iguais). Então Kepler sentiu a satisfação de ver que, se os raios das órbitas (ainda não tinha chegado à conclusão de que as órbitas na verdade eram elípticas) eram o de esferas concêntricas onde se inscrevessem cinco poliedros regulares tudo parecia ajustar-se. Na esfera mais exterior cujo raio seria o raio da órbita de Saturno, inscrever-se-ia um cubo. A esfera do planeta a seguir à de Júpiter, inscrever-se-ia neste cubo. Se um tetraedro se inscrevesse na esfera de Júpiter a esfera de Marte, inscrever-se-ia nele, etc..

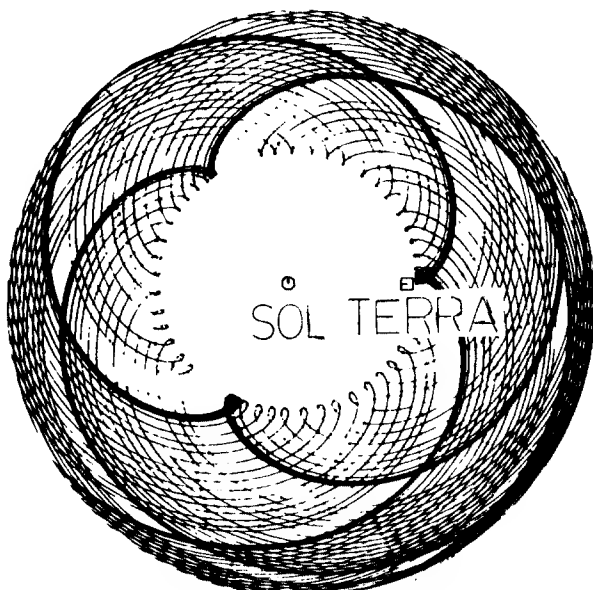
Mais tarde, Kepler verificou que o acordo inicial que julgou descobrir se devia à falta de rigor das suas medições. Mas



Órbita de Toro calculada desde 1800 até ao ano 2000 num sistema de eixos coordenados que roda com a Terra.



Órbita de Amor de 1800 até 1950 no mesmo sistema de eixos coordenados ligado à Terra



Órbita de Alinda de 1600 a 1958 num sistema que é solidário de Júpiter.

Kepler nunca desistiu de encontrar relações perfeitas, idênticas às das frequências correspondentes aos intervalos musicais, entre as distâncias dos planetas ao Sol e os tempos de revolução. Em torno do Sol. Finalmente lei de Kepler: os quadrados das durações das revoluções dos planetas em torno do Sol, são proporcionais aos cubos dos eixos das lípse que descrevem.

Assim, aquelas relações harmónicas (musicalmente falando)

do) que tinha descoberto e publicado do seu livro «Harmonices mundi», entre as velocidades máxima e mínima dos planetas nas suas órbitas, para Saturno a terceira maior, para Júpiter a terceira menor, completavam-se numa nova relação maravilhosa.

«Ninguém me detem», grita Kepler. «Cederei à minha secreta fúria...; o molde está fundido; o livro está escrito para ser lido agora ou pela posteridade, não me importo. Pode bem esperar um século por um

leitoe, como Deus esperou seis mil anos por um observador.»

MÚSICA MODERNA NEO-CLASSICA

No ano passado Ip e Danielsson relataram terem descoberto a primeira ressonância entre os movimentos do asteroide Toro e os movimentos da Terra e Venus. Fisicamente, uma ressonância (note-se a sugestão musical) é uma relação entre o período de dois movimentos representada como a relação entre dois números inteiros. Por exemplo, a Lua, exibe uma ressonância relativamente à Terra. Em torno de um seu eixo, a Lua dá uma volta completa enquanto descreve uma órbita completa em torno da Terra. As ressonâncias são o resultado de forças que actuam nos corpos em presença numa forma particular. As figuras juntas mostram ressonâncias com planetas grandes que se observaram num estudo dos movimentos de 1751 planetas de menor importância. Verificou-se que muitos asteroides exibiam ressonâncias com Marte e apenas nove com a Terra e Venus. Entre eles, como seria de esperar (estamos com matéria poética) Eros e Amor. Mas Toro, Alinda e Amor foram considerados os mais interessantes pelos astrónomos Janiczek, Seidemann e Duncombe do Observatório Naval dos Estados Unidos. As figuras são de um seu artigo publicado recentemente no Astronomy Journal. Escolhem-se para representar esses curiosos movimentos, sistemas de coordenadas que rodam com a Terra (se este é o planeta principal). Assim, o Sol está no centro do desenho e o planeta principal considera-se imóvel à distância a que se encontra do Sol. Toro, por exemplo, completa cinco órbitas em volta do Sol num intervalo de tempo quase igual ao que a Terra leva a completar oito revoluções.

Kepler teria ficado encantado com estes resultados obtidos com computadores, claro está.

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE (CEAL)

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SEDE: Rua de D. Francisco Manuel de Melo, N.º 23-A, 5.º, 6.º e 7.º andares—LISBOA

RELATÓRIO E CONTAS DA GERÊNCIA DE 1972

Senhores Accionistas

De harmonia com o que determina a lei e o pacto social, temos a honra de apresentar à apreciação da Assembleia Geral o relatório, o balanço e as contas referentes ao ano de 1972.

Grande Distribuição

No ano de 1972 sofreu a rede da grande distribuição um aumento de algumas dezenas de quilómetros e foram muitos os projectos elaborados de linhas e de ramais de ligação a clientes, dos quais alguns foram realizados e outros estão em vias de realização ou para realizar dentro de pouco tempo.

Os trabalhos planeados para o ano em curso assumem considerável vulto e representarão uma actividade intensa de construções e ampliações ao nível da empresa.

Entre as obras concluídas em 1972, conta-se como merecendo relevo especial a da nova linha, dimensionada para 60 kV Loulé-Faro e também a da linha, de igual voltagem, construída para abastecer a Companhia Industrial de Cimentos do Sul.

Levaram-se a efeito em diversas subestações aumentos mais ou menos importantes de potência. Assim aconteceu nas subestações de Aljustrel, de Portelas, de Tavira, de Aldeia Nova e de Amareleja.

Desenvolveram-se trabalhos de relevante interesse na rede de telecomunicações, tanto na parte de alta frequência, como na parte dos radiotelefonos. Entrou em funcionamento o canal de alta frequência entre as subestações de Loulé e Porto de Lagos (Portimão).

E, naturalmente, realizaram-se muitos outros trabalhos de conservação e de aperfeiçoamento em toda a rede, com incidência particular nas subestações e postos de corte.

Pequena Distribuição

Muitas foram as obras levadas a efeito neste sector, que envolveram várias ampliações e reforços das redes existentes.

No seu conjunto, são trabalhos árduos, dispendiosos, que se multiplicam cada vez mais, têm uma utilidade essencial, mas não é fácil dar-lhes especial figuração, isto é, tirá-los do anonimato em que se realizam.

E de destacar aqueles que tiveram início no concelho de Lagoa para mudança de 6 para 15 kV da rede de média tensão.

Concluiu-se a electrificação da povoação de Altura, no concelho de Castro Marim e, breve, se iniciam as electrificações de Oriola, no concelho de Portel, de Estrela, no concelho de Moura, e de Santa Margarida do Sado, no concelho de Ferreira do Alentejo, as quais foram recentemente licenciadas e participadas.

Com projectos prontos e aguardando, para se começar as obras, licenciamento e comparticipação, temos as electrificações de Pateiro, Benagil e Senhora da Rocha, no concelho de Lagoa, Monte Francisco, no concelho de Castro Marim, Amieira, Alqueva e S. Bartolomeu, no concelho de Portel, Balurcos, Pereiro, Giões, Martim Longo e Vaqueiro, no concelho de Alcoutim.

Prosseguem as elaborações dos projectos de electrificação de Bordeira, Carranateira e Alfombras, no concelho de Aljezur, e de Almogrove e Longueira, no concelho de Odemira, e ainda o estudo da electrificação de mais de uma vintena de povoações.

Exploração

Correu a exploração de forma que pode dizer-se normal e foi mister para isso despendir muito cuidado e esforço, o que não admira se tivermos em conta a grande extensão da zona que nos está confiada e a inevitável dispersão das instalações. Mas, como sempre, a orientação foi a de fazer face pelo melhor às circunstâncias que se depararam.

O volume de energia admitido nas nossas redes foi de 165 186 689 kWh. A energia distribuída ao abrigo da concessão do Estado totalizou 157 302 572 kWh.

Parte desta energia transitou para as nossas concessões municipais e, considerando as perdas verificadas nas respectivas distribuições, achamos o volume de 154 586 773 kWh como o do total da energia efectivamente entregue aos clientes.

Nota-se um crescimento no volume da energia que distribuímos, mas temos de reconhecer que continuamos ainda longe, ou muito longe, de alcançar a densidade média — quilowatts-hora por quilómetro de linha — que se verifica para o País em geral. Não quer isto, porém, dizer, que não nos congratulemos com o crescimento observado e que não estejamos

confiados em que advirão novos e, porventura, mais substanciais aumentos.

Contas

Pelo balanço se verifica que o valor do activo fixo aumentou de Esc. 24 191 167\$34, que os fundos de reserva sofreram um acréscimo de Esc. 2 257 859\$35, que se realizaram as reintegrações em devidos termos, que o passivo, a médio e longo prazo, diminuiu de Esc. 5 512 174\$30 e que, continuando no seguimento de regras de cautelosa previsão, se mantém um sentido de progressiva consolidação económica e financeira da empresa.

Os lucros líquidos apurados somam Esc. 7 594 909\$41, em que se incluem Esc. 28 675\$50 do exercício anterior.

Temos a honra de propor lhes seja dada a seguinte aplicação:

Fundo de Reserva Legal	1 000 000\$00
Dividendos	3 500 000\$00
Gratificação de exercício ao pessoal	1 200 000\$00
Fundo de Reserva Livre	1 500 000\$00
Conta Nova	394 909\$41

Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade

A CEAL foi reeleita para a Direcção do Grémio e voltou a ocupar a sua presidência.

No correr do ano de 1972, desenvolveu o Grémio a sua actividade normal, desempenhando o melhor que lhe fosse possível as funções, às vezes muito delicadas, que lhe estão cometidas.

Uma das tarefas importantes tem sido a relativa à revisão do Contrato Colectivo de Trabalho para a Indústria de Electricidade. Mas não se chegou a acordo, nem na negociação, nem na tentativa de conciliação, que se onerou no seio da Corporação da Indústria, e o problema foi submetido, nos termos legais, à arbitragem.

O Grémio nestou, no ano em apreciação, dilatada cooperação ao Centro de Formação Profissional para o Pessoal da Indústria Eléctrica, que está constituído nos termos de um protocolo outorgado entre o próprio Grémio, o Fundo de

Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve — CEAL

Balanço em 31 de Dezembro de 1972

ACTIVO		PASSIVO	
Disponível		Exigível	
Caixa	910.266\$72	Imediatamente e a Curto Prazo	
Bancos	11.512.277\$85	Contas Transitórias (saldos credores)	1.036.614\$42
		Credores por Resgate de Obrigações	76.000\$00
Realizável	25.639.917\$90	Devedores e Credores Diversos (saldos credores)	3.577.822\$40
Devedores e Credores Diversos (saldos devedores)	2.173.316\$33	Encargos Fiscais Vencidos	1.329.511\$79
Letras a Receber	844.337\$50	Fornecedores de Energia	10.584.743\$03
Participações Financeiras	18.736.069\$80	Fornecedores Diversos	4.196.539\$10
		Juros de Obrigações e Empréstimos Vencidos	629.403\$41
Permutável	1.485.275\$94	Dividendos a Liquidar	57.455\$45
Contas Transitórias (saldos devedores)	14.445.294\$37		21.488.089\$60
Material em Armazém	6.302.228\$32	A Médio e a Longo Prazo	
Material a Receber	3.801.399\$40	Banco de Fomento — c/ Empréstimos	14.964.678\$60
Serviços Diversos (obras em curso)	70.645\$27	Caixa Geral de Depósitos — c/ Empréstimos	27.363.982\$00
Serviços de Oficinas (obras em curso)		Obrigações	20.270.000\$00
			62.598.660\$60
Fixo			84.086.750\$20
Aparelhos, Ferramentas e Utensílios Industriais	1.317.024\$76	Não Exigível	
Edifícios e Terrenos	169.624\$98	Provisões Diversas	3.700.000\$00
Grande Distribuição	167.633.521\$94	Provisão para Impostos a Liquidar	3.507.294\$00
Laboratório	553.802\$37		
Material em Instalações Alheias	10.159.019\$84	De Compensação	
Móveis, Utensílios e Livros	3.477.473\$06	Reintegrações Gerais	
Pequena Distribuição	73.490.256\$41	Aparelhos, Ferramentas e Utensílios Industriais	1.109.990\$58
Tele-Serviços	3.287.152\$42	Edifícios e Terrenos	9.600\$99
Veículos	2.383.436\$06	Grande Distribuição	85.814.223\$57
		Laboratório	472.812\$40
		Material em Instalações Alheias	5.462.331\$17
		Móveis, Utensílios e Livros	2.189.091\$61
		Pequena Distribuição	30.470.480\$44
		Tele-Serviços	1.763.078\$30
		Veículos	1.506.496\$10
			128.798.105\$16
		Comparticipações	22.731.546\$88
		Quotas de Reversão	7.838.916\$01
			159.368.568\$05
		De Ordem	
		Credores por Cauções da Administração	200.000\$00
		Cauções Próprias	144.500\$00
		Garantias Bancárias Prestadas	200.000\$00
		Credores por Garantias Bancárias	5.103.741\$20
		Credores por Valores em Depósito	1.419.743\$40
			7.067.984\$60
		Total do Passivo	257.730.596\$85
		SITUAÇÃO LÍQUIDA	
		Capital	70.060.000\$00
		Reserva Legal	1.622.942\$10
		Reserva Livre	18.511.877\$48
			90.194.819,58
		Resultados Gerais	
		Resultados do Exercício Anterior	28.675\$50
		Resultados do Exercício	7.566.233\$91
			7.594.909\$41
			97.729.728\$99
			355.460.325\$84

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

a) Joaquim Adriano Teixeira de Sousa

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO.

aa) Francisco Alberto Corrêa Figueira, pela Aliança Eléctrica do Sul, S.A.R.L. - Presidente
António José Martins Galvão, pela Hidro Eléctrica Alto Alentejo, S.A.R.L.
Luiz Calheiros Braga

44) **Francisco Alberto Corrêa Figueira**, pela Aliança Eléctrica do Sul, S.A.R.L. - Presidente
António José Martins Galvão, pela Hidro Eléctrica Alto Aletejo, S.A.R.L.
Luís Calheiros Braga

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

SETE RESPOSTAS SEM MALÍCIA

Recebo habitualmente muitas cartas de leitores. A todos (elas e eles) respondo directamente porque, em regra, seus assuntos não cabem nesta página de comentários.

Outras, não. São pedidos de diálogo. AS CARTAS DO BRASIL suscitam curiosidade: — Porquê isto? Porquê aquilo?

Essas, guardo com cuidado. E quando tenho suficiente material, actual e vivo, faço o que já fiz várias vezes, e volto a repetir agora: dedico-lhes uma CARTA DO BRASIL..

PRIMEIRA RESPOSTA

— «Afinal a Argentina...»
...Assim começa um leitor recordando certa crónica em que eu mostrava que o general Lanusse fizera tudo para desmoralizar Juan Domingo Peron, na sua consentida mas atribulada visita, meses atrás, a Buenos Aires...

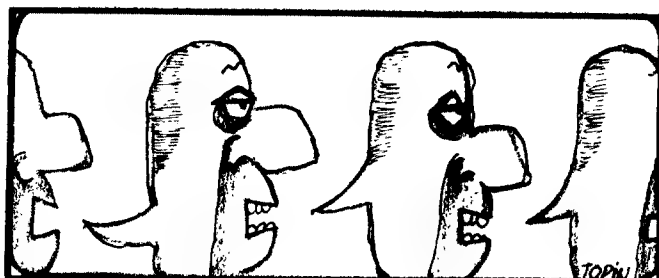
Sim, é certo que as eleições, na verdade livres, e abertas a todas as correntes de opinião pública, acabaram colocando o general Lanusse num beco sem saída. A vitória do justicialismo peronista surgiu esmagadora. E de repente um homem chamado Hector Campora, que Peron considera leal, suave e humilde, foi eleito presidente da República...

— Como? Porquê?

A resposta é simples. E que os leitores querem que aconteça algo de novo na Argentina.

E isso é que é importante.

Eu estive em Buenos Aires, duas ou três vezes, nos tempos de Peron. Pois bem. Juro que eram tempos abomináveis. Ele não passava, então, de um ditador atrabiliário e cruel. Salvou-o uma mulher: Evita, que, contra ele próprio, iniciou uma revolução proletária. Mas a morte levou-a (ela tinha ódio à burguesia que a desconsiderava), deixando-o perdido em seus prazeres, num ambiente de incertezas, que acabou numa revolução que o mandou para o exílio.



A greve: uma linguagem comum a trabalhadores de várias nacionalidades

Os Governos que vieram depois dele, e todos contra ele, sucederam-se. Mas ninguém, na Argentina, até agora, conseguiu nenhum milagre à brasileira. Muito pelo contrário. Foi esse sentimento de humilhação que deu a vitória a Campora.

Ninguém sabe, é certo, o que vai acontecer no futuro. Mas uma coisa ficou na História. A Argentina deu uma grande lição ao mundo.

SEGUNDA RESPOSTA

Há de facto um milagre brasileiro? Indaga um leitor da cidade do Porto.

Sim, leitor. Não há dúvida que a economia brasileira está sendo reconhecida pelos «grandes» do primeiro mundo. É o decantado milagre brasileiro. Ainda não chegou, porém, o milagre da justiça social. Mas ele virá.

A propósito transcrevo este breve comentário publicado no «Jornal do Brasil» de hoje: «O ministro da Agricultura, sr. Cirne Lima, refere-se ao chamado milagre brasileiro afirmando que a dona de casa é o génio desse milagre, pois com dois ou três salários mínimos consegue pôr de pé, e a andar, uma família inteira.

Mas basta uma gripe para demonstrar que o milagre não é tão milagroso assim...»

TERCEIRA RESPOSTA

Uma leitora de Guimarães, após ler três romances brasileiros, um de Jorge Amado, outro de José Mauro de Vasconcelos, e o terceiro de uma autora que eu mal sei que existe, Cassandra Rios, pergunta se no Brasil não se aprende latim.

Não, nos colégios (liceus) não se aprende latim. Dei a ler a carta desta leitora a um professor meu amigo, brasileiro Tupinambá que espontaneamente escreveu para mim, isto é, para a leitora, a seguinte resposta:

«Nada mais distante do português do Brasil do que o latim. Já começam mesmo aparecendo gramáticas estruturais do nosso português autóctone, como por exemplo, A Nomenclatura gramatical brasileira, do prof. Leodegário de Azevedo Filho, e um outro livro do mesmo autor: Gramática básica (editada em 1966) onde nem de longe se cogita na nomenclatura gramatical latina. Já existe porém uma Norma Linguística Culta, trabalho executado por eminentes mestres que começam fundamentando, cientificamente, uma já não distante «Gramática Brasileira».

Pode portanto a leitora ler, sem remorsos, os livros dos autores que cita. Escrevem em brasileiro. Eu quando posso faço o mesmo.

QUARTA RESPOSTA

«Beatriz Costa que vai publicar um livro sobre as suas andanças pelo mundo, pela vida, e pelos corações alheios, manda-me uma lista de títulos para que eu diga qual me parece o melhor».

Eis a resposta: Todos são maus, menos um. Se por acaso acertar com o conteúdo de um volume que, aliás, desconheço, adoptaria o único inteligente que consta da lista: PASSAPORTE.

Sim, esse creio eu que diz tudo: Passaporte. Serve para atravessar todas as fronteiras: as do Bem e as do Mal. Passaporte para a república do Pecado. Passaporte para o céu da Virtude. Passaporte para o Sonho. Passaporte entre a verdade e a mentira, entre o real e o irreal. Passaporte para entrar livremente no coração dos leitores. Passaporte para estar presente entre o Passado e o Futuro. Mas qualquer palpite é inútil. O editor tem razão para escolher o título que lhe parece mais comercial.

QUINTA RESPOSTA

— Não é exagero seu, esse negócio de um milhão de automóveis circulando? — Indaga um leitor que reside na por certo ainda amena vila de Sintra.

Não, leitor, não exagero. Só que o problema é cada vez mais grave.

Ora veja o que dizem os jornais de hoje: — «A primeira indústria automobilística, a Volkswagen, viu a sua produção passar de cinco carros diários, em 1957, para mil e quinhentos, no mesmo período de 24 horas, a partir de Janeiro de 1973».

Quer dizer, nos 365 dias do ano que está correndo (sem motor) teremos mais cinco milhões de automóveis invadindo Copacabana, pois não há ninguém, desde que motorizado, que deixe de vir diariamente paquear nesta praia tão sacrificada a um falso turismo.

Mas, a propósito: vocês sabem o que é PAQUEAR? Saíam? então, adiante...

Conversando com o psiquiatra Angelo Gaiarsa, disse-me ele que o homem não resiste ao carro.. O indivíduo com as mãos no volante tem a sensação primitiva e ingénua da sua própria força está multiplicada pela força do veículo. Ele sente o carro como o prolongamento do próprio corpo. É o super-homem. Quer uma mulher a seu lado. Então é o supermacho. Exibe-se. Cai em transe hipnótico. O velocímetro atesta a marca hipotética da sua potencialidade. O carro é a posse. É a vertigem. É o risco. É o perigo. É o desejo insatisfeito da violência, da brutalidade e da morte...

Mas deixemos o psiquiatra para lá. Porque o mais curioso é o seguinte: há semanas um departamento oficial está exibindo repetidamente na tevê, e nas telas dos cinemas, uns filminhos que chamam de educativos, onde a par de imagens de catástrofes automobilísticas se escuta, devidamente declamada, esta sábia frase: NÃO FAÇA DO SEU CARRO UMA ARMA.

Pois é. Mas desde que esse sensato lembrete fulgura em incómoda repetição diante dos olhos do público, redobramos, em números até então desconhecidos, os desastres que deixam ao longo de avenidas e estradas um rasto de corpos devorados pelas chamas entre o fumejar de ferros retorcidos...

SEXTA RESPOSTA

— O Brasil é de facto o líder da América Latina?

Esta é a pergunta essencial na carta de um amigo e leitor, que mora, em Lisboa, na rua da Beneficência.

Na verdade foi o presidente Nixon, numa das suas habituais precipitações, e num desejo ocasional de ser agradável ao Governo brasileiro, quem afirmou peremptório: — «Considero o Brasil como o único líder da América Latina».

Ao ler isto, na Imprensa, logo pensei: — Isto vai dar um bode! (a expressão é popular, mas certa). E deu mesmo. De aí em diante começaram os protestos desde o México até à Argentina, muito embora o próprio Brasil tente exprimir-se e justificar-se, afirmando que pretende apenas ser um elo na comunidade latino-americana.

Foi portanto a antidiplomacia de Nixon que deu novo fôlego à ideia bonita mas ainda um pouco crua, da criação da República dos Andes, de que devem fazer parte todos os países da região andina. Num vago futuro, é certo.

Mas o Governo que mais se sentiu magoado com esse negócio de considerar o Brasil líder da América Latina foi, é claro, o da Argentina, que logo começou a cantar o último tango de Lanusse, dividido em estrofe e estribilho: Porque quer o Brasil ir para os gelos da Antártida? Porque quer o Brasil poluir as águas do Rio Paraná, que é nosso?

Mas se o autor do tango foi Lanusse já agora Hector Campora começou a entoá-lo em tom de marcha patriótica: — O Brasil não pode dispor, sózi-

Mas no meio de toda esta milonga quem está ganhando é o Paraguai, pois com ele o Brasil se associou recentemente para a construção, no mesmo rio, de uma barragem que vai enriquecer com uma forte rede de energia eléctrica e o pequeno país que vivia até hoje da agro-pecuária.

SÉTIMA RESPOSTA

— «Afinal que destino foi dado ao Palácio de São Clemente, onde era a Embaixada de Portugal?»

Esta pergunta é feita por J. L.S. leitor que, por certo, recorda uma velha campanha minha...

Recebi a carta no mesmo dia em que chegaram dois convi-

tes. Um, do novo embaixador de Portugal, prof. José Hermano Saraiva, outro do conselheiro de Imprensa dr. Fialho de Oliveira. O primeiro para uma recepção, o segundo para um cocktail, ambas as cerimónias a serem efectuadas no acima mencionado Palácio de São Clemente.

Quis o destino, porém, que a nenhum pudesse obedecer, tendo, é claro, comparecido pelo telégrafo com um sincero pedido de desculpas.

Mas tive pena. Eu gostaria muito de me perder por aqueles salões, palácios e nobres, dada a facilidade que posso de transformar a realidade com os olhos da fantasia. Sim, eu iria vê-los como durante anos sonhei, num ambiente de anfiteatros, bibliotecas de cultura actual, salas de projecção, seminários, exposições, concertos, música permanente, e momentos líricos onde, em noites de luar, na escadaria de mármore, se lessem poemas dos modernos poetas lusíadas. Coisas assim. Mas obrigações profissionais não me permitiram ir a São Clemente. Aproveito, porém para aqui renovar os meus agradecimentos pelos dois generosos convites recebidos.

E aqui acabam as respostas aos leitores.

MAS HÁ AQUI UM LIVRO

Já várias vezes tenho falado de Baptista-Bastos. Ele merece. Nunca porém consegui dizer o que sentia, com a clareza desta frase escrita em Lisboa a propósito de «Cidade Diária»: — «Um livro de uma qualidade excepcional. Uma legibilidade rara na nossa prosa contemporânea».

Este livro de agora. «O Secreto Adeus», é uma segunda edição. Embora remanejado, tem dez anos.

José Gomes Ferreira, classificando-o como depoimento, fala na saudade de um heroísmo impossível. Certo. A experiência jornalística de Baptista Bastos, já fôra vivida, idêntica, por outras gerações. Dos anos 50, dos anos 40, dos anos 30. Há uma constante impossibilidade na vida jornalística em Portugal. Conheci isso em 1920, com Artur Inês, de quem fui amigo, e mau discípulo. Lembro o jornalismo agressivo do tempo de Sidónio Pais. E o jornalismo de repúblicas contra monárquicos. Existiu o jornalismo de António José de Almeida contra Afonso Costa. O jornalismo antagónico de antes de 5 de Outubro. A ferocidade da Imprensa católica contra a Imprensa republicana. Houve o jornalismo que Eça de Queiroz conheceu, e contou. Ardeu no Porto a chama panfletária de Camilo. Chegou a existir na monarquia o jornalismo dos monárquicos contra a monarquia. Como houve, depois, de republicanos contra a República. Recuando, chegamos até aos insultos pela Imprensa entre miguelistas e liberais. E podemos lembrar as vítimas da ferocidade do esbirro-mór de S. Majestade a rainha D. Maria Primeira. Quanto jornal não ardeu nas fogueiras.

Para correspondência: R. Fernando Mendes, 28-ap. 908 — Copacabana — G. B. BRASIL

Stentofon

Sistemas de intercomunicação

Lisboa	Porto	Faro	Portimão
42124	483598	24338	22954
713470			

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

NOVAS INSTALAÇÕES DO POSTO CLÍNICO N.º 105 028 (XABREGAS)

A Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa, comunica que a partir do próximo dia 9 de Abril, o Posto Clínico n.º 105 028 (Xabregas) que tem funcionado na Calçada de D. Gastão, 15-1.º em Lisboa, é transferido para novas instalações sitas na Avenida Afonso III, lote 16 — Lisboa, com os telefones n.ºs 839488, 381226 e 382487.

Esta nova unidade, dispõe de consultas de Clínica Médica, Estomatologia, Cirurgia, Ginecologia, Obstetrícia, Pediatria, Otorrinolaringologia, Oftalmologia.

A área abrangida incluirá não só a correspondente ao antigo posto de Xabregas, mas ainda parte da área adstrita ao Posto Clínico n.º 105 014 (Mónicas), no qual se encontra afixada uma relação dos arruamentos que dele deixam de fazer parte.

A DIRECÇÃO



COMENTÁRIO INTERNACIONAL

O episódio do boicote à carne nos Estados Unidos assume uma importância que nada tem de episódica e que põe em jogo múltiplos aspectos contritórios da sociedade americana.

Apesar de outros aspectos que possam eventualmente ter implicações mais profundas, é de salientar a espantosa adesão do público a uma movimentação contra os altos preços. Esta movimentação é tanto mais significativa quanto é certo que se passa nos Estados Unidos, pois onde a iniciativa privada, a livre concorrência e «o cada um por si» são princípios venerados e consi-

BOICOTE À CARNE

derados como Sacrossantos e intocáveis.

É verdade que o boicote, uma vez passadas algumas semanas sobre ele, pouca ou nenhuma influência terá no preço da carne. Os grandes industriais da carne poderão rarefazer o produto de modo a aumentar os preços, recuperando parte do perdido. Mas o exemplo do que se passou, não se apagará nas memórias, quer dos que boicotaram, quer dos que sofreram o boicote. Ficou provada a possibilidade de se levarem a cabo grandes movimentos, cobrindo todo o país, em defesa do Consumidor. Ralph Nader, o campeão dos direitos do consumidor, anda há anos a fazer campanhas e nunca logrou obter um êxito deste género.

Além do exemplo e da memória, mais alguma coisa vai ficar deste boicote: são as inúmeras organizações locais, estaduais e nacionais que se montaram para o efeito. Algumas delas poderão desaparecer, mas a maioria fica. Isso constituirá o esqueleto de futuras movimentações do mesmo género, podendo desempenhar também o papel de detonador.

Uma reivindicação económica como esta, quando assume as proporções a que assistimos, passa a ter uma grande importância política. Na verdade, não se trata de uma mera greve para aumento de salários numa fábrica qualquer. Não, trata-se de contestar uma política económica governamental de aparente luta contra a inflação. Essa política governamental de aparente luta contra a inflação. Essa política foi claramente posta em cheque pelos «boicotadores», mesmo que nem todos disso se apercebam.

Nixon mantém um apertado controle — no papel — a preços e salários. Contudo, o resultado desse controle está à vista com este boicote. Por um lado, os salários são, de facto, controlados, por outro os preços — e alguns dos produtos essenciais, pelo menos — sobem assustadoramente.

Além disso, a nova política económica do presidente — e isso até os sindicatos americanos denunciaram deste o início — nunca implicou o controle dos dividendos das empresas. Mais, enquanto os salários eram congelados, foram anunciadas isenções de impostos a diversos sectores da indústria, como forma de combater a estagnação. Assim, com os preços a subir, os salários a estagnar e os impostos aos industriais a descer, os consumidores e os trabalhadores (na sua esmagadora maioria os mesmos) vêm reduzir-se o poder de compra, enquanto os dividendos das empresas não deixam de aumentar.

Nem todos os boicotadores terão entendido as reformas económicas de Nixon desta forma, mas o seu movimento veio dramatizar esta situação.

Entretanto, talvez seja útil adiantar que, dentro de um jogo que é planetário e não apenas dos EUA, é possível, é mesmo provável, que o poder de compra dos americanos em geral venha a diminuir gradualmente, uma vez que Washington parece ter cada vez menos força para impor soluções internacionais.

A. Villaverde Cabral

1 DOMINGO

Hector Campora regressou presidente-eleito à Argentina, depois da sua visita à Europa para se encontrar com o «chefe espiritual» do peronismo. Milhares de adeptos da Frente Justicialista (Frejuli) foram esperá-lo ao aeroporto de Buenos Aires, para lhe oferecerem uma tumultuosa recepção, apesar da chuva torrencial. Campora anunciou que regressaria à Europa mais uma vez antes da posse, em 25 de Maio, para se avistar de novo com Juan Perón. Por outro lado, o presidente-eleito fez saber que participaria nalgumas reuniões cimeiras com dirigentes europeus como o presidente Pompidou, da França, e Heinemann, da Alemanha Federal. Desta vez, Campora encontrou-se com Francisco Franco, o hospedeiro de Perón, e com Giovanni Leone, o presidente italiano, bem como com altos funcionários espanhóis e italianos. Saído da obscuridade pela mão do antigo ditador, Hector Campora relaciona-se, também pela mesma mão, agora arvorada em «superembaixador», com os grandes do mundo. Entretanto, na Argentina, alguns grupos, que reivindicam a qualidade de pertencentes ao grande movimento peronista, raptam figuras das forças armadas (ligadas aos serviços secretos) e da economia (ligadas ao grande capital estrangeiro). Um desses grupos publicou até uma declaração afirmando que não bastava conquistar o Poder pela via eleitoral, sendo também necessário fazê-lo pela via armada. Quem quiser compreender que compreenda. Das duas uma, ou o grupo é peronista — é ele próprio que se afirma como tal — e, portanto, aceita a vitória dentro do jogo eleitoral que coloca os peronistas no Governo, ou bem que não é peronista e então é livre de fazer as opções e análises que muito bem entender. O facto, no entanto, demonstra a extrema imprecisão dos limites da Frejuli, expressão organizada do peronismo. Essa imprecisão poderá, num futuro mais ou menos próximo, trazer bastantes dificuldades aos peronistas tradicionais, afinal aqueles foram colocados em posições de decisão pelas eleições do mês passado.

2 SEGUNDA

Edgar Faure foi, como se esperava, eleito para a presidência da Assembleia Nacional Francesa. Ao contrário do que alguns comentadores imediatamente adiantaram, não se trata de um indício da viragem ao centro (poderá dizer-se assim?) do regime gaulês. Na verdade, Faure vai ocupar o cargo apenas para impedir que outro o faça. Esse outro é o antigo primeiro-ministro, «maire» de Bordéus e antigo presidente da Assembleia Nacional, o sr. Jacques Chaban-Delmas. Faure recebeu o apoio das duas das amiores figuras do regime, Valéry Giscard d'Estaing e Georges Pompidou, porque ambos temiam a liberdade de movimentos e possibilidades de contactos que o cargo atribuiria a Chaban. Faure, velho primeiro-ministro da IV República não tem aspirações à presidência e, mesmo que as tivesse, não tem qualquer possibilidade numa luta contra Giscard

3 TERÇA

Na Austrália foi descoberta uma conspiração de funcionários e oficiais dos serviços secretos no sentido de, ludibriando o Parlamento e o Governo, proteger as actividades terroristas de croatas exilados no país. Os serviços secretos tinham informado um senador, que ia proferir um discurso sobre essas actividades, que não as devia mencionar pois elas não se verificavam na Austrália. O senador, Lionel Murphy, não se deve ter dado por muito satisfeito pois conduziu uma investigação nos gabinetes dos serviços secretos e descobriu que neles existiam provas das actividades terroristas croatas. O encobrimento destes factos envolveu funcionários do Ministério dos Estrangeiros e de outros departamentos governamentais. Que pensar disto? É sabido que o actual Governo trabalhista australiano de Gough Whitlam se tem afastado da política pró-americana dos seus antecessores. O que se verifica é que as dezenas de anos de Governo conservador criaram uma máquina que, até em pequenos pormenores como este dos croatas — cujas organizações terroristas se inspiram nas melhores tradições do tempo do regime fascista na Jugoslávia — emperrou uma governação com um carácter diverso.

4 QUARTA

Começou em Washington a reunião anual da Organização dos Estados Americanos (OEA). Ao contrário do que tem acontecido em reuniões anteriores, os Estados Unidos viram-se imediatamente envolvidos por uma contestação que engloba os países mais diversos, com os Governos mais diversos. Três das principais questões surgiram logo que abriu a sessão: o pedido de anulação das sanções contra Cuba, a transferência da sede da Organização de Washington para um país da América Latina e a completa revisão da OEA. O campo dos descontentes com as relações

5 QUINTA

O chanceler Willy Brandt da República Federal Alemã apressou-se a refutar como calúnias as acusações do dirigente oposicionista Rainer Barzel, segundo as quais o Governo não estava suficientemente atento «às tendências antiamericanas na RFA», apontando também «os perigos de um enfraquecimento do Bundeswehr (o exército) numa falsa euforia de apaziguamento».

Barzel acusou o chanceler de passividade perante essas tendências que, segundo ele, ameaçam causar um prejuízo considerável à cooperação germano-americana. Brandt retorquiu, como excelente social-democrata, que a solidez das relações entre a RFA e os EUA era considerada em Bonn,

6 SEXTA

Patrick Gray, director do FBI, desistiu da sua candidatura à nomeação definitiva para o cargo. Motivo: o escândalo do caso Watergate, aquele em que homens ligados à Casa Branca, ao FBI e à CIA foram apanhados a espionar na sede do Partido Democrático, durante a campanha eleitoral do ano passado. A situação

de Gray ficara irremediavelmente comprometida, pois viria-se claramente que, por pressão da Casa Branca — de acordo com um dos senadores — encobria certos factos melindrosos na investigação. A independência do FBI em relação ao Governo-Nixon ficou muito comprometida publicamente. Isto não quer dizer que o FBI tenha alguma vez sido independente. A organização sempre teve claras opções políticas, mas não convém que isso se torne assim muito claro.



Um supermercado em San Francisco. No balcão da carne, a secção de criação tem algum movimento, enquanto a da carne de vaca, porco e de carneiro é desprezada pelos clientes.

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

AVENIDA DA REPÚBLICA, N.º 102 — LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DOS TRABALHOS DE «LIMPEZA, REPARAÇÃO E PINTURA DO PRÉDIO SITO NA RUA BERNARDA FERREIRA LACERDA, N.º 5 EM LISBOA».

Torna-se público que esta Caixa aceita propostas até às 12 horas do dia 23/4/73 para realização das obras mencionadas, encontrando-se o caderno de encargos patente na Avenida de Berna, n.º 13-3.º em Lisboa.

As propostas serão abertas no dia 25 do mesmo mês pelas 15 horas e 30 minutos.

Lisboa, 4 de Abril de 1973

A DIRECÇÃO

UM NOVO TRANSPORTE SOBRE CARRIS

No campo aberto do aeroporto de Orly, à beirada de uma pista de aviação, trabalha-se na construção de uma via férrea em forma de anel e com cerca de um quilómetro de comprimento. Desde o dia 10 de Fevereiro, circula sobre esta via um pequeno veículo de quatro lugares, sem condutor, ao qual se virão juntar em breve outros dois do mesmo tipo.

Este sistema experimental, chamado Aramis, foi estudado pela sociedade Matra. Não há grandes inovações de ordem tecnológica: os veículos deslocam-se sobre pneus e a propulsão é feita por motores eléctricos. A sua originalidade reside nos automatismos complexos com que são apetrechados, de modo a permitir o transporte de passageiros directamente do ponto de partida até ao seu destino. É a primeira réplica francesa dos sistemas americanos apresentados o ano passado na exposição dos transportes, em Washington.

Estas novas modalidades de transporte, destinadas a servir as cidades de média envergadura e as periferias dos grandes centros, estão longe ainda de serem operacionais e ignora-se se poderão vir a ser utilizadas em grande escala. O futuro desta nova técnica dependerá em grande parte do êxito dos especialistas na resolução dos problemas que coloca o seu elevado automatismo, e também da confiança que o público vier a depositar nela.

A CADA UM O SEU DESTINO

Depois de ter adquirido a divisão de transportes da firma Automatismes et Technique, a sociedade francesa Matra iniciou o estudo do sistema Aramis, para o qual conseguiu, no princípio de 1971, um contrato financeiro da Delegação do ordenamento do território, o aeroporto de Paris, a R.A.T.P., o Ministério dos Transportes, etc. Decidiu-se construir o primeiro protótipo, orçado em cerca de 12 milhões de francos, metade dos quais financiada pela sociedade Matra.

O princípio de funcionamento do Aramis é muito simples: os veículos circulam numa via principal, e as diversas estações encontram-se nas linhas derivadas. Quando os veículos chegam ao seu destino abandonam então a linha principal, para entrarem nas estações respectivas. Isto permite realizar um trajeto directo, sem paragens, desde o ponto de partida até ao ponto de chegada. Cada um dos veícu-

los tem um único destino, saindo portanto todos os passageiros na mesma estação.

As sociedades de aeronáutica e electrónica, tanto americanas como europeias, só se interessam actualmente por sistemas de transportes inteiramente automatizados. É difícil, na verdade, imaginar um condutor em carros tão pequenos como os do Aramis, transportando apenas entre 4 e 10 passageiros (todos sentados). A automatização permite ainda um controlo preciso da partida e do percurso de cada veículo, aumentando assim o número de passageiros transportados para o mesmo número de unidades.

UM INCONVENIENTE: A COMPLEXIDADE

O preço da automatização é a sua complexidade. Para conseguir uma segurança total, a electrónica deve conseguir um funcionamento tão perfeito, ou mais ainda, que o das naves espaciais. Já não há um condutor para remediar qualquer possível incidente, como acontece ainda nas linhas de metropolitano de Paris, onde circulam algumas composições automatizadas e esta ausência total da presença humana modifica radicalmente o problema.

A grande vantagem dos sistemas automatizados é a sua maleabilidade de exploração. O número de veículos em circulação pode variar em qualquer altura, consoante as necessidades. Nas horas de menor movimento, os passageiros do Aramis poderão marcar o destino de um carro encontrado vago numa estação, bastando para tanto carregar num botão correspondente à estação desejada. Nas horas de ponta, serão os equipamentos electrónicos de cada estação a programar o destino dos veículos, em função das necessidades do conjunto; a não ser que o serviço seja previamente definido, destinando-se por hipótese, o terceiro veículo à estação X, o segundo à estação Y, etc. A exploração da rede será então adaptada às particularidades de cada zona que serve.

Há duas características que distinguem o sistema Aramis dos sistemas americanos congêneres:

1 — Os veículos não circulam isoladamente — o que

obriga a mantê-los a uma certa distância uns dos outros — mas em atrelados, como no metropolitano. A uma velocidade uniforme, e para um igual número de veículos, aumenta deste modo a capacidade do sistema. A uma velocidade média de 50 km horários, o Aramis poderá transportar entre 10 a 15.000 passageiros por hora, em vez dos 2 a 7 mil dos sistemas concorrentes.

2 — O sistema Aramis é bastante descentralizado, ao contrário da maior parte dos sistemas americanos. Nos sistemas centralizados, há um computador central que comanda e vigia os veículos ao longo de toda a linha, sabendo a todo o instante o que lá se passa. A ligação entre cada estação e o computador central é assegurada por uma série de computadores mais pequenos que comandam os veículos no sector da linha que lhes compete. Isto implica um volume importante de troca de informações entre os veículos e os computadores: entre 5 a 20 mil unidades de informação por segundo, conforme os casos. O risco de perturbação dos sinais é considerável, sobretudo nas zonas industriais e urbanas onde alguns sinais «parasitas» se podem misturar aos sinais dos comandos. Foi isso que parece ter sucedido no metropolitano de São Francisco, inaugurado recentemente e também totalmente automatizado, quando uma composição descarrilou por causa de um «parasita» industrial.

No sistema Aramis, em contrapartida, as trocas de informação reduzem-se a algumas centenas de unidades por segundo. Não há computador central a comandar os veículos: quando muito um computador vigiará a linha de um ponto de vista operacional. Para cada estação os pequenos calcu-

ladores respectivos encarregar-se-ão de tudo.

UM VEÍCULO QUE SE BASTA A SI PRÓPRIO

Cada veículo está munido com o seu próprio sistema de pilotagem, que recebe as ordens de velocidade e as transmite ao motor. Os sinais de velocidade vêm de uma linha de transmissão disposta ao longo da via, constituída por troços de comprimento diferente conforme se trata de uma linha recta, uma curva, um cruzamento, etc. Os estímulos de velocidade variam em função desses troços. O sistema foi simplificado ao máximo. Todos os veículos dum mesma composição captam os estímulos de velocidade, mas apenas o veículo da frente responde a esse estímulo; o segundo limita-se a seguir o primeiro, o terceiro a seguir o segundo, e assim por diante.

Para prevenir qualquer possibilidade de choque é necessário, antes de mais, manter as composições a um número limitado de 900 metros, para uma velocidade de 50 quilómetros por hora, e evitar em seguida que os veículos choquem uns contra os outros dentro de uma mesma composição. São as estações que asseguram a manutenção da distância entre as composições por intermédio de balizas ópticas dispostas ao longo da via que detectam a passagem das composições. Se uma composição está atrasada, a estação que recebe os sinais das balizas dá-lhe ordem de acelerar.

O reagrupamento dos veículos nas composições é tal, que quando um deles se encontra a alguns metros de distância do que o precede, ele não procura afastar-se, mas aproxima-se até à distância máxima de trinta centímetros, que nor-

malmente deve separar dois veículos numa mesma composição.

Portanto, cada veículo está munido com dois detectores que fazem permanentemente medidas de distância: um radar de ultra-sons, de um alcance de 40 metros, e um detector óptico, com um raio de acção de 5 a 6 metros. Quando uma composição deixa uma estação, para se ir colocar à frente de uma outra que chega pela linha principal, é também o radar que funciona. O mesmo radar permite ainda que cada veículo «saiba» exactamente se está ou não à cabeça da composição: conforme não vê, ou vê, um obstáculo à frente a menos de quarenta metros. O detector óptico permite a realização da fase final de aproximação de dois veículos, mantendo a distância de trinta centímetros entre os carros de uma mesma composição.

Os carros recebem as ordens de aceleração e desaceleração não só a partir da linha disposta ao longo da via e da estação, mas também através dos detectores ópticos de bordo. Se por acaso um desses detectores se avaria, as composições param automaticamente, no espaço de 750 metros. É provável que, por razões de segurança, venham a ser colocados dois detectores ópticos em cada carro.

O sistema de atrelagem electrónica dos carros, que se preferiu a um sistema de atrelagem mecânica, levanta alguns problemas. Como cada carro repete o comportamento do que o precede, pode suceder que os últimos veículos de uma composição muito grande estejam sujeitos a golpes repentinos, acelerações e desacelerações bruscas, que é preciso evitar.

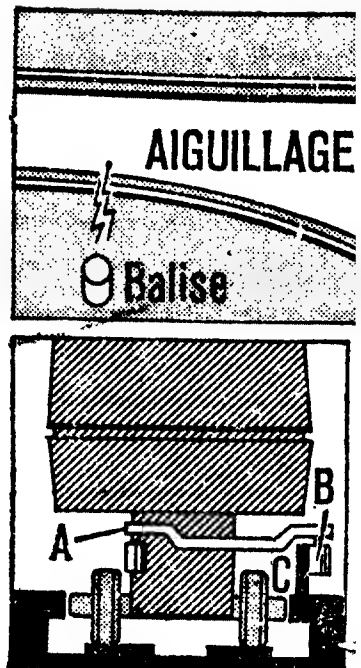
DOMINIQUE VERGUÈSE

é a própria estação esta avisa-o pela emissão de um número de código, comandará o fecho das portas e dará ainda a ordem de partida. Estes sinais, levados pela linha de transmissão colocada sobre a via, são captados pela antena de cada veículo.

Em princípio, a estação dá ordem aos carros para abandonarem o cais todos os minutos, quer tenham entrado passageiros ou não. A regulação em função da procura será feita mais através do comprimento da composição do que através dos momentos de partida.

O sistema de segurança é reforçado por um segundo circuito de transmissão, totalmen-

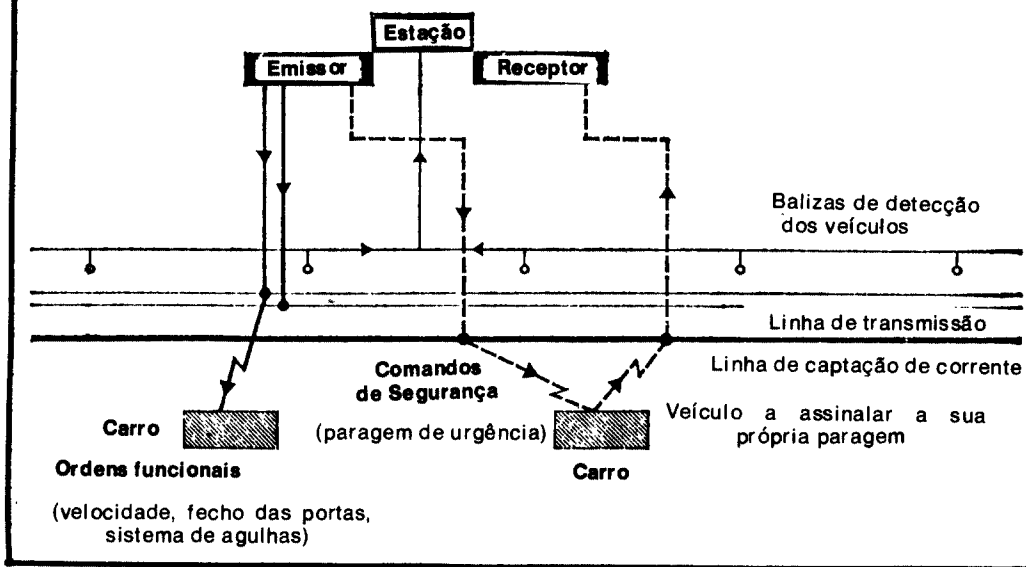
FORMA DAS COMPOSIÇÕES E A PARAGEM



Neste quadro está representado o modo como se processa a aproximação de uma estação. Em (A) há uma composição de cinco carros que se aproxima duma estação. Só os carros 3 e 5, que chegaram ao seu destino, é que tomam a bifurcação conduzindo à estação (B), enquanto os outros continuam a marcha, aproximando-se de novo uns dos outros até à distância máxima de 30 centímetros (C).

Durante este tempo, os carros 3 e 5 estão parados na estação, deixando sair os passageiros (B). Entretanto entram outros, e serão eles, ou a es-

O SISTEMA DE SEGURANÇA



No sistema Aramis, as trocas de informação são reduzidas ao mínimo. Em princípio, os carros não comunicam nem uns com os outros, nem com o computador central que vigia o andamento nas linhas. As trocas de informação circulam entre as estações (ligadas ao posto central por fio e por rádio) e os veículos, e essencialmente das estações para os veículos. Por seu lado, os carros não enviam sinais para as estações, nem os trocam en-

tre si, senão motivados por razões de segurança.

Acresce ainda que cada estação só controla uma porção de via limitada a 150 metros para cada um dos lados, ou seja, apenas cerca de metade da distância que a separa das duas estações entre as quais está intercalada (a distância entre duas estações é, mais ou menos, de 300 metros).

A função da estação é a de comandar os carros que entram no sector respectivo. Uma

baliza colocada a meia distância da estação precedente indica-lhe que uma composição vai entrar no sector, composição que a estação só admitirá se o seu sector estiver desimpedido (como a distância que separa duas composições deve ser de 900 metros, cada sector de uma estação comporta apenas uma composição). A estação regula então as agulhas de modo apropriado à marcha de cada veículo, e se o destino de algum dos carros

Um copo de boa disposição...



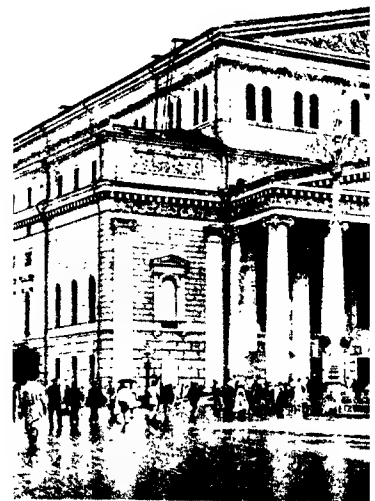
...para todo o dia!

Más disposições, azia, náuseas e enfiamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samarin».

caixas com 36 cartelas individuais.



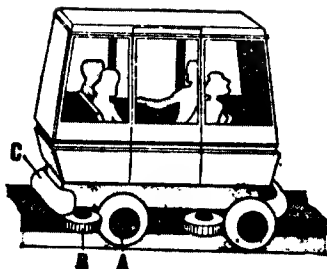
A venda nas Farmácias



te independente do primeiro. Se é verificada alguma anomalia, a estação poderá dar ordem de parar a todos os carros do seu sector. Do mesmo modo, se um veículo pára por razões imprevistas, comunica imediatamente essa paragem à estação mais próxima, através do seu emissor independente. Nesse caso, a transmissão é feita com a linha de transmissão de corrente.

Mas cada estação possui ainda uma terceira rede de informação: são as balizas colocadas nos sinais estratégicos — entradas de sector, curvas, bifurcações — que ao detectarem a passagem dos veículos enviam uma nova série de sinais para a estação.

O MESMO CONFORTO DO AUTOMÓVEL



Procurando proporcionar ao passageiro o mesmo conforto que um automóvel, o veículo automático é leve, para diminuir o custo da infra-estrutura, e de proporções reduzidas, adaptado às configurações complexas das zonas urbanas. Para um peso no vácuo de 650 quilos, o carro Aramis pode transportar uma carga útil de 350 quilos, o equivalente a quatro passageiros sentados com as respectivas bagagens arrumadas atrás dos bancos.

Mede 1,9 metro de alto, 1,32 metro de largo e 2,3 metros de comprimento. O seu raio de curva é de 5 metros, em manobras a fraca velocidade.

É equipado com quatro rodas a pneu (A) e conduzido ao longo da via por quatro rodas laterais (B). À frente e atrás é munido com um pára-choques (C), onde estão instalados os «cataphotes» que recebem os sinais ópticos do veículo seguinte.

No Aramis, o sistema de agulhas é colocado no próprio veículo, e não sobre a via. Fixada debaixo do veículo, uma travessa (A) pode, segundo as ordens que lhe chegam antes de cada bifurcação, colocar-se em 5 segundos à direita ou à esquerda. Um eixo de extremidade (B) encaixa então num contracarril (C), obrigando o veículo a seguir a marcha prevista.

tação, que decidem do próximo destino dos carros. A estação comunica a ordem de partida, de forma a fazê-los preceder a composição a-b-f-g que se aproxima na via principal (D). Esta composição segue agora um pouco desgarrada, porque largou os carros c-d-e que ficaram na estação depois de terem saído o 3 e o 5.

Pouco a pouco, os carros a-b-f-g vão-se aproximando uns dos outros até à distância de 30 centímetros, e começam a acelerar para se juntarem ao e ao 5. Forma-se então uma nova composição (E).

CONFEDERAÇÃO MEXICANA DO TRABALHO A SEMANA DE 40 HORAS

...A despeito dos receios de que a economia nacional possa ser gravemente afectada, a poderosa Confederação do Trabalho Mexicana está a levar a efeito uma campanha em prol da semana das 40 horas.

Alguns porta-vozes da comunidade industrial alarmados com a situação deram a entender que reagirão energeticamente, mas a maioria dos observadores prevêem uma vitória dos trabalhadores, embora, provavelmente, isso se não verifique dentro do prazo fixado pela Confederação.

Fidel Velazquez, secretário-geral da Confederação, ou «C. T. M.», declarou recentemente que os trabalhadores devem cerrar fileiras e insistir na mesma semana de cinco dias e 40 horas até 1 de Maio, mesmo que isso signifique greves em larga escala.

Alejandro Alvarez Guerrero, presidente da «Confederação Nacional de Cámaras Industriais», declarou publicamente que a semana das 40 horas é uma coisa impraticável nesta fase do desenvolvimento do México.

«Podem exercer pressão sobre nós por meio de greves e interrupções de trabalho», disse. «Isso não tem importância. Podemos sobreviver. O importante é que a rápida destruição da economia os afectará sobremaneira».

A despeito da controvérsia pública, que tem sido objecto de considerável atenção por parte da imprensa, são poucos os observadores com conhecimento dos factos que esperam uma verdadeira confrontação entre os trabalhadores e o patronato. Efectivamente, o «C. T. M.» é o ramo operário do Partido Revolucionário Institucional do México, no poder, e o que o partido quer conseguir normalmente.

Nem o partido nem os seus porta-vozes no governo se manifestaram ainda



O embaixador da China no México

em resposta à exigência da semana de 40 horas. O que é significativo, porém, é o facto de o governo ter concedido a semana de 40 horas aos empregados federais no fim do ano passado e, alguns meses antes, ter concordado com as regalias para os empregados bancários.

«Considerando as tendências liberais da actual administração», declarou um informador, «não restam dúvidas de que a semana das 40 horas para os trabalhadores da indústria será uma realidade mais cedo ou mais tarde».

Uma grande parte dos trabalhadores da indústria beneficia já da semana de cinco dias e 40 horas, particularmente nas fábricas maiores. Velazquez e a «C. T. M.» pretendem alargar este benefício a todos os trabalhadores representados pe-

la Confederação, cujo número anda pelos 2 milhões, ou seja, um quarto da mão-de-obra nacional.

Entretanto, Velazquez tem sido criticado pelo facto de preconizar a semana das 40 horas à custa do aumento dos salários, os quais são fixados por uma comissão governamental que compreende representantes da indústria e dos trabalhadores.

Além disso, de acordo com números fornecidos por Porfirio Muñoz Ledo, o secretário do Trabalho, apenas 50 por cento da mão-de-obra nacional recebe o salário mínimo. Este oscila entre menos de 1,50 e 4,31 dólares por dia, dependendo das diferenças regionais.

A mão-de-obra especializada encontra-se numa situação ligeiramente melhor. O salário dos operários que

trabalham com guindastes, por exemplo, está fixado em 5,49 dólares por dia, enquanto que o dos electricistas é de 5,79 dólares.

Quanto à ameaça de Velazquez de recorrer à greve, são em reduzido número as pessoas que aqui acreditam que o governo toleraria semelhante actividade em larga escala. A última greve importante no México, em que estiveram implicados o ano passado trabalhadores da indústria do açúcar no estado de Vera Cruz, na costa do Golfo, foi rapidamente sufocada depois de o governo ter enviado tropas.

CAMPORA RECEBIDO POR PAULO VI

Juan Domingo Perón e o presidente eleito da Argentina, Hector Campora, estiveram em Madrid, segundo informações do secretário privado do ex-presidente argentino, José Lopez Rega. Aquele representante de Peron, precisou ainda que o dr. Campora acompanhará o general Peron em Madrid, correspondendo ao pedido formulado pelo general, completando as conversações que têm mantido na residência de Puerta de Hierro, onde reside o ex-ditador argentino. Na fotografia, o presidente eleito Hector Campora, ao ser recebido em audiência privada por Sua Santidade o Papa Paulo VI



POR FAVOR
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OUVRE SÁRIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência

viagens
apolo 73

8 DIAS EM LONDRES

VIAGEM EM AVIÃO ESPECIALMENTE FRETADO
Partidas todas as 5. Feiras durante todo o ano

PREÇOS A PARTIR DE 2.990,00

Estadia com pequeno almoço VISITA DA CIDADE ACOM-PANHADA POR GUIA-INTER-PRETE Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CRÉDITO

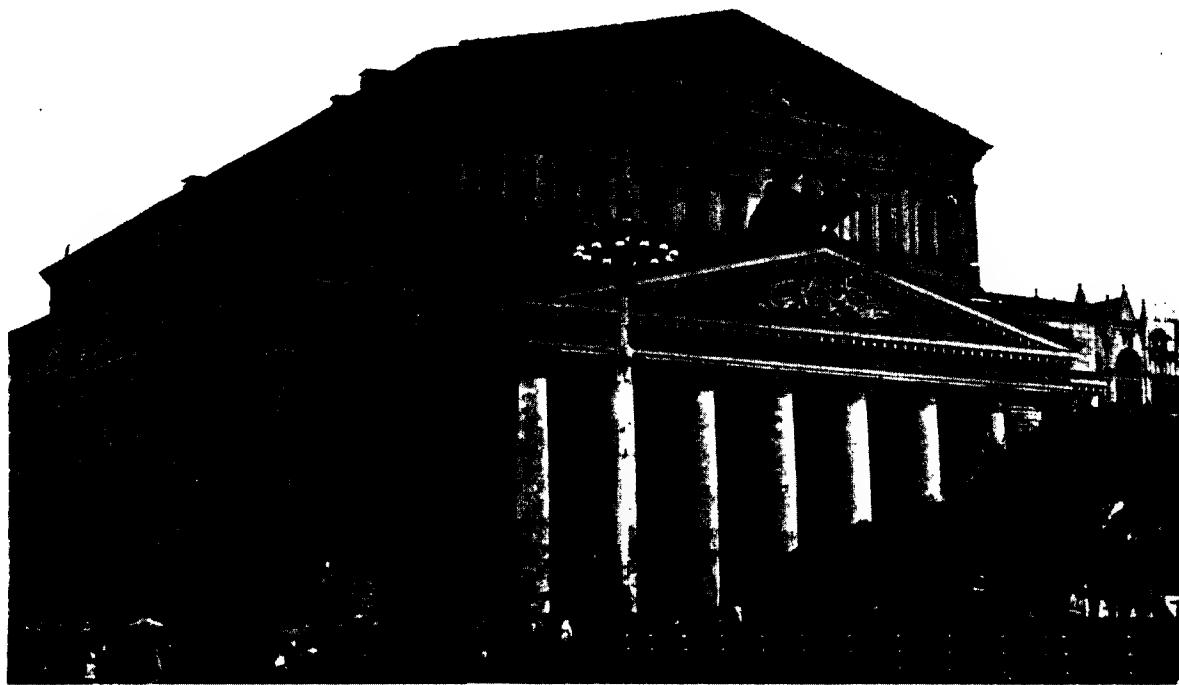
Marsans

Av. da Liberdade, 72 - A
Telfs. 35505-323142-320406-370000

Teatro

MOVIMENTO TEATRAL SOVIÉTICO

A maior reunião de figuras do espectáculo soviético alguma vez realizada terá lugar em Moscovo este Verão, com a presença de todos os maiores produtores dos 543 teatros da União Soviética. Falarão das suas recentes viagens ao estrangeiro em busca de novo material, especialmente nos teatros experimentais do Ocidente. Um jornalista soviético amigo, chamado Vitaly Kobish (agora em Nova Iorque após uma estadia de quatro anos em Inglaterra) deu-me conta desta conferência e dos seus objectivos. «Temos uma enorme quantidade de teatros para pôr a trabalhar», disse ele, «e, como é óbvio, não podemos continuar a representar Shakespeare e Gogol eternamente, embora seja verdade o dizer-se que as versões «georgianas» e «usbeque» do Rei Lear, do Oteló e do Hamlet estejam entre as melhores do mundo».



Teatro Bolchoi em Moscovo.

Porque, para além dos 543 teatros (que incluem 40 teatros académicos, que são os equivalentes dos «bolshoi») há 133.000 teatros de clubes ou fábricas (como o grande teatro da cidade construído de automóveis de Gorki que ainda recentemente levou à cena a sua «Décima segunda Noite»)... todos eles têm necessidade de dos escritores teatrais existentes, para os manter em entes, para os os manter em acção.

Não admira que Alexei Arbuzov, autor de «A Promessa», que está em cena há quase dois anos em Londres, esteja sobrecarregado de trabalho. A verdade é que produziu quatro novas peças em pouco mais de dois anos, incluindo «Dias Felizes de um Homem Infeliz» e «Nesta Querida e Velha Casa», e, ultimamente, uma comédia A975 — uma família so-

viética de artistas que organiza a sua própria orquestra.

Entre os importantes produtores que estarão presentes na conferência do próximo Verão, está Igor Vladimirov, chefe do teatro Lensoviet de Leninegrado. Tem estado em Londres em busca de dados para a conferência, e o seu principal interesse é o novo teatro experimental.

Porém, Vladimirov não gostou da moderna versão do «Mercador de Veneza» que viu em Londres, com Laurence Olivier no desempenho do papel principal. «Senti-me, de início, excitado com a peça. Os actores trajavam à moda do século XIX», disse Vladimirov, «e o cenário era extraído directamente de Charles Dickens».

«A primeira vista parecia uma ideia terrivelmente atractiva. Porém, depois, Shakespeare começou a vingar-se, por-

que escreveu sobre a sua época na linguagem da época. Para mim, portanto, a experiência falhou completamente. Nem todas as peças clássicas se adaptam bem a épocas posteriores. Porém, os clássicos nunca morrem e alguns transmitem-se de ouvido. Como Gogol, por exemplo, que nos disse o que precisamos saber sobre burocracia».

Vladimirov apresentará à conferência o seu plano de que o que o teatro soviético precisa, para manter o ceptro mundial do drama, são melhores e mais jovens produtores treinados na sua própria «escola», mas melhor e mais largamente treinados do que anteriormente. Kobish disse-me que estão previstos 50 novos teatros antes de 1980. Um que abrirá ainda este mês, em Moscovo, é uma construção totalmente nova para o famoso Teatro de Artes de Moscovo. Todos os lugares estão equipados com aparelhagem para a tradução simultânea das peças em quatro línguas.

Os teatros soviéticos nada são, se não forem, eles próprios, experimentais. As suas representações pré-Natal passaram recentemente a incluir uma adaptação russa, a primeira de todas, da obra de Lewis Carroll, «Alice no país das maravilhas», (Muito difícil de compreender, a menos que se saiba um bom bocado da vida inglesa», disseram-me) e uma primeira produção de «A carroça das maçãs» de Bernard Shaw, bem como novas produções de «Dom Quixote de La Mancha», «Oteló», «Rei Lear», «Macbeth», «A tua vontade», «Décima segunda noite» e «Troilo e Cressida». Estranhamente, a única nova produção de Tchekov foi «Ivanov». Leninegrado acaba de apresentar uma nova produção de «Crime e Castigo» de Dostoiévsky, com anotações especiais para Galina Nikulina, uma nova estrela no papel de Sónia Marmeladova. Entretanto, o teatro de Sebastopol obteve uma nova adaptação da novela de Dostoiévsky, aqui pouco conhecida: «Humilhados e ofendidos». Tem como herdeiro de processo mundial para alertar as velhas regras, e que afecta hoje os teatros de todo o mundo.

Zavadsky: — No Ocidente, este processo está a aumentar, por forma a colocar os actores

e a audiência numa maior comunhão, nos novos pequenos teatros.

Obratzov: — O que mais me preocupa é que, de facto, a assembleia é a verdadeira linguagem da arte. E é preciso roina uma rapariguinha chamada Nelly que, com o avô morre de fome pelas ruas de Petersburgo.

Contudo, a dificuldade é que, para manter os teatros cheios, os russos (tal os ingleses), estão cada vez mais a fazer uso das grandes novelas do passado, transformando-as em argumentos para óperas, bailados e televisão. É boa política, ou não? Será este um dos problemas a discutir pelos mais antigos produtores russos na conferência deste ano.

Alguns proeminentes cidadãos da U.R.S.S. pensam que o enorme trabalho de «traduzir» grandes obras de arte para outros meios já foi longe de mais. Como Sergei Obratzov, cujo teatro de fantoches tem sido apresentado várias vezes nos programas de televisão da B.B.C., e que recentemente fez uma digressão pelos Estados Unidos com sua mulher de novos bonecos e fantoches. Obratzov discutiu o problema com um dos seus contemporâneos, Yuri Alexandrovitch Zavadsky, presenteemente director do Teatro do Exército Vermelho, de Moscovo. Tanto Obratzov como Zavadsky estão já com setenta e muitos anos de idade. O seu diálogo foi publicado na «Literaturnaya Gazeta», na discussão de «experiências» com os clássicos.

Zavadsky, de regresso de uma digressão pelos teatros polacos, relatou uma nova produção por Adam Hanushkevitch das «Três irmãs» de Tchekov: muito talentosa e fora do vulgar. Todo o monólogo de Andrei, durante o último acto, é dirigido directamente à audiência, que se mostrou encantada com esta inovação.

Obratzov: — Sim, porque foi uma novidade. Tudo isto faz uma arte muito fina e delicada para transferir um determinado meio para outro, pois, as assembleias são diferentes. Isto choca o espectador especialmente quando, ao ver, por exemplo, uma novela levada à cena ou uma ópera posta na televisão. Quando Nemirovitch-Dantchenko levou à cena a novela de Tolstói «Resurreição», foi soberbo porque foi

se sentisse embaraçada e com pena dos actores e cantores que têm de suportar esta representação de aparência nada natural. Tolstói detestava ópera e não teria gostado absolutamente nada de ver a sua Natasha a cantar aquelas palavras simples e prosaicas que pôs na sua boca. Contudo, gosto da música de Prokofiev.

Zavadsky: — Concorde. Há limites para todo e qualquer género.

Obratzov: — Com certeza, há limites. E o teatro tem que ter especial cuidado com isso, para não confundir o entrecho de uma determinada história com o tema de todo um livro.. Ana ao ficar apaixonada e ao tornar-se, depois, ciumenta e aterrorizada pelo facto de o homem ter deixado de a amar lança-se para debaixo de um combóio. É um entrecho perfeitamente bom, mas não é um tema. O tema é a perda de esperança, a perda de perspectiva da vida, a sobrevivência de uma mulher apaixonada num determinado contexto social. Não é possível transportar isto para a cena. Já foi tentado no cinema e, pura e simplesmente, não resultou.

Zavadsky: — Concorde, e alguns actores de teatro estão irremediavelmente perdidos no cinema. Chaliapin, por exemplo.

Obratzov: — Lembra-me de le ao partir uma mesa e ao cair no chão em «Boris Godunov», fazendo gestos muito líricos, deitado por terra. No palco... perfeito. No cinema... horrível!

Todavia, estes dois «grandes» dentro do teatro soviético e ate mundial, concordam ambos que o teatro experimental deveria ser encorajado. E ambos esperarão pela conferência de Moscovo para o declararem. Naturalmente, Ekaterina Furtseva, ministro da Cultura de Moscovo, que tem a seu cargo todo o mundo do espectáculo soviético, prestará atenção, de futuro, à cena mundial.

OLGA FRANKLIN

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

AVENIDA DA REPÚBLICA, N.º 102 — LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DOS TRABALHOS DE «LIMPEZA, REPARAÇÃO E PINTURA DO PRÉDIO SITO NA AVENIDA DA IGREJA, N.º 47, EM LISBOA».

Torna-se público que esta Caixa aceita propostas até às 12 horas do dia 23/4/73 para realização das obras mencionadas, encontrando-se o caderno de encargos patente na Avenida de Berna, n.º 13-3.º em Lisboa.

As propostas serão abertas no dia 25 do mesmo mês pelas 16 horas.

Lisboa, 3 de Abril de 1973

A DIRECÇÃO



A actriz russa Ludmila Pvorakova numa recente apresentação em Londres.



MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Desta vez a novidade veio com o «single» de Roberta Flack que surge inesperadamente em primeiro lugar. Por outro lado a «Tourada» afasta-se para a sexta posição da tabela e a «Gente» debate-se numa situação de cauda. «Cacht Bull at Four» de Cat Stevens continua a ser um sucesso de vendas se bem que tenha abrandado um pouco.

Da «Montanha» de Roberto Carlos já não vale a pena falar. Parecer ter lugar vitalício nos «tops» portugueses.

1	«Killing me softly with his song» (-) Roberta Flack	6	«Tourada» (1) Fernando Tordo
2	«A Montanha» (3) Roberto Carlos	7	«Cacht bull at four» (9) Cat Stevens
3	«Paroles, Paroles» (-) Dalida e Alan Delon	8	«Made in Japon» (-) Deep Purple
4	«Grand Hotel» (-) Procol Harum	9	«Seventh Sojourn» (-) Moddy Blues
5	«Daniel» (5) Elton John	10	«Gente» (6) Duarte Mendes

No estrangeiro

Gladys Knight, considerada, nos Estados Unidos, como representando o maior desafio à «rainha» da música «soul», Aretha Franklin, vibrou um golpe para obter o título com o seu novo sucesso «Neither One of Us», que se encontra na posição cimeira em Nova Iorque.

Gladys e o conjunto que a acompanha, os Pips, relegaram o conjunto O' Jays para o segundo lugar da tabela dos Estados Unidos, mas enfrentam já os Four Tops, cujo disco «Ain't No Woman» pulou da sétima para a terceira posição.

Contudo, a maior sensação da semana vem, talvez, do conjunto Dawn, de Los Angeles, com o seu disco «Knock Three Times», que está a obter um êxito louco.

O conjunto, dirigido pelo cantor Tony Orlando, surgiu inesperadamente em terceiro lugar, nos «Dez Mais» de Londres, no nono na tabela de Nova Iorque.

A canção com a qual estão a conseguir um sucesso tremendo tem o título de «Tie a Yellow Ribbon Round the Old Oak Tree».

David Cassidy, um dos intérpretes da série da Televisão «A Família Partridge», lucra com a onda de êxtase que provocou durante a recente digressão pela Grã-Bretanha, ao conseguir que a sua nova canção «I'm a Clown» apareça em sexto lugar na tabela de classificação de Londres.

A seguir, os «top ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação anterior entre parêntesis:

LONDRES

- 1 (1) «The Twelfth of Never»: Donny Osmond
- 2 (7) «Get Down»: Gilbert O'Sullivan
- 3 (—) «Tie a Yellow Ribbon»: Dawn
- 4 (3) «Power to All Our Friends»: Cliff Richard
- 5 (2) «Cum On Feel the Noise»: Slade
- 6 (—) «I'm a Clown»: David Cassidy
- 7 (4) «Feel the Need in Me»: Detroit Emeralds
- 8 (9) «Never Never, Never Shirley Bassey
- 9 (5) «20th Century Boy»: T. Rex
- 10 (6) «Killing Softly With His Song»: Roberta Flack

NOVA YORK

- 1 (2) «Neither One of Us»: Gladys Knight and Pips
- 2 (1) «Love Train»: O' Jays
- 3 (7) «Ain't no Woman»: Four Tops
- 4 (4) «Also Sprach Zarathustra»: Deodato
- 5 (—) «The Night the Lights Went Out in Georgia»: Vicki Lawrence
- 6 (6) «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
- 7 (9) «Sing»: Carpenters
- 8 (8) «Danny's Song»: Anne Murray
- 9 (—) «Tie a Yellow Ribbon Round the Old Oak Tree»: Dawn
- 10 (10) «Call Me»: Al Green

AMSTERDÃO

- 1 (2) «Le Lac Majeur»: Mort Shuman
- 2 (1) «Down By the Lazy River»: The Osmonds
- 3 (3) «Maybe Tomorrow»: Maybe
- 4 (5) «My Girl Donna»: Buffons
- 5 (7) «I'm Just a Singer in a Rock and Roll Band»: Moody Blues
- 6 (6) «Hello Hurray»: Alice Cooper
- 7 (4) «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
- 8 (—) «Forever and ever»: Demis Roussos
- 9 (—) «Hocus Pocus»: Focus
- 10 (—) «The Twelfth of Never»: Donny Osmond

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

AVENIDA DA REPÚBLICA, N.º 102 — LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DOS TRABALHOS DE «LIMPEZA, REPARAÇÕES E PINTURA AO PRÉDIO SITO NA RUA ROSÁLIA DE CASTRO, N.º 1, EM ALVALADE — LISBOA».

Torna-se público que esta Caixa aceita propostas até às 12 horas do dia 23/4/73 para realização das obras mencionadas, encontrando-se o caderno de encargos patente na Avenida de Berna, n.º 13-3.º em Lisboa.

As propostas serão abertas no dia 26 do mesmo mês pelas 17 horas.

Lisboa, 3 de Abril de 1973

A DIRECÇÃO

- 1 (1) «Ring Ring» (Swedish Version): Björn and Benny
- 2 (2) «Ring Ring» (English Version): Björn and Benny
- 3 (5) «Can't Keep It In»: Cat Stevens
- 4 (3) «Cotton Jenny»: Jerry Williams and Alarm
- 5 (4) «Haala du Gamla Indian» (Wait You Old Indian): Jigs
- 6 (7) «Garden Party»: Ricky Nelson
- 7 (8) «Summer Never Says No»: Malta
- 8 (6) «Mexico»: Les Humphries Singers
- 9 (9) «It Never Rains in Southern California»: Albert Hammond
- 10 (10) «Jambalaya»: The Blue Ridge Rangers

NOVOS DISCOS

A caminho dos seus oito anos de permanência no elenco de «Lisboa à Noite», o castiço Manuel de Almeida prepara o seu 28.º disco comercial, agora para a etiqueta «Alfabeto».

Trechos incluídos neste novo 45 rpm: «Não estou nada aprendizado» (Moniz Pereira), «E certamente o meu fado» (Adelino dos Santos-Maria Crisóstima), «O teu abandono» (Fernando Farinha) e «Gente do meu país» (Rogério Colto).



Maria da Fé

Mais fados: por Armando Moiteira, desta feita para a «Alvorada». Uma gravação que inclui «O fado não é desgraça», «Que noite aquela», «Estava errado» e «Corro atrás do pensamento».

Rosa Maria, segundo nome do cartaz de «Abril em Portugal», tenta a escalada no campo do Folclore: ainda este mês vai gravar um E. P., o seu segundo, após a entrada na roda do disco pela mão de Aníbal Nazaré.

De Itália, na linha interpretativa a que já nos habituaram, dois nomes em discos novos: Massimo Ranieri («Latua innocenza» e «Tiruberei») e Caterina Caselli («Le ali della gioventù» e «Che strano amore»). Etiquetas com o símbolo CBS.

Roberto Carlos não abrandou para meter água: os seus discos vendem-se às dezenas de milhares, e a última prova en-

contra-se em «A montanha», que dá o nome a um 45 rotações onde estão (também) «Acalanto» (de Dorival Caymmi) e «Negra» (Maurício Duboc-Carlos Colla). Não esquecer que «A Montanha» tem assinatura da dupla Roberto-Erasmo Carlos).

Um brasileiro de terceira plano (Reginaldo Rossi) envolvido nas espiras de um acetato para a CBS. Trechos impressos: «Mon amour, meu bem, ma femme», «Desterro», «Fuga» e «Nos teus braços».

Os espanhóis de «Yerabueña» surgem em «Caperu» e «Lucia», para a Hispavox.

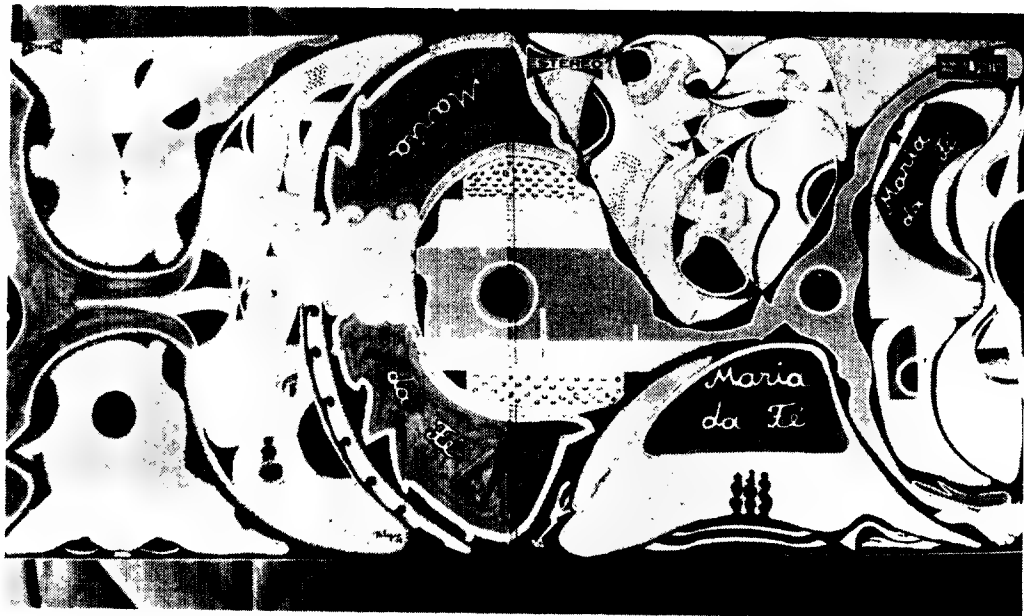
Um punhado de intérpretes norte-americanos, gravando para a «United Artists» (os «War» em «The world is a ghetto» e «Four cornered room»), «Elektra» (os «Plainsons» em

«yo-yo man» e «side roads»), «Warner Brothers» (o conjunto «Faces» em «Cindy incidentally» e «Skewiff», tal como os «Malo» em «Latin bugaloo» e «Midnight thoughts»).

Ainda um «single» da Alvorada: Robert Donat em «Oh, la la, oh, la la» e «Je ne suis pas un garçon facile».

Com uma excelente capa de Francisco Relógio, foi agora lançado um disco (LP) de Maria da Fé. Na face A, «Retrato», com um poema de Bocage, «Lençóis de Palha», de José Régio, «Bailar Raparigas» de Guerra Junqueiro, «Desperta, Desperta Povo», de João Dias, «As Minhas Horas», de Manuela Cid e «Lisboa dos Namorados», de Linhares Barbosa. Na Face B, «Alma Minha Gentil», de Camões, «Vinde Moças e Meninas», de Guerra Junqueiro, «Sino da Minha Aldeia», de Fernando Pessoa, «Nome que Ninguém Chama», de Luis Alcarria, «Libertação», de David Mourão Ferreira e «Minha Saudade Embarcou», de Paulino Figueira.

Como se pode constatar pela lista apresentada, trata-se de um álbum, embora de fado, com uma criteriosa escolha de repertório poético, o que é de assinalar. Para além disso, a voz de Maria da Fé, que tem muitos adeptos dentro do género, o que tem inteira justificação.



A capa de Francisco Relógio

OS, BLACK SABBATH" ACTUAM EM LISBOA

«Black Sabbath», em tempos um grupo de músicos «rock», de Birmingham (Inglaterra) muito pouco conhecido, emergiu da obscuridade para aquilo que é provavelmente o primeiro sucesso verdadeiro do «pop» depois dos Pink Floyd.

Sem grandes alardes de exposição ao público este grupo encontra-se no topo com álbuns de ampla divulgação e espectáculos completamente esgotados.

«Black Sabbath» é Tony Iommi, primeiro guitarrista; John Osbourne, vocalista e harmónica; Bill Ward, baterista e Geezies Butler, guitarra baixo. Quatro elementos que preferem morrer de fome do que venderem-se a outras formas de música mais comerciais. Fazem música violenta, dura; o reflexo ambiental da sua terra, áspero e difícil.

«Decidimos assentar a nossa base em Birmingham porque pensamos que em Londres tudo é demasiado rápido», diz John Osbourne.

O grupo iniciou a sua actividade musical com o nome de «Earth», derivado da expressão «earth blues». Depois ouviram na rádio um dis-

co de outros «Earth» e resolveram alterar o nome para «Black Sabbath».

Acréscita Bill Ward:

Tony e eu tínhamos já tocado diversas vezes com outros conjuntos... Em 1969 o «Black Sabbath» depara com o primeiro problema. Dificuldades na obtenção de contratos levaram Iommi a aceitar o lugar de guitarrista no «Jethro Tull». Porém regressou rapidamente. E o grupo manteve-se unido.

Finalmente tiveram a compensação da sua atitude firme de não se deixarem vencer. O primeiro LP fixa-se nas tabelas durante mais de um ano; aconteceu o mesmo com «Paranoid», o segundo. No Verão de 1971 surgiu nova bomba sob a designação de «Master of Reality». Actualmente «Black Sabbath-vol. 4» é considerado pelos críticos o melhor trabalho do grupo.

Muito em breve, no dia 27 e 28, o público português terá oportunidade de apreciar ao vivo os «Black Sabbath». Em Cascais a música «heavy» é carregada de energia do conjunto inglês.

"O AMOR ÀS TRÊS DA TARDE"

MELHOR DIZENDO:

ÀS 14 e 15, 16 e 30, 18 e 45 e 21 e 45

«O Amor às 3 da Tarde» é o último filme de uma série de seis «contos morais» com que o realizador Eric Rohmer pretendeu ilustrar, à luz de uma situação actual, o conflito entre o amor conjugal e as seduções «libertinas». Este excerto de diálogo do filme,

entre Chloe e Frederic, ilustra bem o conflito em questão:

Chloe — «Não vejo por que razão sentes necessidade de provar que amas a tua mulher. Se não a amas ou se a amas menos do que ao princípio, não é nenhuma... catástrofe. É nor-

mal. No fundo, é normal não querermos prender-nos toda a vida à mesma pessoa. O casamento faz cada vez menos sentido.»

Frederic — «Não gosto da minha mulher pelo acto de ela ser minha mulher. Gosto dela por ser ela e gostaria mesmo se não fosse casado com ela.»

Chloe — «Não. Tu ama-la (se é que a amas) porque **deves amá-la**. Eu não suportaria que um tipo gostasse de mim como tu gostas dela. Mas eu, enfim, sou uma excepção. Não aceito os compromissos. Mas tu és um burguês, portense, faz como os portugueses, que conservam a mulher e a enganam.»

Realizado por Rohmer, «O Amor às 3 da Tarde» conta com a interpretação de Bernard Verley, Zouzou e François Verley nos principais papéis.



MARIA ADELAIDE TRIGO DA ROZA DE CASTRO

Participação e Missa do 7.º dia

Manuel de Castro e seus filhos Maria Manuela e Fernando Carlos, Angela Adelaide Trigo da Roza, Fernando de Castro e mulher, Maria Angela Trigo da Roza Leal, marido e filhos, António Trigo da Roza, mulher e filhos, Maria Alzira de Castro Cardoso de Lemos, marido e filhos, Maria Fernanda de Castro Ramalho Roza, marido e filhos e demais família participam o falecimento no passado dia 3, de sua mulher, mãe, filha, nora, irmã, cunhada, tia e parente, e que amanhã, dia 9, pelas 19.30 horas, será celebrada missa em sua memória, na Capela do Colégio do Sagrado Coração de Maria (Av. Manuel da Maia, 2).

AGÊNCIA BARATA



VEM AÍ "PERDIDO POR CEM"

Trata-se do primeiro filme de grande duração de António Pedro de Vasconcelos, um dos novos do cinema português, uma das esperanças na renovação de um incipiente cinema nacional. «Perdido por Cem» vai estreiar-se muito em breve numa sala de estúdio da capital. Para já, o filme merece toda a nossa expectativa. Nas fotos que hoje publicamos, algumas das sequências que, se não dizem, isoladamente, quase nada do que o filme pode ser, servem, ao menos, para alimentar a nossa expectativa.

Para já, há nomes conhecidos (em vários ramos) que se encontram na fita: Nuno Martins, Ana Maria Lucas, Carmizé e Paulo de Carvalho, por exemplo. Entretanto, Paulo Gil foi chefe de produção e compôs a canção «Menina e Moço», que tem letra do próprio realizador.

Para melhor elucidação, aqui vai a ficha técnica do filme. Quanto a fazer juízos de valor, aguardemos o que dirão os críticos, pois a estreia está aí à porta:

Realização — António Pedro
Fotografia e câmara — João Rocha

Assistente de imagem — José Carvalho
Som directo — Ruy d'Almeida e Mello

Coordenação sonora e misturas — Alexandre Gonçalves
Chefe de produção — Paulo Gil

Assistentes — Jorge Paixão, José Martinho, Paulo Branco, Teresa Vaz da Silva, Fernando Salvador e Jorge Silva Melo
Fotógrafo — José Nascimento

Estúdio de som — Valentim de Carvalho

Canção — «Menina e Moço», Paulo Gil e A. P. Vasconcelos

Laboratórios — Éclair
Distribuição — Animatógrafo

Classificação — Grupo D/18 anos

Estreia — Satélite
Intérpretes:
Artur — José Cunha

Joana — Maria Leitão
Rui — Nuno Martins
Marta — Ana Maria Lucas
Luísa — Rosa Lobato Faria
António Pedro — António Machado
O namorado — António Ra-

ma
Albano — Albano Pereira
Féfé — Carmizé
Nuno — Nuno Pereira
Carlos — Carlos Ferreira, e a participação de Paulo de Carvalho.



O realizador (em cima) e duas cenas (José Cunha, Marta Leitão e Nuno Pereira)

REGINA EXTRA

REX REGINA

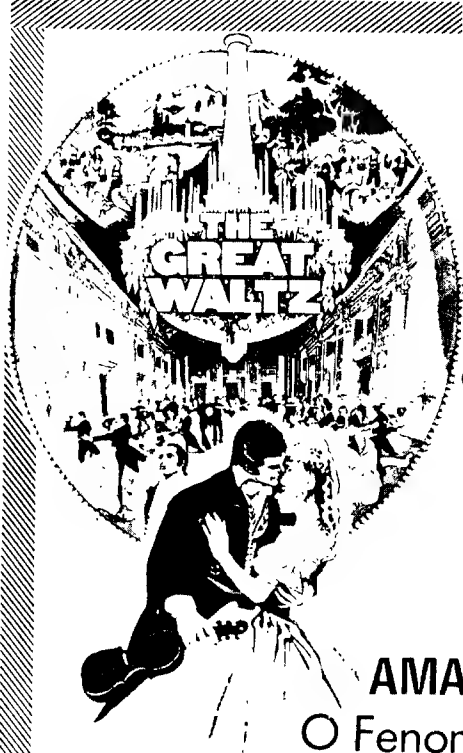
correntes normais, transportadoras, de passo longo, de contrabalançar, carretos, etc.

REGINA EXTRA

REX REGINA



auto lusitânia,lda. Av da Liberdade, 75-79, Lisboa 2



50 FILMES CASTELLO LOPES
apresenta um filme MGM

A Alegria, a Melodia, o Luxo de Viena
e de Johann Strauss

A Grande Valsa

'The Great Waltz'

com
HORST BUCHOLZ · MARY COSTA · NIGEL PATRICK · YVONNE MITCHELL · ROSSANO BRAZZI

Argumento, produção e realização de ANDREW L. STONE. Coreografia de ONNA WHITE
Adaptação musical de ROBERT CRAIG WRIGHT e GEORGE FORREST

PANAVISION METROCOLOR

AMANHÃ, ESTREIA às MATINÉES
O Fenomenal Espectáculo da Páscoa!

GRUPO B - 10 anos



MÚSICA E BAILADO NA GULBENKIAN

A Temporada de Música e Bailado da Fundação Gulbenkian prossegue, de Abril a Julho, com uma série de concertos e espectáculos de ópera, dança e bailado, que terão a colaboração de solistas e de agrupamentos de grande prestígio.

Entre os agrupamentos instrumentais que visitarão Portugal nesse período, conta-se a Orquestra Nacional de Espanha, dirigida pelo seu maestro titular, Rafael Fruhbeck de Burgos. Em colaboração com o Coro da Escola Superior de Canto de Madrid, esta orquestra interpretará a «Cantata dos Direitos Humanos» de Cristóbal Halffter (em 1.ª audição no nosso País) e a oratória «São Paulo» de Mendelssohn; e, com a participação solística do célebre guitarrista Narciso Yepes, o «Concerto de Aráquez» de Joaquim Rodrigo.

Apresentar-se-ão também o quarteto búlgaro Dimov, o grupo vocal-instrumental inglês «Musica Reservata» (especializada na interpretação de música da Idade Média e da Renascença), o Nash Ensemble e os King's Singers. Este dois últimos agrupamentos far-se-ão ouvir em programas especialmente interessantes, pela sua feição ecléctica e anti-rotineira, visto que incluem, a par de obras de Mozart e Stravinsky, arranjos de música de «jazz» e de «folk-music», e canções de Kurt Weill, Cole Porter e Gershwin, em colaboração com a famosa cantora Eartha Kitt.

O elenco dos solistas desta série de concertos compreende, entre outros, os pianistas Sequeira Costa e Sérgio Varela Cid (o primeiro dará dois recitais de Chopin, e o segundo um recital Schumann), e o flautista Jean-Pierre Rampal.

Sob a regência do maestro Michel Corboz e com encenação de Sandro Sequi, será levada à cena do Grande Auditório Gulbenkian, em quatro recitais, a ópera *Orfeu* (1607) de Monteverdi, autêntica obra-prima do teatro lírico, que já ante-

riormente foi apresentada pela Fundação, no quadro do Festival Gulbenkian de 1967. Serão intérpretes o Coro, a Orquestra e o Grupo de Bailado Gulbenkian, e um elenco de excelentes solistas à frente do qual figura o tenor húngaro Lajos Kozma.

No âmbito destas manifestações artísticas, é, por outro lado, reservado um lugar de relevo para a música contemporânea. Está, com efeito, prevista a audição de algumas obras representativas da produção musical dos nossos dias, com destaque para dois grandes vultos Penderecki e Xenakis. Do primeiro será apresentado em estreia mundial o *Cântico dos Cânticos de Salomão* (encomenda da Fundação Gulbenkian), e o *Concerto para violoncelo e orquestra*. De Xenakis, serão estreadas em Portugal a suite *Orestes*, e ainda *Aroura*, *Synaphai* e *Persephassa*. O próprio Xenakis virá a Lisboa, a fim de realizar uma conferência. Serão também projectados dois filmes dedicados à personalidade e à obra deste compositor.

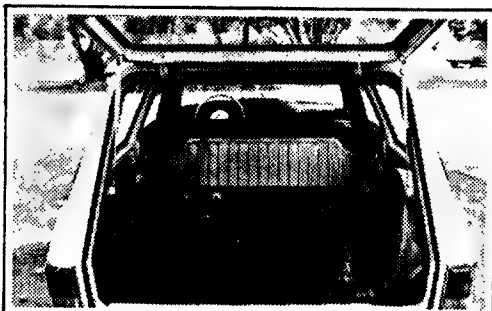
MISTA MERCEDES-BENZ

uma versão do modelo 220 D Diesel
com a mesma comodidade
e maior espaço para carga



A Mista Mercedes-Benz 220 Diesel é um veículo utilitário de grande elegância e conforto, onde espaço para passageiros e bagagens se harmonizam e combinam num grande volume interior. Enquanto o assento da frente tem capacidade para três pessoas, o assento traseiro ainda tem a vantagem de se poder escamotear, aumentando ainda mais o espaço para carga útil.

O motor Diesel (já altamente comprovado pela sua economia e robustez) as 4 portas laterais e uma grande comodidade e perfeição de detalhes fazem da Mista Mercedes-Benz um veículo de incontestável qualidade e classe, características sempre comuns à marca Mercedes-Benz.



C. SANTOS, LDA. Avenida da Liberdade, 29, 41 - Lisboa - Porto - Coimbra - Faro - Oihão Agentes em todo o País

IMPORTANTE EMPRESA

PROCURA UM

Operador de Offset

OFERECE :

- ★ Semana de 5 dias
- ★ Bom ambiente de trabalho
- ★ Regalias Sociais diversas

EXIGE :

- ★ Idade até 30 anos
- ★ Serviço militar cumprido
- ★ Boa experiência profissional

Resposta em carta manuscrita pelo próprio, com «curriculum vitae» detalhado e ordenado pretendido a este Jornal ao n.º 762.

Acordo Colectivo de Trabalho T. A. P. COMUNICADO

A Comissão Sindical negociadora do A. C. T./TAP comunica a todos os seus sindicalizados que promove no dia 11 do corrente, pelas 21.00 horas, na VOZ DO OPERÁRIO — Rua Voz do Operário, 13, em Lisboa, uma reunião, a fim de dar informações sobre o resultado da tentativa de conciliação e da necessidade de recorrer à arbitragem.

Lisboa, 4 de Abril de 1973.

A COMISSÃO SINDICAL

venha ver a continuação das aventuras
e irreverências do mais insolito cavaleiro do Oeste



continuaram
a chamar-me **Trinita**

TERENCE HILL * BUD SPENCER

LISBOA

PORTO

POLITEAMA ROMA

S. JOÃO ÁGUIA D'OURO

GRUPO B - 10 ANOS
FILMES OCIDENTE

estudio
444

a mais poderosa obra prima de

JOHN HUSTON

CIDADE VISCOSA

STACY KEACH
JEFF BRIDGES
SUSAN TYRRELL

COLUMBIA
& WARNER



GRUPO D - 18 ANOS

**CINEMA
CASTIL**
GRUPO B - 10 ANOS

«Que se
Passa
Doutor?»
(Whats Up Doc?)

10^A
SEMANA

Barbra Streisand
Ryan O'Neal

Uma produção
Peter Bogdanovich

PANAVISION
TECHNICOLOR



COLUMBIA
& WARNER



IMPERIO
GRUPO C - 14 ANOS

CANTINFLAS
em
DOM QUIKOTE
CAVALGA DE NOVO

FERNANDO FERNÁN GÓMEZ
MARIA FERNANDA D'OCÓN

realização de ROBERTO GAVALDÓN
PANAVISION COLOR
IMPERIAL FILMS



«CANTINFLAS E SANCHO PANÇA
PORQUE SANCHO PANÇA É CANTINFLAS»
(ALFONSO PASO)

ALVALADE
GRUPO A - 6 ANOS

uma comédia louca!
LES CHARLOTS

em

**OS
MALUCOS
DO ESTÁDIO**



ESTIMANCOLOR

AVIS

GRUPO B - 10 ANOS

**melodia
incompleta** **3^A**
SEMANA

EASTMANCOLOR

ROMINA POWER * AL BANO

DECEPLAME



Inaugurada oficialmente no passado dia 5 do corrente mês, a **Galeria Prisma/73**, sita na Praça de Alvalade, pôde contar, conforme oportunamente noticiámos, com a presença de alguns dos maiores nomes da pintura portuguesa contemporânea: **Vespeira, Skapinakis, Nuno Siqueira, Nuno San-Payo, Rogério Ribeiro, Júlio Resende, Relógio, Pomar, Abel Manta, Querubim Lapa, Maria Keil, Alice Jorge, Hogan, Augusto Gomes, Lima de Freitas, Rui Filipe, Dourdil, Fernando Azevedo e Nadir Afonso.**



Um aspecto da inauguração da «Prisma/73»

Com um catálogo inaugural muito bem apresentado, a **Prisma 73** abriu, conforme dissemos, com chave de ouro. Tanto mais, e para além dos nomes que transcrevemos, que o seu catálogo desta «**Colectiva 1**» (nome da exposição que actualmente decorre nessa sala) tem uma introdução de Vergílio Ferreira, que começa assim:

«Falar hoje de arte instala-nos num certo mal estar, ou numa certa má consciência. Porque antes de dizermos o que ela é, na realização dos que a realizam, submersamente se nos insinua a pergunta sobre se ela pode ser»...

E termina assim:

«... Ser-se artista é ser-se humano e ajudar os outros a sê-lo». Para terminar este breve apontamento, sobre a existência de uma nova galeria de arte em Lisboa, importa, ainda, frisar o ponto de vista daqueles que estão à frente do empreendimento, que defendem, evidentemente, a comercialidade da iniciativa mas que, por outro lado, sabem reconhecer, o que nos aprez registrar, que, mais do que o lucro de uma galeria deste tipo, a qualidade do material apresentado é que é importante. Disse-nos um dos sócios da Prisma/73: «Não nos compete a nós fazer o que deveria ser feito pelo Ministério da Educação Nacional mas faremos tudo o que estiver na nossa mão»

N. G. S.

Uma nova galeria de arte

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

36.^a SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com **JOSÉ VIANA**

no protagonista

SUA EXCELÊNCIA O VEDURA

com DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Casola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Todas as noites: 21.45 h.

3.^a feira, descanso da Companhia

Sábado: 2 sessões: 20.45 e 23 h.

Domingos: 16 e 21.45 h.

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

RUA DA PALMA AS 21.45

Grupo C M/ 14 anos

O PRÍNCIPE E A CRISTINA

UMA DEUSOSA COMÉDIA EM 3 ACTOS

ELENCO (por ordem de entrada em cena) Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Incinto Ramos, José Carlos, M.^a Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Eeonor Pereira, Luís Mata, José Braz

2.^a feira, descanso da C.^a

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

16.^a SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com **FLORBELA QUEIROS**

SEXO NUNCA SOMOS BRITÂNICOS

No elenco: IRENE ISIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTÁVIO DE MATOS

Todas as noites: 21.45 h.

4.^a feira: Descanso da C.^a

SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.

DOMINGO: «matinée» às 16 h.

CAMINHO DE FERRO

...uma porta aberta à exportação

Caminhos de Ferro Portugueses



VIAGENS FABULOSAS

Ao seu alcance, a melhor selecção de viagens para as suas férias, em avião, autocarro ou cruzeiro, com as vantagens que dão os nossos preços e ainda com a possibilidade de pagar a prestações.

LONDRES — Viagem em avião. 1 semana de estadia agora só por 2.915\$00 e incluindo Escócia desde 4.820\$00.

CIDADES DA MODA — Viagens especiais (IT) às cidades mais cosmopolitas da Europa. PARIS — LONDRES — 4.990\$00. E muitos outros itinerários.

EUROPA EM AUTOCARRO — Os mais fabulosos itinerários nos melhores autocarros. SUICA — AUSTRIA — ITALIA — LONDRES — PARIS — LOURDES — ANDORRA — ESPANHA — e outros destinos. Desde 1.750\$00.

LESTE EUROPEU — Mais de 20 viagens aos sensacionais países do Leste Europeu. RUSSIA — POLÓNIA — JUGOSLÁVIA — e outros destinos. Desde 8.310\$00 (Jugoslávia).

Reservas e inscrições:

MELIA PORTUGUESA — Viagens, Turismo e Transportes, SARL LISBOA — Rua Rosa Araújo, 2 — Telefone 53 69 71

Melia

na sua rota pelo mundo

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS

TOCOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

THE KOREAN KITTENS

AS FAMOSAS COREANAS QUE CONQUISTARAM AS AMERICAS

VENDRYES and Partner

ILUSÃO E MAGIA

LIDIA RIBEIRO

com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

BLUEBELL GIRLS' SHOW

SYDNEY SET ORPHEU'S QUARTET

FERRER TRINDADE e sua orquestra

SANDY STEWART

Só no Wonder-Bar

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H.

Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1.0 H. Maiores de 21 anos

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)

hoje e todos os dias às 22 horas, sábado e domingo às 18 horas

OH PAPÁ POBRE PAPÁ

a mamã pendurou-te no armário e eu estou tão triste...

De ARTHUR KOPIT.

Marc. T. 677299 — Maiores 18 anos — Subsídio do Fundo Teatro

AMANHÃ ESTREIA JOSE CUNHA
MARTA LEITÃO
ÀS 21,45
NUNO MARTINS
ANA MARIA LUCAS
ROSA LOBATO FARIA
ANTÓNIO MACHADO
ANTÓNIO RAMA
PAULO DE CARVALHO

E A PARTICIPAÇÃO DE:
O FILME DE:

ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS

**PERDIDO
POR
CEM...**

produção CENTRO PORTUGUÊS DE CINEMA

EU TINHA ACABADO DE FAZER 20 ANOS E NÃO DEIXAREI
QUE NINGUÉM
DIGA QUE É A
MAIS BELA IDADE
DA NOSSA VIDA.

animatógrafo

grupo D/18 anos

Max: "Tenho sido esquecido"



«Tenho 55 anos, mas sou um jovem de 20, sabe? E que eu passei por conjuntos que, à semelhança do que alguns fazem agora, mal saía um êxito lá fora, estava logo a tocá-lo cá».

À nossa fente Max, ainda maquilhado, «smoking» cinzento, a amabilidade em pessoa, um toque de amargura de vez em quando, ao lembrar-se que:

«Não se fala de mais ninguém, quando se refere a presença de artistas portugueses lá fora, senão da Amália. Eu, que sou um grande, um enorme amigo da Amália, não posso deixar de reconhecer que só se falar dela é uma grande injustiça. Canto desde os 14 anos e tenho trabalhado muito. Vou na próxima quarta-feira para a Alemanha e sigo, depois, para a Holanda. Actuarei a seguir, em Lourenço Marques e na África do Sul. Quando estive em Boston, disse o empresário que me contratou: Você, sem menosprezo para os seus compatriotas, é o primeiro português que vejo que é um autêntico «show-man». Aqui, no meu país, tenho sido um bocadinho esquecido. As pessoas não se lembram do Max e o Max precisa de trabalhar. Ele não sabe fazer outra coisa...»

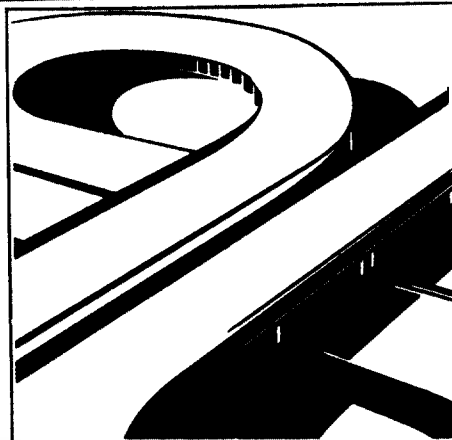
Há tantos anos em contacto com a música que se produz por cá (e não só que pensará Max da chamada «Nova Música Portuguesa»?

Não sou contra. Nem pensar nisso! A renovação era absolutamente necessária. Mas não gosto de todas as coisas».

De quem gosta, nesse campo Max?

«Do José Afonso e daquele rapaz extraordinário que é o Adriano Correia de Oliveira. Gosto muito das letras que o Ary dos Santos faz. Ah, é verdade! Devo dizer-lhe que gosto do Tordo. Gosto sim senhor! Dos músicos gosto, também do Pedro Osório e do José Calvário. Em Portugal temos melodias lindas, mesmo no nosso folclore. O que é preciso é trabalhá-las!»

Movimentar terras com Fiat custa menos



O emprego de máquinas para movimento de terras é cada dia mais maciço e determinante na organização do trabalho para construção de estradas e auto-estradas. Ao enfrentarem estas obras, as empresas encontram cada vez maiores custos, na mão de obra e mais dificuldades derivadas da necessidade de trabalhar em terrenos difíceis. Para reduzir custos a FIAT dedicou especial atenção à versatilidade das suas máquinas isto é a capacidade de garantir o máximo rendimento de trabalho quer em situações normais quer em condições extremamente duras.

Os resultados demonstram que a solução mais adequada para reduzir custos de movimentação de terras é a máquina industrial FIAT.

FIAT



J. J. GONÇALVES, SUCRS. C. I. S. A. R. L.
DIVISÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS

AZINHAGA DOS LAMEIROS (AO PAÇO DO LUMIAR) - LISBOA-4 — TELEFONES: 794 095/6/7/8



SINTESES CRÍTICAS

Teatro

Carlos Porto

OS AMIGOS

de Arnold Wesker
Teatro Vasco Santana

O Teatro Estúdio de Lisboa tenta o teatro de qualidade pelo caminho errado. Tal não é possível com um texto desinteressante, uma encenação neutra, uma interpretação demasiado débil. Uma política teatral a ser urgentemente revista.

O PRÍNCIPE E A CORISTA

de Terence Rattigan
Teatro Laura Alves

Uma gata borralheira recusa o príncipe encantado. Infelizmente, o teatro também se recusa e não está lá.

OH! PAPÁ, POBRE PAPÁ, A MAMÃ PENDUROU-TE NO ARMÁRIO E EU ESTOU TÃO TRISTE...

de Arthur Koppl
Casa da Comédia

Um elemento do Grqo 4 — João Lourenço — revela-se um encenador com grandes possibilidades na leitura de um texto de um novo dramaturgo norte-americano que vale a pena conhecer. Excelente direcção de actores, com uma Fernanda Alves fabulosa e um admirável Jorge Vale. Um espectáculo a não perder de maneira nenhuma.

Cinema

Lauro Ant6nio

O ASSASSINATO DE TROTSKY (The Assassination of Trotsky), de Joseph Losey (Inglaterra 1972), com Richard Burton, Romy Schneider, Alain Delon, etc. (Cinema Mundial)

O espectador português muito pouco poderá dizer, acerca do último filme de Joseph Losey. Mesmo assim, julgamos adivinhar uma obra irregular, mas interessante, procurando reconstituir os últimos dias de Trotsky no México. Uma sequência notável — a tourada.

ROMA

(Roma), de Federico Fellini (Itália, 1972), com Peter Gonzales, Britta Barnes, Pia de Doses, etc... (Cinema S. Jorge).

História de uma cidade vista por um homem, história de um homem visto por uma cidade: do dilema nasce Roma, sumptuoso retrato de uma metrópole contraditória e turbulenta, nas imagens excessivas e dispersas que só o génio de um cineasta como Fellini poderia conciliar e exprimir. Obrigatório.

OS CAMISARDOS

(Les Camisards), de René Allio (França, 1971), com Philippe Clévennot, Rufus, Jacques Debary, etc. (Estúdio) — 3ª semana.

Uma lição de história e um fascinante espectáculo de inteligência e lucidez. As lutas de religião, na França de Luís XIV, interpretadas nos seus múltiplos aspectos económicos, políticos e sociais. Uma narrativa serena, mas apaixonada. A não perder.

NADA A ASSINALAR

Vai hoje para o ar mais uma edição do programa «Domingo à Noite»: o começo da terceira fase do concurso «Nossos Artistas Nossas Canções», uma única actuação do «ballet» (e não duas, como habitualmente), uma entrevista a Emídio Pinto, hoquista dos «bons velhos tempos», a actuação da «Korean Kittens», de Jimmi Helms e o regresso de Max preencheram o programa que, na passada quarta-feira, foi gravado no Maria Matos.

E A QUALIDADE?

Se Branco de Oliveira, Suzy Paula e Paulo Jorge cantaram na quarta-feira aquilo que os telespectadores logo vão ouvir, é porque, evidentemente, passaram a segunda eliminatória do concurso «Nossos Artistas, Nossas Canções». Não interessa lembrar um ou outro dos nomes que ficaram para trás. Bastará, neste caso, referir que qualquer das gravações teve que ser repetida. E se, no que diz respeito a Branco de Oliveira, a repetição foi motivada pelo facto de Jorge Fontes, cuja presença estava prevista, não ter podido acompanhá-lo à guitarra, tendo que ser substituído à última da hora, nos outros dois casos a repetição efectuou-se porque tudo estava muito mal. E estamos perante artistas e canções que se encontram numa terceira fase eliminatória de um concurso que já deixou muita gente para trás...

Acontece, portanto, que a qualidade é palavra vã nesta história das cantigas do tal concurso. «Domingo à Noite» sem hipótese, nesse campo. Se alguma melhoria se nota no programa é na melhoria de textos que servem Florbela Queirós e Norberto de Sousa, melhoria essa já notada em anteriores edições do programa. Desta feita, Florbela levou transfusões de sangue e passou a ter as características dos respectivos dadores, numa primeira intervenção e, no segundo quadro foi, de novo mulher da limpeza. Qualquer dos textos era aceitável.

Acontece, porém, que a palavra «aceitável» já não se pode empregar quando se trata de falar do «ballet» do costume. As «meninas», aliás, dançaram, apenas, uma única vez, visto uma delas ter torcido um pé e outra, que já não se encontrava em muito bom estado de saúde, ter desmaiado após a primeira (e única, portanto) intervenção, tendo ambas de ser conduzidas ao hospital.

Antes de falar das cantigas, importa referir uma entrevista feita a Emídio Pinto, ex-hoquista, campeão do mundo, internacional do Paço de Arcos. Infor-

"Domingo à noite":

TELEVISÃO

dence Clearwater Revival).

As de Jimmi Helms: um tipo que está sempre muito bem disposto, como tivemos oportunidade de comprovar no bar do Maria Matos, vendo-se nitidamente que a vida lhe corre bem: uma boa voz, um oitavo lugar no «top» britânico.

As de Max: um homem que é espectáculo, seja como for que o encaremos, apesar dos moldes

ultrapassados em que se move e actua. E foi tudo.

N. G. S.



CANTIGAS

As das Korean Kittens, muito bem ensaiadinhas, com todos os vícios e as poucas qualidades dos artistas de «music-hall» que perpassam pelos programas dos casinos: vozes agradáveis, repertório variado (como não podia deixar de ser: uma canção folclórica, já que elas são coreanas, uma melodia retirada da música que Bernstein compôs para «West Side Story» e um final com «Proud Mary», dos Oree-

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Secretaria de Estado da Instrução e Cultura

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

BOLSAS DE ESTUDO PARA A BÉLGICA

Está aberto até ao dia 20 de Abril o concurso para as seguintes bolsas de estudo oferecidas pelo Governo belga, no âmbito do Acordo Cultural Luso-Belga, destinadas a licenciados, estudiosos, estudantes universitários ou artistas que pretendam realizar estágios naquele País.

- Bolsas de especialização (destinadas a licenciados ou a estudiosos)
- Bolsas de investigação (destinadas a licenciados)
- Bolsas de férias na Universidade Livre de Bruxelas (destinadas a estudantes universitários dos cursos de Filologias Românicas)
- Bolsa de férias para participação no Seminário Europeu da Arte e da Civilização, em Gand (destinada a licenciados ou estudiosos que profissionalmente estejam ligados ao domínio da História da Arte)
- Bolsas de férias para participação no Seminário Europeu da Música Antiga (destinadas a diplomados com o curso do Conservatório Nacional ou artistas especializados neste ramo da música).

As bolsas referidas em a) e b) serão atribuídas para o ano lectivo de 1973/74 e as mencionadas em c), d) e e) serão atribuídas para o Verão de 1973.

Os candidatos deverão apresentar os seguintes documentos:

- Requerimento em papel selado dirigido ao Director-Geral dos Assuntos Culturais.
- Boletim individual a solicitar previamente à Direcção-Geral dos Assuntos Culturais e devidamente preenchido pelo candidato.
- Certidão das habilitações literárias onde constem as classificações obtidas.
- Cartas abonatórias de duas individualidades de mérito reconhecido no domínio dos estágios requeridos.

Todos os esclarecimentos serão prestados pela Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, dentro das horas normais de expediente, na R. Ocidental ao Campo Grande, 83, 1.º Piso, Lisboa. (Edifício da Biblioteca Nacional).

Senoro Filme

JEAN-PAUL BELMONDO
MIA FARROW

A CASA DOS DESEJOS

DOCTEUR POPAUL

Um filme de CLAUDE CHABROL

LAURA ANTONELLI
EASTMANCOLOR - GRUPO D 18 anos

3.ª FEIRA
ESTREIA



Sol na Luz: A juventude adere ao futebol

Quando entrámos no Estádio da Luz, uma manhã destas, ouvimos um grito de juventude vindo do «terceiro anel»: nas bancadas de granito, iluminadas por um sol quente de Primavera, estavam sentados cerca de 300 alunos da Escola Pedro de Santarém, a assistir (entusiasmados) ao treino das «vedetas» do Benfica. Quebrando a rotina do dia-a-dia, dez turmas (e respectivos professores) esqueceram os bancos das salas de aulas e partiram azinhaga fora, ao encontro com os melhores futebolistas da língua de Camões.

Estranha-se por ímpar (e louva-se) a atitude da Direcção do clube da Luz, ao permitir a saudável invasão de juventude a um acontecimento que é costume desenvolver-se à porta fechada: só procedendo deste modo, abrindo de par em par as portas dos seus «segredos», o futebol poderá encontrar a solução para a sensível quebra de entusiasmo que se sente actualmente nos parques de jogo. A juventude parece disposta a voltar as costas a essa modalidade que já foi das multidões; e que só graças a sangue novo poderá voltar a sê-lo.

Sorrisos saudáveis assinalaram duas horas de convívio entre os «monstros sagrados» do nosso futebol e os jovens estudantes. A Escola Pedro de Santarém, sob uma orientação moderna que é raro assinalar entre nós, dá (assim) o exemplo de uma participação directa: em vez do estudo no livro, a observação atenta, a exemplificação pelos verdadeiros mestres.

«Consideramos este passeio como uma verdadeira visita de estudo: na nossa escola, entendemos estas manifestações bastante lucrativas, pois permi-

tem-nos colocar os alunos num ambiente de que eles gostam o que, naturalmente, os leva a 'participar', como desejamos. Da forma como qualquer deles actua, se podem tirar conclusões interessantes. E é isso, fundamentalmente, o que mais nos interessa.»

São palavras e pensamentos (inteligentes) da principal obreira desta iniciativa, a professora Ábia Botelho Serra e Silva, mulher do treinador Rui Silva, que orienta a turma principal de futebolistas do Montijo.

«Acho esta iniciativa muito proveitosa para todos nós. E, repare neste pormenor interessante: também vieram raparigas connosco, o que significa que à mulher interessam (igualmente) estas manifestações. O futebol pode e deve ser encarado, não apenas como os 90 minutos (por vezes escaldantes) de um desafio do campeonato ou da «taça» mas também (e principalmente) como reflexo de todo o trabalho físico desenvolvido nos treinos. Só assim os nossos alunos compreendem as razões porque às vezes fazemos parar os jogos da escola, para lhes mostrarmos a forma ideal de chutar ou para uma bola. Vendo isso acontecer aos «crakes», os nossos alunos entenderão melhor que isso é absolutamente necessário para a formação do futuro jogador.» (professora Ábia Silva).

Sob um escaldante sol de Primavera, as bancadas da Luz animaram-se para um «milagre» de vontades: as portas abriram-se, e um sorriso de juventude animou ainda mais os profissionais do Benfica. Porque, com aquela assistência, até o entusiasmo e o empenho foram outros. Conforme nos disse Malta da Silva, no final:

«Assim, é que é bom. Até parece um jogo a sério: com «claque» e tudo. Não está o futuro do nosso futebol no entusiasmo destes rapazes?»

Enquanto isto, Toni (um exemplo) tirava fotografias àquela assistência anormal: e respirava (aliviado) da sessão de autógrafos que tivera (gostosamente) de cumprir...



Um autógrafo para recordação



José Henrique: os miúdos correm para ele



Humberto Coelho e o «fotógrafo» Toni

SELECCÃO DE VOLEI

Com vista aos jogos contra o Luxemburgo, foram seleccionados os seguintes voleibolistas:

SÉNIORES — Humberto Silva, Ilídio Ramos e António Rijo (do Leixões); José Moreira, Eduardo Monterroso, Aires Gonçalves, Sálvio Nora e Carlos Marques (do F. C. do Porto); Carlos Figueiredo, Moisés Nobre e Francisco João (do Benfica); Rodrigo Carvalho (do L. Ginásio); Vilar Moreira e José Pimpão (do Nacional de Ginástica); Luís Lucas (do Académica) e Raul Maia (do C. D. U. P.).

JÚNIORES — Jorge Barata (do L. Ginásio); José Miguel (do C. D. U. P.); Luís Correia (do Sp. Espinho); Rui Moreira, Manuel Queilhas e Manuel Cardoso (do Leixões); Albino (do Nun' Álvares) e José Carneiro (do F. C. do Porto).

Humberto, Ilídio, Aires e Francisco João, podem (igualmente) integrar a equipa de juniores.



O número referente ao Inverno de 1972-73 do Horário Oficial dos Caminhos de Ferro e dos Serviços Combinados de Camionagem, editado pela C. P. encontra-se à venda nas principais estações, agências de viagem, livrarias e tabacarias, ao preço de 10\$00.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES



Alegria na hora do trabalho dos profissionais da bola

A FRANÇA TENTA FUGIR À SUA MEDIOCRIDADE EM JOGOS OLÍMPICOS

A França está a atravessar o habitual ritual pós-olímpico: reorganização administrativa e atlética, na perene tentativa de dissipar o persistente complexo de inferioridade do país no que respeita ao desporto.

O mais recente acto teve lugar quando o Secretariado da Juventude e Desportos anunciou a demissão de Robert Bobin, que nos últimos 14 anos dirigiu o atletismo gaulês. Em seu lugar (afirmaram os burocratas desportivos) ficará uma super-organização que presidirá à "racionalização do desporto de competição".

"Para atingir este objectivo (acrescentaram) torna-se necessário confiar a tarefa a técnicos de alto nível."

Para os adeptos do Desporto, esta nova remodelação provocou controvérsia relativamente ao modo de se conseguir arrebatar mais medalhas de ouro olímpicas.

Escrevendo no "L'Equipe", o jornalista Edouard Seidler censura os burocratas: "A nossa convicção é de que não se torna apenas necessário nomear novos nomes para postos da administração desportiva se queremos ter dias mais felizes".

E, acrescentou:

"Parece que ninguém sabe onde estão escondidos aqueles técnicos de alto nível".

A solução pode não ser aparente, mas o problema é demasiado tangível. Nos Jogos de Munique, o ano passado, a França conquistou duas medalhas em provas de atletismo:

Guy Druet ficou em segundo lugar nos 110 metros barreiras, e a equipa francesa da estafeta 4x400 obteve a medalha de bronze (graças à desqualificação da equipa norte-americana, considerada favorita. Nas provas femininas, a França não obteve qualquer medalha.

Nos modernos Jogos Olímpicos, atletas masculinos franceses recolheram apenas cinco medalhas de ouro no atletismo.

A Finlândia, que tem um décimo da população francesa, ganhou 37 medalhas de ouro. A última vitória francesa foi em 1956, ano em que Alain Mimoun venceu a prova da maratona.

A exibição dos atletas franceses na cidade do México e em Tóquio (como já aconteceu em Roma e em Melbourne) foi tão desastrosa que provocou debates no parlamento, agora, muitos procuram esta e aquela desculpa para o malogro, enquanto outros adoptam uma atitude meio realista, meio sarcástica.

No recente encontro da «Taça dos Campeões Europeus», entre o Bayern de Munique e o Ajax de Amsterdão, que foi televisado, um comentador desportivo, em referência ao nível medíocre do futebol francês, declarou:

"Foi uma primeira parte excelente. O género a que não estamos habituados..."

DESPORTO

AS TACADAS DO "TACO A TACO"

No ano de 1973, quando pelo mundo o desporto é encarado como um dos direitos fundamentais de todo o cidadão, e sempre mais programadamente, se facili nos meios para tornar esse direito efectivo, em Portugal vai-se à TV «brigar» (ainda que com argumentos de «sebenta» escolar), pela posse de uma piscina.

É o concurso «Taco a taco», de onde resultou, em declarações públicas posteriores à sua participação, a seguinte «tacada» do chefe de equipa do Liceu Camões, o aluno José wmaria Martins:

«Isso da piscina nem deveria ser prémio. Acho que todos os liceus deveriam ter piscina e instalações ginodesportivas, sem ser preciso estar a ganhá-las em concursos».

Nada mais certo e menos discutível.

COMITÉ OLÍMPICO PORTUGUÊS: PURÍSSIMO SIM MAS IMÓVEL

Do Comité Olímpico Português, recebemos o seguinte pedido de esclarecimento que transcrevemos na íntegra:

«O Comité Olímpico Internacional confia aos Comités Nacionais o encargo de manter, defender e difundir o movimento olímpico com o mesmo espírito de ideal que iluminou Pierre de Coubertin. Ao aceitar esse encargo os Comités Nacionais constituem-se responsáveis pelo cumprimento das Regras, que são o estatuto do olímpismo.

«Incitar à prática do exercício físico, com particular incidência no sector escolar, como incalculável bem não só da saúde do corpo, como do espírito; dar aos Departamentos Oficiais que superintendem no desporto toda a colaboração que necessitem; auxiliar as Federações desportivas que, aliás, constituem a sua maioria votante, na solução das suas constantes preocupações de fomento e de preparação dos seus atletas; inscrever a representação do país nos Jogos Olímpicos são, entre outras, tarefas que cabem aos Comités Nacionais, no nosso caso, ao Comité Olímpico Português.

«Como condição da sua missão, cumpre-lhe a defesa do amadorismo e para a respeitar não lhe é permitido pactuar com situações que colidam com as Regras a que se subordina.

«Começa a estar em uso entre nós a aceitação do financiamento de empresas industriais e comerciais no fomento de ac-

tividades desportivas, a troca da publicidade dessas mesmas empresas. Tal prática é contrária à ética desportiva, considerada sob o ponto de vista do olímpismo. Tem sido o Comité Olímpico Internacional intransigente na manutenção deste princípio e disso tem dado provas ao chegar à exclusão de atletas dos Jogos Olímpicos.

«O Comité Olímpico Português conhece bem que o nosso meio desportivo é pobre; que as Federações lutam com grandes dificuldades e que precisam de ser ajudadas para que o seu incansável labor produza efeitos; compreende que os dinheiros das apostas mútuas tenham de ser destinados à criação de indispensáveis infra-estruturas e não ao desporto federado como foi primeira intenção, uma vez que o Estado tem de atender a despesas extraordinárias com uma guerra que é de todos e não lhe é possível, como certamente seria seu desejo, desviar mais fundos para o desporto. Tudo isto o Comité Olímpico Português conhece e compreende.

«Mas não pode deixar de evidenciar que a utilização de praticantes de qualquer actividades desportivas como agentes de publicidade, está em desacordo com as Regras do Olímpismo. Até porque, muito embora o praticante não receba para o seu bolso o mínimo proveito, cria de algum modo no seu espírito uma ideia de desporto-compensação monetária e de dependência que é completamente oposta aquela que proclamamos.

«O Comité Olímpico Português ao prestar este esclarecimento não faz mais do que pugnar pela defesa do amadorismo no desporto que é, afinal, a razão de ser da sua existência.

Como é evidente, este comunicado do COP merece algumas considerações já que a velada advertência pode futuramente trazer complicações a atletas amadores que tiveram a «sorte» de nascer num país em que, para correr e se aperfeiçoar atléticamente, é necessário fazê-lo sob os auspícios de marcas de cervejas, produtos de revigoramento alimentar, bancos e electrodomésticos.

Assim, causa estranheza o facto de vir, agora, o Comité Olímpico Português dizer que

lhe competem como tarefas, incitar à prática do exercício físico e auxiliar as federações desportivas. É que para sair da letargia de anos e anos a ver outros correr, a Federação de Atletismo teve de recorrer aos fundos particulares com a contrapartida da publicidade e que, a campanha de propaganda do minibusquete, que decorreu sob o controle das entidades que superintendem no desporto escolar, só pôde fazer-se com o apoio publicitário de firmas diversas, na denominada «Campanha dos 2.000».

Até aqui, que fomento se fez, que desenvolvimento se deu ao que existia, que condições se propiciaram aos melhores atletas portugueses para o seu aperfeiçoamento? Até aqui, quantas vezes saíu o Comité Olímpico a terreiro, reclamando um mais intenso apoio estatal às campanhas desportivas e à generalização da Educação Física? Até aqui, que fez o Comité Olímpico Português, além de inscrever a representação portuguesa nos Jogos Olímpicos?

Verdadeiramente, não fez nada. Mas, ficou puro, senhoril! Continuou a reunir, anualmente e placidamente, à mesa de um hotel lisboeta, em jantar de grande estadiação! Mas, servir-se da publicidade (que por si própria também se serve), nunca! Manchar a nobre ascendência com os detritos da industrialização, isso nunca!

E, entretanto, cá vamos ficando: puros (sim) mas imóveis. Enquanto outros seguem em frente, ainda que os pergaminhos antigos (tenham ou não na orela a marca do barão Pierre) percam o seu brilho.

É que, francamente, preferimos ver mil miúdos à desfilada nos terrenos do Estádio Nacional, levando junto ao número identificador a marca de um produto qualquer, do que enfiar um «smoking» para fazer a reportagem de um jantar de velhos senhores, em que muito se fala mas donde saem, apenas, ideias como a do comunicado em observação.

Puros (sim), mas imóveis eles ficam; a juventude passa e com ela os que a querem ajudar, ainda que seja necessário (a um deputado que está vivo e aqui) andar de chapéu na mão pedindo, auxílio na fábrica da cerveja para compensar o auxílio que não vem da Infante Santa...

PEDRO ESCARTIN ANALISA O JOGO AJAX-REAL MADRID

MADRID — (Por Pedro Escartin, para a Efe exclusivo da Aní em Portugal) — A «Taça dos Clubes Campeões da Europa», ideado o jornalista desportivo francês Gabriel Hanot, chegou às meias finais. Por um lado, defrontam-se o Real Madrid e o Ajax; por outro, o Derby County e o Juventus. Trata-se de dois grandes encontros, mas a paixão geral centra-se no embate entre espanhóis e holandeses. De acordo com os cálculos, o primeiro encontro (que se disputa em Amsterdão, 4.ª feira próxima) renderá ao Ajax, entre bilhetes vendidos e direitos de transmissão pela televisão, mais de meio milhão de dólares. Perto de 12.500 contos! Os holandeses, que marcaram quatro golos sem resposta ao Bayern (de Munique) são considerados favoritos.

Quem disputará a final? Em teoria, o Ajax. No entanto, o Real Madrid (que está em plena subida de forma, e que na Liga ocupa a segunda posição, a dois pontos do Barcelona) rende, na «Taça da Europa», duas ou três vezes o seu normal. E, como em futebol tudo é possível, poderá acontecer que a suposta vítima se torne vencedor... Considero vantajoso jogar-se primeiro fora e depois em casa, como é o caso desta meia final hispano-holandesa, em que o campeão espanhol enfrenta o actual «Monstro» do futebol europeu. Como joga o Ajax? Na época passada (da Liga Holandesa) marcou 120 golos,

e o seu futebol baseia-se no rendimento de uma linha média excepcional, que avança e recua, ataca e defende.

O Ajax possui um fenomenal centrocampista (Haan), a quem vi marcar dois golos ao Bayern, e colocar um potente remate que levou a bola ao poste. É realmente, na média, que está a linha base do campeão intercontinental, e aquela que dá tranquilidade à defesa e entrega a bola em boas condições à linha avançada.

Se o Real Madrid não conseguir travar a linha média do Ajax, isso poderá ser grave, porque é nessa zona que reside a chave do resultado. Que fará o Real Madrid? Bateria-se. Também está a verificar-se subida de rendimento na sua linha média, onde actuam os seus jogadores-base (Pirri e Velazquez). De micro, o Real Madrid jogará com quatro defesas, igual número de homens no meio campo e dois «pontas-de-lança».

Mas este sistema não será permanente: a equipa espanhola procurará o golo, de outro modo toda a equipa adversária cairá no seu reduto defensivo. O Real é, sem dúvida, o clube espanhol de melhor ordem interna. A prova-lo está o facto de que, em 12 anos, teve apenas um só treinador: Miguel Muñoz. O encontro de Amsterdão vai ser difícil, mas atrevo-me a vaticinar que o Real Madrid não regressará «goleado», como aconteceu ao Bayern. Vencido, isso é possível...

"O FARENSE"

Saiu o primeiro número (nova série) do jornal «O Farense», órgão do Sporting Clube Farense, dirigido por Henrique Luís de Brito Figueira. Salientando o facto de o jornal reaparecer quando o clube completa 63 anos de existência, afirma-se em editorial que ele «deseja vir a constituir um elemento activo ao serviço da cidade e do Algarve».

O Traço de Pargana



O sportinguista Alinho



Sporting: novos comandos

Tomaram posse dos seus cargos os novos dirigentes do Sporting Clube de Portugal. Nas fotos que apresentamos podem ver-se o dr. Manuel Nazaré (vice-presidente da direcção) e José Vaz Guedes (director das Actividades Desportivas Amadoras) no acto de assinarem os seus compromissos. O primeiro tomou já conta do lugar de presidente interino da Direcção dada a renúncia do presidente indigitado (dr. Orlando Valadão Chagas) que foi nomeado Secretário de Estado da Juventude e Desportos. O segundo, antigo «internacional» de hóquei em patins, tem igualmente à sua frente um largo esforço a desenvolver.



O portista Abel

HORUS

RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

Inglês em Inglaterra

ANGLO-CONTINENTAL SCHOOL OF ENGLISH

Reconhecido pelo Ministério da Educação
CURSOS PRINCIPAIS INTENSIVOS
CURSOS PREPARATORIOS PARA EXAMES DE CAMBRIDGE
CURSOS DE VERÃO
CURSOS ESPECIAIS para pessoal em Viagem e Turismo
Secretarias Executivas Professores de Inglês Funcionários de Banco pessoal de Hotel e Restaurante

INTERLINK School of English

CURSOS INTENSIVOS
CURSOS DE VERÃO

ACSE International School

CURSOS DE FÉRIAS para menores 10 - 16 anos

Documentação pormenorizada das escolas e cursos em Bournemouth, Londres e Oxford sem compromisso para INTERSCHOOL INFORMATION SERVICE, Ellen F. Broom, Rua Castilho, 38 - 1.º E. Lisboa, Telef. 45698

Nome _____
Rua _____
PP11A

TOYOTA

SERVIÇO OFICIAL

EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO

OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECIALIZADAS
FERRAMENTAL INDICADO
PECAS DE ORIGEM

TABELA DE PREÇOS DE MÃO-DE-OBRA
AFIXADA A PÚBLICO

COTAL A — Rua de Artilharia Um, 105-A e B
COTAL B — Rua dos Lusíadas, 113-A e B

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

SENSACIONAL...

Enceradora	1000\$00
Secadores Cabelo	140\$00
Aspiradores	1200\$00
Frigoríficos Mol	1790\$00
Painéis Pressão	290\$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500\$00
Sofás Camas	1800\$00

Mercado de Electrodomésticos

AV. DUQUE LOULÉ, 77

DESENHADORES

Com muita prática de projectos de electricidade para instalações de alta e baixa tensão, em full-time ou part-time.

Resposta manuscrita indicando idade, habilitações e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 761.



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR — Domine um pouco mais o seu temperamento impulsivo. Poderá ter decepções no terreno sentimental. Mantenha suas emoções sob controle. Poderá consolidar um afecto recente que tem negligenciado até agora.

DINHEIRO — Possibilidades de dinheiro através de negócios de imóveis, mas é preciso evitar os que sejam demasiado arriscados. Sejam quais forem os jogos de azar que lhe proponham, saiba que os astros se opõem a tal actividade. E preciso também ter a maior atenção se tiver de assinar contratos ou fazer novos negócios.

PROFISSÃO — A pouco e pouco registar-se-á uma evolução favorável dos seus assuntos profissionais, e poderá tirar daí o melhor partido. Não se fie nas promessas de terceiros.

SAÚDE — Evite qualquer excesso ou esgotamento. Durma bastante e não deixe de escolher sua alimentação.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR — Um encontro imprevisível lhe proporcionará muitas alegrias no terreno sentimental. Boas possibilidades de fazer progredir os seus assuntos sentimentais, e igualmente todos os projectos em suspenso referentes a esses assuntos.

DINHEIRO — Encontrará uma colaboração muito boa para resolver os assuntos relacionados com os seus negócios. Há indícios de lucros moderados em negócios e transacções financeiras.

PROFISSÃO — Poderá obter sucesso nos assuntos profissionais em curso. Altura favorável para procurar e encontrar apoios úteis. Desfavorável para deslocar-se de qualquer espécie.

SAÚDE — Mantenha a sua calma e em pouco tempo a crise passará. Controle os impulsos de ira.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR — Deixe que a pessoa amada tome as iniciativas e trace os programas para este período. Terá mais alegrias no terreno sentimental. Não fale de mais durante esta semana e não dê ouvidos a falatórios.

DINHEIRO — É conveniente manter em segredo os planos e projectos que tem em mente. As diligências relacionadas com os seus projectos materiais tendem a evoluir favoravelmente. Imponha-se com diplomacia e inteligência, mas tenha em conta as ideias e os desejos dos outros.

PROFISSÃO — A situação, no seu trabalho, exige um esforço um pouco maior do que o costume. Com calma e inteligência breve tudo se normalizará. Profissionalmente não procure fazer as coisas, o sucesso virá na devida altura.

SAÚDE — Seja prudente no decorrer de qualquer viagem que faça.



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR — Mantenha as suas emoções sob controle, poderá ter uma grande decepção no terreno sentimental. Seu tem-

horoscopo

pelo astrologo HORUS

PARA O PERÍODO DE 8 A 14 DE ABRIL

peramento ansioso vos fará sofrer, não se contentando com o que a sorte lhe proporcionar. Procure dominar-se, a situação melhorará.

DINHEIRO — Não fuja a responsabilidades, nem despreze amigos que um dia ainda lhe venham a ser úteis. Os erros de julgamento e se tornarão em explosões de cólera, que apenas destruirão a sua segurança. Empregue as suas energias nas tarefas, e não se deixe iludir por miragens.

PROFISSÃO — Será uma semana muito satisfatória, pois seus esforços serão finalmente reconhecidos. Poderá conseguir um lugar de destaque se agir com inteligência. Uma atitude realista e adaptável permitirá-lhe atingir os seus fins.

SAÚDE — Para acabar com perturbações digestivas, consagre um dia da semana, pelo menos, a um regime de frutas. Use de cuidado não despreze a sua saúde.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR — Haverá muita curiosidade em torno de si e muitos procurarão provocar confidências, mostrando-se interessados em sua felicidade; tenha cautela. O importante é estar em paz com a pessoa que ama. Contudo, Vénus recomenda discrição nos assuntos sentimentais.

DINHEIRO — Não aparecerá nada de interessante no trabalho rotineiro. Entretanto, se tiver algum negócio arrojado em vista, não perca a oportunidade. No entanto há indício de paragem momentânea dum assunto pecuniário.

PROFISSÃO — Não rejeite uma proposta de trabalho antes de a ter examinado atentamente. Será um pouco difícil conciliar as suas opiniões com as das pessoas que vos rodeiam de perto; não insista, pois um projecto profissional pode ainda ter necessidade de ser aperfeiçoado antes de ser executado.

SAÚDE — Evite conservas em geral, antes que mais tarde venham a tornar-se prejudiciais ao seu organismo.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR — Os astros vos arrastarão a sentimentos muito românticos, aos arrebatamentos. Tudo correrá bem se estiver muito seguro da pessoa amada. Vida mundana movimentada, relações de amizade muito agradáveis.

DINHEIRO — Vai entrar num período interessante e muito importante. A sorte está do seu lado; utilize plenamente a sua energia e siga em frente sem receio, sobretudo no capítulo material.

PROFISSÃO — Grande surto de actividades que vos entusiasmará. Aparecerão muitas novidades interessantes. Depois de uma viagem inesperada e não desejada, obterá vantagens num domínio que não suspeitava; procure tirar todo o partido da situação.

SAÚDE — Será boa, desde que não abuse excessivamente das suas forças.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR — A vida sentimental

mostra-se um pouco confusa. Trate de ver dentro de si, próprio e evite qualquer discussão com a pessoa que ama. Se tal tendência não for reprimida, diminuirão muito as suas probabilidades de felicidade. Se souber escolher as amizades poderá ser muito feliz.

DINHEIRO — Perderá dinheiro a tempo se der ouvidos a amigos que apenas se aproveitam da sua amizade em seu próprio proveito. Chegou a ocasião de obter lucros no trabalho de colaboração com sócios e pessoas capazes de ajudá-lo.

PROFISSÃO — Caminhará mais seguramente ao encontro dos seus desejos se se limitar a dedicar-se às coisas de valor permanente. Acima de tudo, fuja aos perigos do egoísmo, da presunção e da teimosia. E uma excelente semana para novas relações, inclusive na vida comercial. Contudo, seja tolerante com as faltas dos seus semelhantes.

SAÚDE — Tenha muito cuidado com a sua pele; afecções a temer.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR — Importante, neste período, é amar e ser correspondido. E é este o seu caso. Fora disso, tudo será supérfluo e sem resultado prático. Período muito bom para o amor. Faça planos para o futuro.

DINHEIRO — Terá satisfação com o rumo que tomarão os acontecimentos durante este período, principalmente se estiver na disposição e assentar um programa orgânico. Em suma: as vibrações favoráveis se fazem sentir na sua vida privada, assegurando o seu progresso, material.

PROFISSÃO — A semana lhe será muito favorável ao trabalho. Cuide da sua correspondência, pois há indícios de que receberá uma boa notícia de pessoas distantes. Os que estiverem prestando a sua colaboração a grandes organizações, assim como servidores públicos, poderão cuidar do seu próprio bem-estar com redobrada confiança.

SAÚDE — Constipação, distúrbios digestivos a temer. Evite gelados.



SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR — Não use de franqueza e lembre-se de que certas regras de psicologia aplicada são de grande eficácia. Saiba dar o rumo que a sua vida sentimental está a exigir. Não se precipite!

DINHEIRO — A semana não se recomenda para empréstimos de dinheiro. As dívidas contraídas agora talvez só muito dificilmente serão saldadas. Não confie demais na sua sorte, embora possa estar certo de que cumprirá todos os contratos que fizer.

PROFISSÃO — Dentro em breve, poderá haver uma grande e talvez total modificação em sua vida de trabalho. Faça tudo com carinho e sempre com cautela. Entretanto, não conte com muita alegria ou liberdade de acção durante este período.

SAÚDE — Poupe a sua vista. Um exame médico lhe será muito útil.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR — Muito cuidado na selecção da criatura a quem se unirá pelos laços matrimoniais, se quiser poupar muitos aborrecimentos. Fuja dos casos secretos e dos amores ilícitos, pois o aspecto de Vénus inclinam às aventuras sentimentais.

DINHEIRO — O período não se apresenta muito favorecido em matéria de dinheiro. No entanto, se tomar as devidas precauções, a sua situação manter-se-á mais ou menos estável, firme. Não são aconselháveis as especulações ou negócios arriscados.

PROFISSÃO — As discussões na sua profissão devem ser muito ponderadas e calculadas, tendo em vista principalmente as condições actuais. Não faça nada precipitadamente. Procure esforçar-se mais no seu trabalho para conseguir melhor posição. Aja com inteligência e diplomacia.

SAÚDE — Disposição a contrair infecções intestinais; faça um tratamento depurativo, ingerindo alimentos leves.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR — As suas influências planetárias aconselham o arbitramento das divergências como o meio mais seguro de solucionar os problemas. Outro aspecto muito favorável ajudará a afastar algumas preocupações, notadamente as relacionadas com crianças, parentes e amigos íntimos.

DINHEIRO — É possível que das relações comerciais, e mesmo dos litígios, surjam novas fontes de renda, a que não serão estranhos os seus colaboradores. Talvez diminuam as críticas e já não seja tão grande a resistência aos seus planos e desejos.

PROFISSÃO — Conte com os conselhos e esforços das pessoas que vos cercam em seu trabalho. Seja compreensivo. Uma posição astral em aspecto adverso esta semana indica que a ocasião não é indicada para mudança de ocupação ou emprego.

SAÚDE — Deve ser um pouco vigiada. Evite os divertimentos seguidos.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR — Serão realizados os seus projectos desde que mantenha uma conduta adequada ao que se propõe. Trate de ser prudente e controlar os sentimentos. Procure fazer um bom programa para o final da semana junto à pessoa amada. Terá muitas surpresas agradáveis.

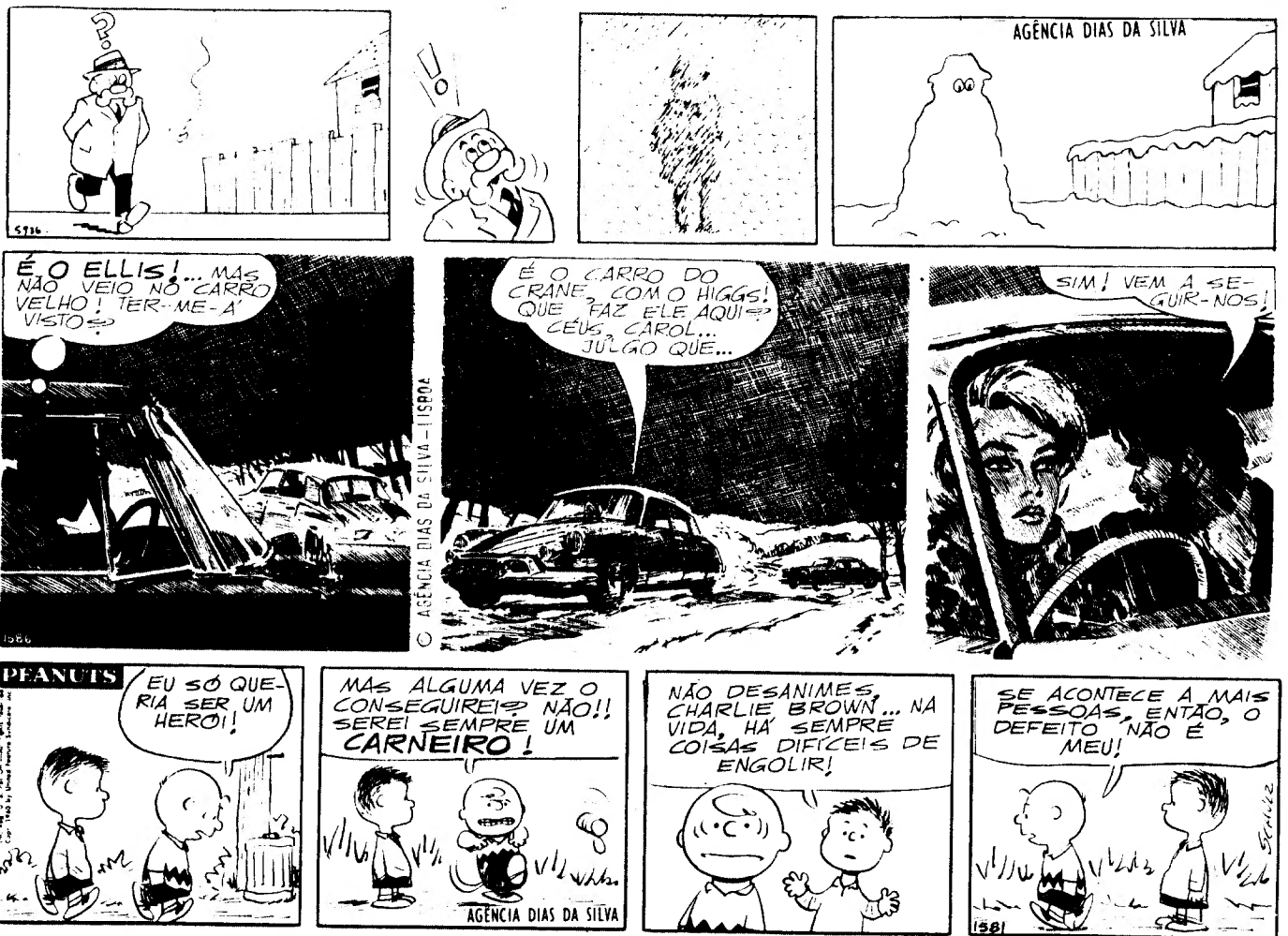
DINHEIRO — A semana será boa para obter acordos de trabalho. Conseguirá melhorar a sua situação financeira. Apresenta-se um período de tranquilidade e satisfação. É provável que recolha agora o fruto de prolongados esforços. Em todo o caso, cuide do que é seu.

PROFISSÃO — Chegou a altura de realizar os seus planos, não seja conveniente esperar por enquanto alterações importantes na sua situação. Confie mais no seu trabalho do que em possíveis ajudas, e reafirme a sua fé nas coisas que para si têm um significado especial.

SAÚDE — Não abuse da sua resistência física; evite desportos violentos.



Estes soldados ingleses que utilizam um detector de metais numa rua de Belfast, não procuram bombas. Nem o IRA tem o UDA têm nada a ver com esta actividade. Os soldados procuram somente uma aliança de casamento perdida por um marido distraído.



palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10392

HORIZONTAIS:

- 1 Sinal. Perceber
- 2 Içais. Arremesso.
- 3 Preposição. Caminhar para cá. Batráquio.
- 4 Nome de mulher. Varas pequenas.
- 5 Rádio (s.q.). General de Napoleão. Rio de Portugal.
- 6 Abreviatura musical, por diminuendo. Rio de Portugal. Artigo definido.
- 7 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Felicidade. Compare (abrev.).
- 8 Abandonais. Atmosfera.
- 9 Antigo Testamento. Emprego. Estímes.
- 10 Cuiques. Tomba.
- 11 Guarneças de arames. Pedras de moinho.

VERTICAIS:

- 1 Roçara. Represa de água onde se afoga o linho para curar.
- 2 Aérea. Assassinar.
- 3 Níme de mulher. Conceder. Ema.
- 4 Irmã da mãe. Nenhuma pessoa.
- 5 Artigo definido. Caminha para cá. Queima.
- 6 Tempo do verbo ir. Grande árvore da Índia.
- 7 Ir para fora. Ofereças. Cartas de jogar.
- 8 Engatam. Antes de Cristo.
- 9 Bismuto (s.q.). Irmão do pai. Desejam.
- 10 Vagueias. Incinero.
- 11 Rates. Abreviatura que se usa em música. Sadias.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6548

HORIZONTAIS:

- 1 Ruminante de Angola. Acariñar.
- 2 Eia! Ruído. Abreviatura que se usa em música.
- 3 Montão. Inerte.
- 4 Assanha. Grande árvore da Índia.
- 5 Toucinho fresco. Vagueias.
- 6 Ir para fora. Faísca.
- 7 Mau cheiro.
- 8 Pertences. Defunto. Prefixo que designa afastamento.
- 9 Rosto. Carta de jogar.
- 10 Tremor de terra. Nome de uma espécie de cobra.
- 11 Divisões de uma casa. Reza-ra.

VERTICAIS:

- 1 Cria-m. Erras.
- 2 Exclusivas. Rainha da Arábia também conhecida por Belkiss.
- 3 Requestrar. Pátria. (Inv.º)
- 4 Apre! (inv.º). Saco de couro ou pano fechado com cadado.
- 5 Campeão. Irmão de Moisés. Ôsmio (s.q.).
- 6 Rasgue. Perfume.
- 7 Habitaria. Pedra de altar.
- 8 Uma das Novas Hebridas na Melanésia. Preposição e artigo. Desejar.
- 11 Duna na Suécia. Agita.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10391

- HORIZONTAIS:**
- 1 Barra. Secar.
 - 2 Amuar. Curta.
 - 3 Toas. QUEM.
 - 4 Ari. TEM. Aia.
 - 5 Se. Ar. Es. Ms.
 - 6 Saca. Tara.
 - 7 Destina.
 - 8 Amam. Abro.
 - 9 Mio. Neo. Aer.
 - 10 AC. Pampa. CM.
 - 11 Rosto. Assoe.
- VERTICAIS:**
- 1 Batas. Mamar.
 - 2 AMORES. Mico.
 - 3 Ruai. Adão.
 - 4 Ras. Acém. Pt.
 - 5 Ar. Trás. NÃO.
 - 6 Ge. Trem.
 - 7 So. Meti. Opa.
 - 8 Que. Sana. As.
 - 9 Crua. Raba.
 - 10 Aterma. Reco.
 - 11 Ramas. DORME.

PROVÉRBO: Quem tem amores não dorme.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6547

- HORIZONTAIS:**
- 1 Cabai. Ameal.
 - 2 Amaro. Lesma.
 - 3 Luta. Apas.
 - 4 Cai. Asa. Eis.
 - 5 Armas. Morna.
 - 6 Aans. Arão.
 - 7 Doira.
 - 8 Areal. Risca.
 - 9 Ris. Ias.
 - 10 Coser. Tacos.
 - 11 Asara. Acaso.
- VERTICAIS:**
- 1 Calca. Marca.
 - 2 Amuara. Rios.
 - 3 Batina. Essa.
 - 4 Ara. Anda. Er.
 - 5 Ló. Assolara.
 - 6 Es.
 - 7 Al. Amarrata.
 - 8 Meã. Ora. Ac.
 - 9 Espera. Sica.
 - 10 Amaino. Caos.
 - 11 Lassa. Casso.



ALÔ NICO! VAI DE PRIMAVERA?

MINISTÉRIO DO ULTRAMAR
AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR

CONHEÇA O ULTRAMAR

Cruzeiros Aéreos a Angola

Promovidos e subsidiados pela AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR e pelo ESTADO DE ANGOLA.

— 3 a 18 de Junho.
— 8 a 23 de Julho.

15 dias em Angola, incluindo viagens, hotéis (pensão completa) e excursões — 11 500\$00.

Inscrição-se IMEDIATAMENTE.

INFORMAÇÕES: Agência-Geral do Ultramar

Avenida Ilha da Madeira — Lisboa

UMA CASA ESPERA POR SI!



Apartmentos de luxo de 2 ou 3 assoalhadas, alcatifadas, paredes forradas a papel ou pintadas à sua escolha, com caixilharias de alumínio, cozinhas tipo americano equipadas com armários "SIAF" louças modernas tipo italiano, azulejos de cor, aquecimento eléctrico

LOCAIS A SUA ESCOLHA!

SÃO SEBASTIÃO DE GUERREIROS
2 KMS APÓS LOURES E A 15 KMS DA P. MARQUES DE POMBAL

SANTO ANTONIO DOS CAVALEIROS
JUNTO A PLACA DA FLAMENGA A 10 KMS DA P. MARQUES DE POMBAL



Sociedade Portuguesa de Obras de Construção Lda.

Rossio-74-3°
Telfs.

35438 · 35521 · 366257

PLANO FINANCEIRO

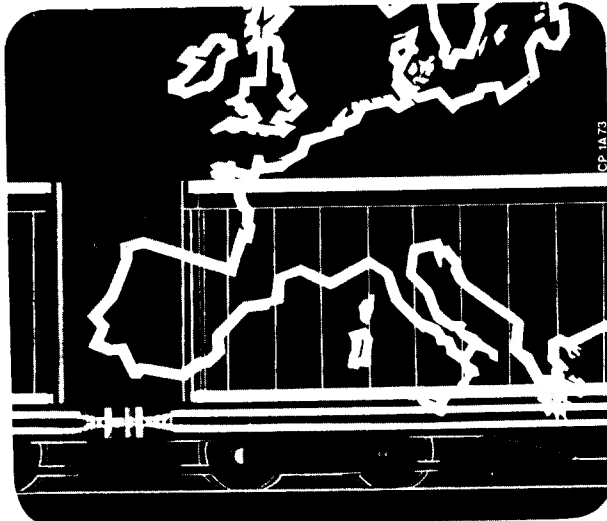
10%	20%	10%	60%
SOCIEDADE	NAUTICA	EM 36	36
CONTRATO	DA	PRETENSÃO	PRETENSÃO
PROMISSA	ENERGIA	MENSUAL	CONTRATADA
DE COMPRA	DIA	1000	1M
SENDA	CHAVE	SUCCESSION	HIPOTECA

As condições de crédito são de acordo com o plano financeiro.

Para o transporte internacional de grandes contentores, toda a rede ferroviária europeia está ao seu dispor através da INTERCONTAINER

Consulte o seu Transitário ou os Caminhos de Ferro Portugueses

Lisboa Rua Vitor Cordon, n.º 45
Telef.: 36 69 35, 36 72 36
Porto Estação de S. Bento Telef.: 22 7 55



televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)
Variedades
«Domingo à Noite»

No espectáculo desta noite actuam os seguintes artistas: Branco de Oliveira, Suzy Paula, Paulo Jorge, Florbela Queirós, Norberto de Sousa, Jimmy Helnes, Ana Margarida Jacopetty, Madalena Soveral Torres, Max, o ballet «Domingo à Noite» e conjunto Korean Kittens.

2.º Programa
Antologia
«Um Homem Solitário»

MADEIRA SIEMENS
ISLAND

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do senhor
13.30 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.30 Tarde de cinema
16.20 «Vontade indomável»
16.45 TV infantil
17.40 Ténis - continuação
18.10 Domingo desportivo
18.40 Ténis - continuação
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 «A Gruta das Fadas»
20.00 TV 7
21.00 «Agente Secreto à Força»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Domingo à noite
23.45 Domingo desportivo
24.00 Telejornal — 4.ª edição
00.05 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «O Regresso de Lucy»
21.00 Dó lá si
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Folclore no mundo
22.30 Antologia «Um Homem Solitário»
O E F E C H O

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «A Família Partridge»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite

2.º Período

19.00 TV educativa — Língua Portuguesa
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV juvenil — vida subaquática
20.00 Motores em marcha
20.30 Portugal além da Europa. Entrevista com o escritor Oliveira e Castro.
21.00 Desenhos animados «Merrie Melodies»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Columbo»
23.30 Telejornal — 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vivendo o futuro
21.00 «A Família Partridge»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Museu do cinema e fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.10
OCASO ÀS 20.07



DIA 10 DIA 17 DIA 25 DIA 3



EMISSORA 1. PROGRAMA

15.30 Tarde Desportiva — Rádio desporto — Futebol — Relatos e informações dos jogos da 5.ª Eliminatória da Taça de Portugal — Actividade desportiva
18.30 Música sem palavras
19.10 Música da Europa
20.00 Diário Sonoro
20.20 Êxitos emparada
21.00 Rádio Desporto
21.30 Variedades (ERN)
22.00 Teatro das Comédias: «O SEGREDO DE ARVERS», De Jean Jacques Bernard
22.35 Música Portuguesa
23.05 Sol e toros
23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia
00.30 Diário Sonoro
00.45 De um dia para o outro (continua)
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio universidade
00.00 Junção com o 1.º programa
2.º Programa
16.00 Onda Musical
18.30 Concerto de Domingo-Inter-câmbio Musical
20.00 Diário Sonoro
20.20 Suite de Danças (Corelli)
20.30 As grandes figuras do Mundo Português
21.00 Recital de Piano por Helena Moreira de Sá e Costa
21.30 Que quer ouvir?

23.00 Emissão em línguas estrangeiras

01.15 Fecho

PROGRAMA EM MF2

15.30 Quarteto para piano e arco (William Walton)
16.00 Música Sinfónica:
16.30 2.º Acto da ópera «Linda Di Chaimounix» (Donizetti)
17.20 Concerto em Ré Maior, Op. 61. Para violino e orq.ª (Beethoven)
18.00 Solos de piano — Obras de Debussy e Mussorgsky
18.30 Junção com o 2.º programa
PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF 2
21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical: no intervalo: Liedes de Richard Strauss pelo barítono D. Fischer-Dieskau
23.30 Música de Câmara
00.18 Obras de Turina e Ravel.
00.58 Fecho

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

15.55 Tarde Desportiva
18.00 Chave do tótopola
18.02 Projectão
18.33 Meia hora depois
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Radio 73»

20.00 Noticiário
20.15 Comentário desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 A estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
22.35 Mensagens bíblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Pêndulo
18.00 Chave do tótopola
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa a Gô-Gô
23.00 Noticiário
00.02 Em Órbita-Dois
01.02 Banda Sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

14.45 Onda desportiva
17.30 Camarada
18.05 Automobilismo
18.30 Terço e missa
20.05 Zona verde espaço ocupado pela família
20.35 Intervalo
20.55 Meditando
21.08 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Programa dos sócios
23.05 23.ª Hora

● cinemas ●

LISBOA

TURNO B-1

ATE AS 22 HORAS

AJUDA

Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Tel. 637777)

ALVALADE

Paris, Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 710131); Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803); Neoterapia, Campo Grande, 138 (Tel. 746882)

AREEIRO

Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus) (Tel. 724941)

ARROIOS

Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (Tel. 45079)

BAIRRO ALTO

Labor, Rua Diário de Notícias, 81 (Tel. 323428)

BAIRRO AMÉRICA

Martins, R. Fernão Magalhães, 33 (Tel. 849448)

BAIRRO DA ENCARNACÃO

Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)

BAIXA

Estácio, Rossio, 63 (Tel. 327067-324224)

BENFICA

Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532)

CAMPOLIDE

Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304)

CAMPO DE OURIQUE

Portirio, Rua Francisco Metrass, 59 (Tel. 663349)

CARNIDE

Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO

Davi, Rua Conde Redondo, 68-72 (Tel. 54342)

ESTRELA

Soares, Av. Pedro Álvares Cabral, 1 (Tel. 684282)

GRAÇA

Mourão, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700)

INTENDENTE

Góis, Rua dos Anjos, 12-12-D (Tel. 840101)

LUMIAR

S. Tomé, Estrada do Desvic, Lote 12-C (Tel. 790704)

OLIVAIS

S. Paulo, Rua José de Campos, Lote 823 (à Estrada de Moscavide) — Olivais Sul (Tel. 310711)

RESTELO

Occidental, Rua D. Jerónimo Osório, J. M. P., 3 (Tel. 610256)

SANTOS-O-VELHO

Fontoura de Carvalho, Rua Santos-O-Velho, 12 (Tel. 662075)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Sagres, Av. Luiz Bivar, 69 (Tel. 47213)

XABREGAS

Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel. 383800)

TURNO B-2

TODA A NOITE

AJUDA

Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288)

ALFAMA

Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)

ALVALADE

Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 45-A (Tel. 710465); Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070)

AREEIRO

Onilda, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848)

AVENIDAS NOVAS

Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); Universal, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158)

BAIRRO ACTORES

Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842152)

BAIRRO DAS COLÓNIAS

Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122)

BAIXA

Morão, Rua da Assunção, 17 (Tel. 321289)

BENFICA

Sousa, Estr. da de Benfica,

CAMPO GRANDE

(Ver Alvalade e Lumiar).

CAMPO DE OURIQUE

Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760)

CAMPO PEQUENO

Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776)

ESTRELA

Martins, Calçada da Estrela, 167 (Tel. 660823); Paivas e Parvente, Rua de Santo António à Estrela, 96 (Tel. 665196)

LUMIAR

Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)

MARVILA

Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612)

OLIVAIS

Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B. 4) Lote 43 — Zona Poente (Olivais Sul) (Tel. 310026)

PENHA DE FRANÇA

Nova Luz, Rua Domingos Aardo, 28-A, à Avenida D. Afonso III (Tel. 843439)

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Tel. 720703-728395)

REGO

Pratas e Mota, Rua Beneficência, 91 (Tel. 773728)

RESTELO

Tavares, R. Rodrigo Rainel, 3-A (à encosta do Restelo — próximo dos Moinhos) (Tel. 611814)

SANTO AMARO

Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)

S. PAULO

Central, Rua de S. Paulo, 108 (Tel. 320383)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)

CAXIAS

Nova R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS

Trindade Brás R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS

Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)

PAREDE

Alair, Av. Gago Coutinho-B.º DAS Caixas de Previdência (Tel. 2472948)

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL

Suiza, Cruzeiro (Tel. 260087)

CASCAIS

Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170)

Nova Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019)

Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485)

Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)

DAMAIA

Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ

Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045)

Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM

Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS

Quilma, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Tel. 980456)

SINTRA

Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES

Colares, Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA

Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO

Piçarra, Av. do Bocado, 65-A (Tel. 2074771)

COVA DA PIEDADE

Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA

União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO

Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156)

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL

Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (Tel. 22408)

Portugal, R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

3.º TURNO

SUB-TURNO A

Alves, R. Rodrigues de Freitas, 167. Clerigos (dos), Rua dos Clerigos, 36. Cruz (da), Rua Costa Cabral, 1082. Maia, Rua do Campo Alegre, 192. Monte dos Burgos, Rua do Monte Burgos, 802

SUB-TURNO B

Aliança, Rua da Conceição, 2. Botelho, Rua da Alegria, 863. Estácio, Rua da Bandeira, 120. Guaraní, Rua Pedro Hispano, 367. Menezes de Lima, Pr. Dr. Ped. Teo. Peres, 217. Vilarinha (da), Rua da Vilarinha, 161

COIMBRA

TURNO I

Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (Tel. 22804); Universal, Pr.º 8 de Maio, 35 (Tel. 23744); Adriana, Pr.º DA República, 20-22 (Tel. 23609)

CINEMA CASTIL

(Tel. 530194)

15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45

Grupo B (10 anos)

10.ª Semana

Technicolor Barba Streisand e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR»

Rua Castilho - Metro Rolunda - Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL

(Tel. 555131)

15.15 - 18.15 - 21.30 - 2.ª Semana

(Grupo D 18 anos)

Eastmancolor O CASO VALACHI com Charles Bronson e Lino Ventura. Realização de Terence Young

SATÉLITE

(Tel. 555131)

15.00-17.00-19.00 e 21.45

(Grupo D 18 anos)

8.ª e última semana

«O ÚLTIMO A RIR», um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO

(Tel. 555134/5)

15.15 e 21.30

(Grupo C - 14 anos)

Panavisioncolor Cantinflas em «D. QUIXOTE» cavaleiro de novo (Metro: Alameda)

ESTÚDIO

(Tel. 555134/5)

15.30 - 18.30 - 21.45

(Grupo D 18 anos)

Um filme de René Allio «OS CAMISARDOS» Quem são? Porque entram? Em nome de quê? (Metro: Alameda)

CONDES

(Tel. 322523/326710)

14.00-16.30-19.00 e 21.45

(Grupo B (10 anos) 7.ª Semana

Colorido. A mais excitante aventura jamais filmada «A AVENTURA DO POSEIDON», com Gene Hackman, Ernest Borgnine, Red Buttons, Carol Lynley e Stella Stevens.

MUNDIAL

(Tel. 538743)

18.30 e 21.45

(Grupo D 18 anos)

2.ª Semana de encontros. Richard Burton, Romy Schneider e Alain Delon na recente obra prima de Joseph Losey «O ASSASSINATO DE TROTSKY», um dos mais discutidos e apaixonantes do nosso século. A noite o filme é exibido sem qualquer interrupção.

APOLLO 70

(Tel. 763319)

15.15, 18.30 e 21.45

Grupo B (10 anos, Technicolor. Um filme incomparável! «O HOMEM DAS MULHERES», com Jerry Lewis

ESTÚDIO 444

(Tel. 779095)

15.30, 18.30 e 21.45

(Grupo D 18 anos)

A mais poderosa obra prima de John Huston. «CIDADE VISCOSA»

TIVOLI

(Tel. 50595)

15.15 - 18.30 - 21.45

(Grupo C-14 anos)

Technicolor. Panavision. A última palavra sobre o amor... «SEGUIE-ME QUERIDO», Topol-Mia Farrow.

EUROPA

(Tel. 661016)



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º, 2.º E - 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. GIBOA TELEF. 1363
LISBOA - PORTUGAL

NOTA OFICIAL DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Dos Serviços de Informação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, recebemos a seguinte nota oficial:

A Comissão dos Direitos Humanos da ONU apreciou no decurso da sua 29.ª sessão, que teve lugar em Geneve entre 26 de Fevereiro e 6 de corrente, o relatório elaborado pelo seu grupo «ad hoc» de peritos acerca de violações de direitos humanos e manifestações graves de colonialismo e «apartheid» na África Austral.

A propósito do referido relatório e tendo em vista a falta de objectividade com que nele são apreciados aspectos relacionados com o nosso País, o representante permanente de Portugal em Geneve endereçou ao presidente daquela comissão a seguinte carta:

«Conforme se referiu já na carta endereçada ao presidente da 26.ª sessão dessa Comissão pelo Encarregado de Negócios de Portugal junto da ONU, em 19 de Março de 1970, é bem conhecida a posição do Governo português relativamente ao «grupo ad hoc de peritos» para dispensar uma repetição das várias razões oportunamente invocadas no sentido de demonstrar a ilegalidade da constituição e do mandato daquele órgão que se dão aqui por reproduzidas.

Não obstante esta sua posição de princípio, não pode o Governo português deixar de formular alguns comentários ao documento circulado em 1 de Fevereiro passado sob a cota E/CN. 4/1111 que insere o último relatório que o referido «grupo ad hoc» elaborou com destino à actual sessão da Comissão dos Direitos Humanos.

Deve começar-se por notar que no Relatório agora publicado certas províncias africanas de Portugal são nele designadas como «territórios africanos sob dominação portuguesa». Tal designação, além de ilegal, traduz manifesto intuito injurioso. Conhece bem essa Comissão a posição portuguesa perante o Cap XI da Carta das Nações Unidas. Sabe bem essa Comissão que Portugal não possui territórios não autónomos. Caberá, pois, perguntar qual a disposição da Carta ou do Direito Internacional positivo que contempla e regula especificamente a categoria de «territórios sob dominação estrangeira».

Em segundo lugar, parece que investigações e juízos em que se quer fazer assentar conclusões e recomendações deveriam processar-se sob a mais rigorosa independência e isenção. É elementar. São princípios gerais que a Comissão dos Direitos Humanos, talvez mais ainda que qualquer outro órgão, deveria escrupulosamente respeitar. Lamenta-se verificar que tal não acontece.

Com efeito, principia-se por não se assegurar na própria composição do grupo «ad hoc» o respeito desses princípios. Parte relevante dos seus membros quer pela sua filiação nacional e política quer ainda pela sua própria profissão não podem oferecer as necessárias garantias de isenção. Mais: nas suas declarações, constantes das actas das reuniões do grupo, alguns membros não encobrem a sua ideologia, não cuidam sequer de esconder o seu sectarismo.

Pelo que respeita às «testemunhas» que depuseram perante o grupo «ad hoc» foram elas seleccionadas expressamente nas fileiras dos grupos implicados em actividades terroristas anti-portuguesas ou entre outros inimigos declarados de Portugal. É evidente que todas haveriam de necessariamente declarar o que se esperava para «fundamentar» o processo de distorção que o grupo «ad hoc» se propôs desde o seu início. Assim, enumera-se um rol de atrocidades das autoridades portuguesas, repetem-se acusações infundadas de discriminação racial e referem-se pretensos casos de exploração.

Mas bastará a simples leitura dos depoimentos feitos para qualquer pessoa sem posições preconcebidas verificar que as acusações formuladas, pelo seu absurdo, quase se tornam grotescas. Cada testemunha esforça-se, aliás, por suplantar a anterior na descrição de casos imaginários e inverosímeis.

Mais uma vez se verifica que o grupo «ad hoc» persistiu em ignorar totalmente os depoimentos insuspeitos das variadíssimas entidades que ao longo dos últimos anos têm livremente visitado o Ultramar português.

Tem o grupo «ad hoc» conhecimento das visitas efectuadas pela Cruz Vermelha Internacional, sempre que o tem solicitado ao Governo português, aos locais por ela escolhidos. Tem, pois, necessariamente conhecimento dos Relatórios elaborados acerca dessas visitas pelos quais se verifica que os delegados da Cruz Vermelha Internacional encontram condições de detenção normais e satisfatórias. Mas as conclusões a que chegaram esses delegados não interessam ao grupo «ad hoc» porque não estão na linha da sua orientação demagógica bem expressa, aliás, no Relatório agora publicado. Em vez de aproveitar elementos de facto, o grupo «ad hoc» limita-se a pôr em dúvida a seriedade e objectividade de um organismo internacional, distorcendo mais uma vez contra Portugal elementos que não pode negar, formulando acusações que pela consideração que temos pela Cruz Vermelha Internacional nos abstermos de comentar mais.

Por tudo o que atrás fica dito, o Governo português não pode responder a ataques do tipo que lhe são feitos no Relatório sem quebra do respeito que deve a si mesmo e à Nação portuguesa. Limita-se, pois, a rejeitar categoricamente as conclusões e recomendações do mesmo que, além de falsas e tendenciosas, reputa de injuriosas e a recordar que o Ultramar português continua aberto a todos os que sem sectarismos o desejem visitar para ali observarem a realidade portuguesa.

CHILE:

AS CRÍTICAS DA EXTREMA ESQUERDA

SANTIAGO DO CHILE, 8 — (FP) — Pouco mais de um mês depois das eleições legislativas, a extrema esquerda chilena acaba de entrar em conflito com o governo de Unidade Popular do presidente Salvador Allende.

O «Movimento da Esquerda Revolucionária» (MIR) publicou ontem uma declaração muito severa para o governo. Principal formação da extrema esquerda, o MIR agrupa os revolucionários mais intransigentes e opostos à esquerda clássica que entende reformar sem violência as estruturas económicas e sociais.

Pela primeira vez, desde que, em 1970, subiu ao poder

a coligação dos comunistas, socialistas, radicais e cristãos de esquerda, o MIR critica directamente o presidente da República, enquanto que, até este momento, só tinha atacado o Partido Comunista.

O MIR acusa «o reformismo» de «se preparar para fazer arranjos com os sectores patronais, a fim de garantir a estabilidade governamental em detrimento dos interesses das camadas populares».

Essas críticas seguem-se a uma série de incidentes ocorridos na semana passada, para «reorganizar» a distribuição dos produtos de primeira necessidade. Nos recontros com as forças da ordem houve uma dezena de feridos.



CANÇÕES DE TRÊGUAS

A paz foi prolongada para os resistentes de Wounded Knee e os membros do Movimento do Índio Americano (AIM) cantam e executam melodias tradicionais em volta de um tambor. A reserva de Wounded Knee, tristemente célebre para os índios americanos, foi ocupada em fins de Fevereiro como protesto contra a discriminação de que são alvo.

Acusação de um alto funcionário

Os E.U.A. fornecem armas para a guerra no Ultramar

WASHINGTON, 7 (R) — O presidente da subcomissão dos Negócios Estrangeiros da África da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, Charles Diggs, afirmou hoje que o embargo norte-americano de armas para a África do Sul e para os territórios portugueses em África tem sofrido intensiva erosão.

A principal testemunha presente David Newsom, subsecretário do Estado dos Assuntos Africanos, desmentiu energicamente as acusações, declarando que a política norte-americana tem sido coerente desde a década dos anos 60.

Os Estados Unidos vendem equipamento destinado unicamente a uso civil — afirmou. Admitiu que esse material podia ser utilizado para

fins militares, mas sublinhou que todas as vendas foram cuidadosamente examinadas para se certificar de que não seriam desviadas para objectivos bélicos.

«Até agora — assegurou — não há provas concluintes de violações ao embargo».

Newsom manifestou-se inquieto pelas «repetidas alegações relativamente ao comércio dos Estados Unidos com a África do Sul, de que existiriam zonas escondidas da política norte-americana para a África do Sul como o sugerem alguns depoimentos». Nós temos consistentemente seguido à letra a nossa política declarada», — acrescentou.

Têm-se registado numerosas visitas de barcos norte-americanos aos portos do território português de Moçambi-

que e numerosas visitas oficiais de pessoal diplomático americano às zonas de guerra de Moçambique — prosseguiu.

«No contexto da comunicação intensificada com o inimigo, vemos os Estados Unidos tornarem-se cada vez menos interessados em manterem uma forma de comunicação mesmo reduzida com os movimentos de libertação e com todos os opositores do racismo e ao colonialismo na África Austral — acrescentou.

O subsecretário de Estado defendeu a sua visita a Lisboa, no mês passado, declarando que fora animada pelo propósito de explicar plenamente a política dos Estados Unidos para a África e de compreender o ponto de vista português quanto aos seus territórios africanos.

O G.R.P.

ACUSA SAIGÃO

SAIGÃO, (F.P.) — O GRP acusou hoje o Governo saigonês de retomar o terreno ocupado pelas forças da FNL, em

vários pontos do Vietname do Sul. Essas acusações foram feitas pelo chefe da delegação do GRP à comissão militar mista, Coronel Duong Minh Thao, que dava uma conferência de imprensa no Campo Davis. «As forças governamentais, muitas vezes apoiadas pelos blindados e pela aviação, atacam tanto no norte do país, como no centro e no delta» — disse.

Perguntado a respeito de Tong Le Chan, a base de «Rangers» situada ao norte da região saigonense e cercada há mais de um mês pelos comunistas, o coronel Thao atribuiu a responsabilidade dos combates ao Governo de Saigão. Thao Leu, por outro lado, um projecto de apelo elaborado pelo GRP, chamando ao estrito respeito pelo cessar fogo as duas partes vietnamitas beligerantes.

Menos de 200 representantes na comissão militar mista, isto quando o Acordo de Paris prevê para cada uma das duas partes 825 membros, pelo menos.

O ESTREITO DE ORMUZ

Continuação da pag. 1

tiveram lugar até agora entre funcionários dos dois governos, segundo as mesmas fontes. Porém, a letra do projecto não pode deixar de causar protestos no Iraque, que o Irão considera como o seu principal rival no domínio do Golfo.

É provável que o esquema encontre também uma forte oposição por parte da União Soviética, cujos navios estão a começar a movimentar-se para o Golfo — com muita consternação para o Irão.

O Irão tornou claro em muitos discursos o seu desejo de fazer do Irão a maior potência militar do Golfo e o seu protector principal contra a penetração de influências radicais do exterior. Visou igualmente as principais potências para não tentarem preencher o «vazio» deixado pela retirada das

forças britânicas da área do Golfo em fins de 1971.

O plano para controlar o tráfego marítimo através do estreito é, na opinião de um perito em assuntos do Golfo, «outro passo no claro desejo do Irão de se tornar a potência soberana naquela área, não apenas no Golfo, mas, também, nas águas que se afastam dele».

De facto, em recentes discursos, tem indicado claramente que considera como «perímetro de segurança» do Irão a zona que se prolonga para além do estreito e se entende pelo Oceano Índico.

Com apoio tácito dos Estados Unidos, com os quais o Irão estabeleceu um contrato para a compra de mais de 2 000 milhões de dólares de armamento, o Irão está empenhado numa edificação das

forças armadas do país.

Uma das principais preocupações primárias do Irão é a instabilidade potencial dos Estados e xecados conservadores do golfo árabe, sete dos quais estão agrupados na frágil união dos emiratos árabes.

O Irão disse a visitantes recentes que considera estes ricos mini-Estados, e até mesmo a Arábia Saudita, maduros para a subversão e altamente susceptíveis a golpes de Estado.

O Irão tem insistido com os chefes de muitos destes Estados no sentido de levarem a cabo reformas sociais por forma a evitar golpes por parte de elementos radicais.

O Irão tem igualmente enviado, em silêncio, uma força de várias centenas de homens, incluindo pilotos de helicópteros, para Oman, onde o sultão

Ibn Qabus, de tendências reformistas, está empenhado numa guerra contra os guerrilheiros radicais na província de Dhofar, no Omã ocidental.

O sultão está a gastar cerca de 60 por cento do orçamento de Oman, calculado em 130 milhões de dólares, com a guerra, e tem procurado o auxílio dos Estados do Golfo que se mostram amigos. Tem conseguido, de longe, muito mais auxílio do Irão, um Estado não árabe, do que de Arábia Saudita, que está mais imediatamente ameaçada pelo movimento de guerrilha radical.

Se Oman viesse a cair nas mãos dos radicais, os navios petrolíferos que tivessem de atravessar o estreito de Ormuz poderiam tornar-se alvos fáceis para a artilharia postada na extremidade da península de Musadun.